

Universidade de São Paulo - Escola de Comunicações e Artes

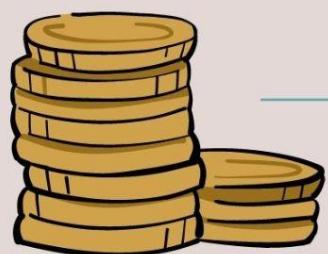
A Vida Financeira do Escritor

**Perspectivas e possibilidades de quem vive
da escrita artística no Brasil hoje**

**Ana Gabriela
Zangari Dompieri**

**Orientado por Prof^a Dra Cremilda
Celeste de Araújo Medina**

**São Paulo
2023**



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

ANA GABRIELA ZANGARI DOMPIERI

A VIDA FINANCEIRA DO ESCRITOR

Perspectivas e possibilidades de quem vive da escrita artística no Brasil hoje

CJE| ECA| USP

SÃO PAULO

2023

ANA GABRIELA ZANGARI DOMPIERI

A VIDA FINANCEIRA DO ESCRITOR

Perspectivas e possibilidades de quem vive da escrita artística no Brasil hoje

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Departamento de
Jornalismo e Editoração da Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo (ECA USP)

Orientadora: Prof^a Dr^a Cremilda Celeste de
Araújo Medina

CJE| ECA| USP
SÃO PAULO
2023

A todos que sentem e sonham.

Agradecimentos

Em primeira instância, agradeço aos escritores que aceitaram participar do trabalho de uma, até então, desconhecida, sobre um tema que pode ser visto como privado ou até desconfortável.

Além do grande aporte que fizeram ao trabalho, sem o qual não seria possível erguer as suas demais estruturas, os encontros e conversas se concretizaram, cada um à sua maneira, como um grande prazer para mim.

Foram uma honra e uma delícia as horas passadas com Antonio Prata, José Falero, Caco Pontes, Dalva Maria Soares e Ricardo Ramos Filho. Também agradeço à Aline Bei, que não foi propriamente entrevistada, mas com quem tive um encontro marcante no processo do trabalho.

Agradeço a todos que colaboraram indicando pessoas, respondendo às minhas tentativas de contato, compartilhando relatos, experiências, frustrações, se prontificando a pensar junto sobre o tema proposto. Encontrar as pessoas com o perfil procurado exigiu muitas cabeças e suas redes postas em ação.

À Profa. Dra. Cremilda Celeste de Araújo Medina, agradeço por todos os incentivos, desde os de ordem prática, até os relacionados à libertação criadora. Isso, além das diversas reflexões propostas, sem nunca perder de vista os valores da humanidade, complexidade e autonomia. Abraços aos colegas pesquisadores do grupo, de quem pude conhecer um pouco da jornada científica ao longo do percurso; é muito bom, em momentos de cansaço, levantar a cabeça e avistar outros progressos acontecendo ao redor da sua trilha individual.

Com meus amigos João Gabriel, Crisley, Lígia e Daniel compartilho um convívio que, de modo natural, foi criando um espaço coletivo para a literatura e a arte. Aos poucos ele se fortaleceu e, hoje, creio, influencia ou encoraja todos nós em nossas escolhas. Nesse acampamento permanente levantado sobre nossos cotidianos, o sonho é sonho que se sonha junto; tem lugar. Por isso agradeço.

Agradeço à Universidade de São Paulo por poder levar seu honrado nome mundo afora, seja, por exemplo, na Espanha, onde realizei meu intercâmbio, seja nos diferentes mundos que existem dentro do Brasil. Agradeço também pela experiência formadora dos últimos anos e pela oportunidade de viver o processo feliz deste trabalho como encerramento.

Destaco as seguintes palavras, ainda pensando no tema aqui abordado: agradeço imensamente ao meu pai e à minha mãe, que, desde sempre, deram enorme importância à qualidade da minha subsistência, não apenas material, mas também intelectual. Obrigada.

Sumário

Apresentação.....	9
Segundo sinal.....	11
Às Entrevistas.....	13
CACO PONTES.....	14
Autonomia e os terceiros (ou segundos?).....	16
Outros projetos e rentabilidade.....	18
Momentos de maior escassez.....	19
Começo e caminhada.....	19
O que é sucesso?.....	20
Criação: resistência.....	21
ANTONIO PRATA.....	24
A rotina e a divisão de tempo por tarefas.....	28
O preço da crônica.....	29
Modo de trabalho e ambientes.....	29
Filhos, contas e outras rendas possíveis como escritor.....	30
JOSÉ FALERO.....	32
O que paga?.....	34
Quanto dinheiro é ‘dar para se sustentar’?.....	35
Outras opções profissionais que habitam o horizonte de um jovem pobre e rebelde.....	36
Sagas do mesmo José Falero em outra vida profissional.....	37
Escrita e subempregos: Planejamento financeiro comparado.....	38
Pagamentos da escrita e o contexto econômico-social.....	39
Sonhar-se escritor.....	41
Do EJA à Editora Todavia.....	42
Literatura e desenvolvimento humano.....	45
Foi difícil, mas o rapaz conseguiu vencer a forte vontade de faltar ao serviço naquela segunda-feira, 2 de fevereiro de 2009. E quando finalmente dignou-se a sair de casa para ir trabalhar, sem a menor esperança de que aquele se revelasse um dia melhor do que outro qualquer, o sol vigoroso veio se alojar sobre seus ombros de cabide, como se o peso da mochila já não fosse desconforto suficiente para aborrecê-lo. A claridade fez seus olhos doerem um pouco, pelo que ele lançou uma careta inútil contra a imensidão do céu azul, à guisa de protesto, enquanto enfiava entre os beiços ressecados um de seus cigarros vagabundos.....	47
DALVA MARIA SOARES.....	48
Alegrias, marcos e situação financeira atual da Dalva escritora.....	51
Situação financeira como professora e remuneração na literatura além do livro.....	52
Estratégias de venda, autopublicação, o rolê independente e grandes editoras.....	54
Nas livrarias.....	56
‘Pacto Narcísico da Masculinidade’.....	57
Mulheres e a independência financeira.....	60
Um pé por vez: “Textos de Facebook”.....	61
O que é literatura e o que deve ter espaço.....	63

Um novo convite, um novo passo e o futuro.....	64
A Residência Literária.....	65
UNIÃO BRASILEIRA DOS ESCRITORES.....	68
Definições: quem a UBE considera “escritor”.....	70
A fase áurea e tempos de escassez da União Brasileira de Escritores.....	71
Profissão Escritor.....	72
Do nível de dificuldade de emplacar no PNLD.....	74
Da dificuldade da publicação e o “pós-publicação”.....	75
O fenômeno da autopublicação e modelos possíveis de publicação.....	77
Orientador literário opina sobre a autopublicação.....	80
Plenário e Costuras.....	84
Outros escritores.....	91
Apontamentos finais.....	96
Referências Bibliográficas.....	102
Anexo: Memorial.....	107

Apresentação

O verso, a rima, a palavra, a trama, o jogo, o fluxo das ideias. Talvez a escrita tenha uma magia intrínseca. Parece lógico dizer que escritores são pessoas definitivamente sensíveis a esse encanto, tanto que, em essência, seus trabalhos consistem no seu manejo direto e na elaboração do seu contágio por meio do texto. Quem sabe seja essa sensação que leva a um interesse relativamente comum quanto à vida dos escritores.

Filmes e peças que exploram personagens escritores e poetas nunca saem de moda, matérias de jornal contam como autores reconhecidos organizam suas rotinas – talvez tentando desvelar o momento exato do passe de mágica –, são divulgadas distinções quase astrológicas entre autores ‘*plotter* ou *pantser*?’, vídeos diversos na internet listam “erros” que supostamente afastam as editoras das produções de novos autores, cursos mirabolantes prometem a “fórmula perfeita” para um livro de sucesso. Existe um fetiche quanto ao tema dos escritores. Ainda no meio disso, sociedades restritas, prêmios, distinções e, talvez, o sonho da imortalização...

Fique com o livro, lembre-se do meu nome, e observe as páginas de obituários. Um dia você verá o nome de Jonathan Jones [ele próprio]. Então volte e procure Mr. Anthony Paradise [seu pseudônimo]. Este será o momento [de relançar o livro ao mundo] — quando Jones estiver morto. Jones é uma contradição viva a Paradise. Paradise não terá chance de respirar até que Jones tenha parado de respirar.

— Tennessee Williams, na peça ‘Mister Paradise’, escrita em meados do século XX e estreada em 2005

Enquanto isso, jovens escrevem em seus cadernos e blogs; rapazes rimam com o que gostariam de dizer ao mundo, observam com furor cenas pelas janelas ao lado; há também quem deixe a magia das linhas e entrelinhas acontecer durante a feitura de um bom feijão. E quem, em uma tarde, prefira narrar memórias de uma vida inteira conversando com as paredes. Tem, neste trabalho, quem não viva *indo a saraus e vernissages* e quem tenha se tornado escritor em porta de museu, cinema e teatro. Também, gente que faz estrondoso sucesso nas livrarias, mas que ninguém imagina que só escreve nas janelas possíveis deixadas por um trabalho burocrático.

A natureza singela do colocar em palavras, a glória panteônica do escritor e a realidade material, rotineira e prática. Na esfera humana da experiência, as três vias se encontram. Somado-se a isso, no Brasil e em grande parte do mundo, um sistema econômico específico rege as forças de interação entre o campo da ocupação e o da subsistência sob critérios e valores também específicos, além de arbitrários, e que geram consequências plenamente tangíveis, concretas e até mesmo determinantes para o indivíduo na sociedade.

Por isso a investigação. Como os escritores se sustentam pela escrita? É como conjecturar: em um sistema econômico no qual a remuneração é ficha para a sobrevivência e, sendo ele, ao mesmo tempo, totalmente desobrigado de incluir escritores, por reconhecimento financeiro, como eles se mantêm constante e continuamente atados às obrigações de subsistir? É uma pergunta que, se fosse retórica, lembraria *a esperança equilíbrista* de João Bosco e Aldir Blanc. Mas, na verdade, é uma pergunta que busca respostas. No palco deste trabalho, em breve, virão, sob a forma da própria ação dos artistas, que vão tocando os meses sob suas próprias coreografias numa grande peça da subsistência.

Considerando-se essa intenção, o trabalho buscou escritores cujas vias de remuneração se conectassem – todas ou as principais – à escrita artística. Foram entrevistados autores de diferentes gêneros textuais, que vivem de livros, ou não só, que são independentes ou vinculados a grandes empresas e que têm públicos maiores ou menores. Além deles, ouviram-se especialistas sobre o mercado editorial e sobre escritores e seu campo hoje. Também estão incluídos autores contatados ao longo da execução do projeto que não se encaixavam exatamente no critério descrito no início do parágrafo, mas cujas considerações foram extremamente construtivas para o trabalho. Uma primeira seção refere-se às entrevistas individuais, na seguinte, as falas obtidas se reassentam sob a arquitetura de um grande diálogo e ao final estão alguns apontamentos, considerações, amarrações e reflexões.

As cortinas se abrirão em breve.

Segundo sinal

Ainda ao segundo sinal, aproveito para fazer uma passagem mais atenciosa pelos camarins e sinalizar algumas informações sobre os bastidores desta produção. O encadeamento dos autores que se encontrará a seguir se deu de tal forma nada mais e nada menos que pelo critério temporal das entrevistas, de acordo com a linha temporal em que foram sendo arranjadas.

A escolha dos entrevistados, de forma parecida no quesito espontaneidade, se importou – inicialmente com maior preciosismo e depois com maior dinamismo – com diversificar os campos de atuação e perfis dos participantes. Por isso há diferentes classes sociais representadas, pessoas que possuem diferentes vínculos com a educação formal e também diversidade étnica. Além disso, diversidade no tipo de produção – há romancistas, mas também cronistas, poetas, um pouco de literatura para crianças, pontes para o jornal, para o audiovisual, para a vida acadêmica, para música e para as escolas. Também diferentes escalas de público e distintos modos de publicação.

Ao longo do processo, foi necessário fazer força para respeitar o critério de escolha dos entrevistados: pessoas que se sustentassem primordialmente da escrita artística. Foi difícil encontrar esses escritores e pode-se dizer que foi esse o fator essencial que, por si só, escolheu os principais participantes deste trabalho, diante dos diversos nomes que potencialmente se encaixariam na proposta; nomes esses vindos de redes de indicações de pessoas relacionadas à área da escrita e das tentativas que fiz autonomamente no processo. Esta dificuldade quanto a delimitação do perfil será abordada novamente em outras passagens, sobretudo nos apontamentos finais. Mesmo diante dessas dificuldades e com o trabalho já em movimento, houve atenção à diversidade, como já dito, de uma forma mais dinâmica. Digo que foi necessário ser menos preciosista porque, mesmo sob essa intenção, não foi possível equilibrar a quantidade de homens e mulheres, por exemplo. Aliás, essa é uma questão inquietante.

Dito isso, algumas especificações sobre as entrevistas, que talvez devessem ser chamadas de encontros. Todas aconteceram no primeiro semestre de 2023,

sendo a com Caco Pontes a primeira e única presencial, no dia 28 de fevereiro. A segunda, com Antonio Prata, em 17 de março, por videoconferência, como as seguintes. No dia 24 do mesmo mês, foi vez do encontro com José Falero. Em 19 de abril, Dalva Maria Soares, e, em 10 de maio, com Ricardo Ramos Filho. Com Paulo Verano, por email, o contato começou em 27 de abril e levou, além de à sua participação, à indicação de Ricardo Ramos Filho, representando a União Brasileira dos Escritores.

Às Entrevistas...

[CORTINAS]

CACO PONTES

Radical da espontaneidade nas linguagens

voo

a beira do abismo
atrai com seu magnetismo
causa vertigem e geralmente obriga
a se afastar por medo do desconhecido

amor pode ser isto:
salto que causa o impacto
de um caminho sem volta

ventos soprando qualquer direção

pouco importa a chegada no chão
mas sobretudo o voo
ao infinito

- Caco Pontes, no livro de poesias
“Amorfo”, publicado pela Editora
7Letras em 2022

Caco Pontes é um homem de 41 anos, paulistano, de aparência muito jovem, apesar de não ser imune a marcas do tempo. Mais importante do que isso, talvez seja o fato de que Caco não deixaria uma palavra sequer faltar ao final de uma frase sua na entrevista; dizia tudo até o ponto final. E também que se daria o tempo necessário antes de começar a responder quando recebia uma pergunta. Quando eu o interrompia, ele não se interrompia no raciocínio. Em certa parte, disse algo como *eu gosto de fluir, da fluidez das coisas*; casa bem.

Em alguns momentos, podia parecer que falava de forma abstrata, embora com segurança, dando-se a fita certa para, na verdade, chegar exatamente onde

queria. No final, a pergunta estava respondida; resposta cheia. E, ao que parece, o desenho de sua vida até aqui foi semelhante.

Desde o início da juventude sabia que queria ser artista, para a preocupação de sua mãe. Ele se voltou inabalavelmente ao sentido da arte e nele permaneceu durante os anos que se seguiram até hoje – ainda que no caminho tenha precisado recorrer a subempregos para sobreviver. E o que poderia parecer um mistério no começo – como se sustentaria vivendo da própria produção criativa – foi respondido justamente com a perseverança no passar dos anos, que hoje lhe garante renda suficiente para viver das suas múltiplas manifestações artísticas, que têm como matriz a palavra:

Eu me vejo dentro de um processo de contribuição para construir cenários relacionados à experimentação de linguagem, da palavra. E aí, por conta disso, vão se criando esses espaços também. Não é uma coisa que já existe, é uma coisa que está sempre em construção. De certa forma, eu acabo colaborando com essa construção e, com isso, abrindo caminhos para eu mesmo poder atuar. Não só eu, mas quem está nessa mesma caminhada também.

O processo até hoje não foi tranquilo e, mesmo agora, existem sentimentos conflitantes em relação ao estilo de vida que escolheu, o qual, em certo momento, chamou de “essa coisa de ser independente, alternativo. Viver dos próprios projetos”. Também o considera aventureiro e radical, sem tirar a razão da mãe quanto às preocupações do início da vida profissional. No café do Cinesesc, na rua Augusta, onde entrevistei Caco numa tarde, seu primeiro apontamento – antes de qualquer pergunta: “Achei engraçado você falar *estável*, porque apesar de eu viver disso hoje em dia, a estabilidade não chegou ainda”. E soltou um riso um pouco tímido e muito simpático.

A conversa seguiu engrenada por esse seu parecer sobre o sustento e a instabilidade. E ele prosseguiu falando quase como se alertasse ou aconselhasse um jovem desafiante do jogo como ele foi. Havia, no tom, muito cuidado com a

mensagem, também resiliência, experiência, numa base de honestidade e auto-reflexão. Era necessário dizer.

Então...

Ao mesmo tempo que eu me sinto realizado, de certa forma, por poder trabalhar com a minha criação e desenvolver meios para poder viver disso, é uma vida aventureira. Tem períodos em que eu sinto que está tudo fluindo, em que eu consigo me manter bem e criando perspectivas, mas tem fases bem escassas. De trabalho mesmo, de grana. Então é uma escolha – essa de viver de forma autônoma, do próprio trabalho autoral – meio radical, eu acho, e meio angustiante às vezes. Mas quando eu penso numa fase da minha vida em que eu tinha que fazer coisas que eu não tinha o menor prazer, só por dinheiro, para me sustentar, isso me dá um certo incentivo, mesmo sabendo das dificuldades. É gratificante também. É um sentimento bem contraditório.

Autonomia e os terceiros (ou segundos?)

O adjetivo “independente” aparecia na conversa, como aparece, muitas vezes, quando se fala em escritores ou artistas no geral, chegando a dar a sensação de que há um consenso explícito sobre o que isso significa. Precisei perguntar e, pela resposta, acho que é algo de significado relativamente móvel e uma definição estrita talvez só possa ser, ao mesmo tempo, pessoal. Pela concepção de Caco...

Eu não estou fazendo coisas só para atender à dinâmica do mercado. Eu tento, a partir do meu trabalho, me inserir. Faço do jeito que sei fazer. Não tem uma regra também, mas algo dentro da minha espontaneidade, minha criatividade, da minha visão das coisas, que racionalmente falando também nem sei explicar muito bem. Minha criação.

Apenas uma consideração, dias depois da entrevista, fui ao Sesc Pinheiros assistir ao lançamento de um disco seu, chamado *Órbita*, em parceria com o *Projetonave*, e posso dizer que entendo melhor o que ele quis dizer, vê-lo fazendo sua arte é muito esclarecedor para o trabalho, e fora dele, no geral, é algo, que abre

uma porta; acho que vejo o que não consegui descrever. Para se ter uma ideia, a apresentação incluía projeções de imagens de forma integrada à apresentação musical, que, por sua vez, tinha desde instrumentos mais comuns como guitarra e bateria, até alguns objetos cotidianos, se me lembro bem, e um dj, além do próprio Caco, por vezes, cantando, e, outras, recitando e controlando uma pequena mesa de som própria.

A questão da independência não denota, na verdade, uma atuação individualista, hermeticamente fechada em si. É um sistema que, além de proporcionar parcerias entre artistas, para ser sustentável financeiramente pode depender de instituições parceiras, como o Sesc, a prefeitura, o governo, por meio de editais e ainda alguns espaços privados e independentes, que possuem seus sistemas próprios de envolvimento com a arte e os artistas. A abertura do leque artístico de Caco o protege um pouco, já que o faz poder participar de diferentes oportunidades, o que é importante já que o acesso a elas não é garantido ou constante.

Meu trabalho autoral é híbrido, múltiplo, então tenho diversas formas de atuação possíveis. Dentro do mercado da produção cultural, vou trilhando isso como uma estratégia de sustento, de auto-mantenção. Justamente não depender de um segmento específico dentro do que eu faço.

Além do campo da escrita, Caco abraça a oralidade, com a arte sonora, musical, sendo que todas as vertentes em que atua utilizam a palavra como base. Por um lado, a multiplicidade de frentes de atuação e a especificidade do seu trabalho lhe permitem estar em mais espaços, como dito, mas, por outro, a natureza da sua criação tende à experimentação e ao alternativo, que nem sempre cabem em grande parte deles. Por isso também seu esforço no sentido de ampliar seu campo de obras, para depois, ter áreas estabelecidas sobre as quais exercer seu trabalho em si.

A gente vai criando redes colaborativas, de parceria. Essa rede vai sendo constituída, com o passar do tempo a gente vai fazendo esse trabalho de estruturar mesmo uma cena. Por incrível que pareça, eu consegui chegar até

aqui, com vários desafios e provações. (...) Existe algum reconhecimento, não um reconhecimento natural do mercado, mas a resistência do que eu faço acaba se estabelecendo de alguma forma, porque já faço isso há muitos anos. Além de outras coisas, cria referências. (...) Tem gente que se identifica com o que eu faço, que respeita. Outras que não [– Jura? –] Ah, acho que sim [ri]. Não dá para agradar a todos né? Faço o que dá um certo sentido a essa complexidade, que é existir.

Outros projetos e rentabilidade

Na última década, ele criou alguns projetos que estão ativos e que, até hoje, recebem convites. Dois deles foram uma banda chamada *Baião de Spokens* e um projeto de intervenção urbana, *Verso Móvel Sound System*, ambos com a proposta da oralidade, da performance poética, sonorização e música, adaptação da poesia para a música – e a integração desses elementos. Ambos os projetos tiveram ótimos momentos, envolvendo inclusive viagens e a arrecadação de um bom dinheiro. Instituições que participavam das turnês eram, por exemplo, prefeituras, instituições privadas, espaços culturais, ou o modelo era por cachê. São projetos que lhe trouxeram *muitas colheitas*, diz. Suas produções já o levaram também a festivais internacionais.

Pelas unidades do Sesc, Caco já participou muito em cena. Entre elas, Sesc Paulista, Ipiranga, Pinheiros, Palladium, Rio Preto e Mogi das Cruzes. Também para elas, conta de outras atuações que lhe renderam pagamentos, como as muitas vezes que o convidaram para trabalhos de curadoria. Partindo de dado pré-projeto, uma proposta, ele entrava para pensar em recitais, saraus, encontros, debates e espetáculos. Também criou, para eles, espetáculos, mesclando texto poético com manifestações do corpo, da voz e imagens. Por seu perfil de atuação, em certo momento, começou a receber encomendas.

Me chamaram uma vez para levantar um projeto para o Museu do Ipiranga, sendo a premissa “ter imigrantes”. Dentro disso eu concebi uma dramaturgia, com trabalho autoral de artistas refugiados, imigrantes – africanos, sírios,

cubanos... Receber essas encomendas, para mim, sempre é um bom desafio: eu não engessar meu trabalho a partir da encomenda, mas tentar explorar minha criatividade mais ainda. Não é o fato de ter vindo um convite que vai deixar [a criação] quadrada. Procuro ampliar a partir disso.

Os projetos de Caco incluem espetáculos, performances, livros, discos, entre outros, sendo tudo relacionado à sua área de pesquisa artística: a intersecção das linguagens, a *palavra expandida*, sobretudo, se há vínculo com as atmosferas da cidade, a ocupação do espaço público e as intervenções urbanas.

Momentos de maior escassez

Com a autonomia, existe uma boa dose de variação nas finanças e, além das dificuldades relacionadas a elas, lidar com o fator mental e produtivo nas fases em que não há uma sensação de fluidez pode ser complicado. Queria saber como ele manejava esses ciclos e como se sentia em relação a eles.

Na minha idade, tenho uma boa quantidade de coisas que eu materializei, produtos culturais, livros, discos, espetáculos. E ao mesmo tempo eu não tenho uma disciplina específica de operar. É curioso, tenho alguma organização, que a própria prática da coisa foi me trazendo naturalmente, mas existe um certo caos também que opera. A minha inquietação criativa é o combustível para eu sempre me manter ativo. Claro que tem alguns períodos em que fico um pouco mais ocioso, mas aí vem uma ideia na cabeça, às vezes depois de dias sem criar nada, aí começo a trabalhar naquilo. São fluxos espontâneos. Minha inquietação criativa é o que me mantém. Tanto para atualizar projetos que eu já tenho, quanto para criar coisas inéditas. Fico tentando administrar esse fluxo meio louco de criação.

Começo e caminhada

Tendo nascido próximo ao centro de São Paulo e se criado majoritariamente no extremo leste da cidade, Caco precisou ser office-boy, atendente de lanchonete, operador de telemarketing e garçom. O início da sua jornada artística se consolidou no coletivo de artistas *Poesia Maloqueirista*, no qual, com outros membros do grupo, confeccionava seus livros à mão. Eram livretos xerocados que montavam com papel reciclado no miolo, color plus colorido na capa e grampeados. Depois, vendiam na rua, em bares e espaços culturais, como na porta de cinemas e museus, e se reuniam aos sábados na praça Benedito Calixto. Encontrei em um álbum da banda *Baião de Spokens*, uma música chamada *Evoluo Indo* e acho que também ajuda a traduzir como é o espírito da coisa para o Caco.

Desde que comecei minha busca pela arte me vi por salas de teatro, cinema, bibliotecas, casas de show, tanto me alimentando, quanto dando vazão para o meu trabalho. Vendia poesia na rua, falava com as pessoas, era uma coisa mambembe. Diariamente, esse era o meu espaço de atuação, nos quase 15 anos de poesia maloqueirista. Tínhamos essa prática intensa do ‘faça você mesmo’, produzindo nossos próprios livros.

Hoje em dia, ele trabalha bastante em casa e reconhece a importância do seu espaço de solitude, apesar de ainda valorizar muito uma vida cultural ativa. Além disso, no tempo dos seus dias cuida de afazeres domésticos, se nomeando *dono de casa*. Quanto ao ramo artístico e literário, comenta sua postura, tendo em vista sua jornada ao longo dos anos, o ponto em que chegou e o futuro:

Como este é meu ofício, existe também uma intenção de tentar amadurecer a cada vez mais o trabalho, ganhar mais relevância – também pela experiência, um valor agregado pela própria repetição da coisa – aprofundamento. Isso também me desafia, para a continuidade.

O que é sucesso?

Poder, espontaneamente, por conta do meu trabalho, sem forçar nada, de um jeito até natural, me aproximar de figuras que eu tenho muita admiração e que fazem parte do meu imaginário, que têm alcance de público grande e com quem a arte me possibilitou até poder desenvolver parcerias, trabalhar junto.

Ele acha injusto falar nomes, porque a relação de *tietagem* que existia em relação a essas figuras ficou no passado, mas, com um pouco de insistência, descubro que são nomes da música, da literatura, como Paulo Lins, autor do livro *Cidade de Deus*, que deu origem ao filme homônimo, ou o cantor *BNegão*, da banda de rap rock *Planet Hemp*, ou *Lirinha*, do *Cordel do Fogo Encantado*.

Poderia dar outros exemplos, tem vários; É uma realização muito especial para mim que reflete a trajetória de uma pessoa que vem de um contexto de baixa renda, periférica e poder chegar a trocar de igual para igual com figuras que para mim, lá atrás, eram muito distantes é, na minha visão, um sinal auspicioso.

Criação: resistência

Sua mãe hoje se lamenta por não ter apoiado o filho no início, e ele, por outro lado, entende as preocupações dela à época. Ela achava que o caminho da arte era muito difícil e que ele se frustraria. No começo, ele precisou se impor bastante e, através dela, ganhou muita noção de resistência através dela, tanto do exemplo da mãe, quanto da relação com ela. Ela lhe ensinava, então, que ele poderia correr atrás de seu sonho, mas sem se esquecer da realidade material.

Como eu falei, eu não vinha de um contexto que eu podia só estudar para ser artista. Tinha que estudar o padrão, vida escolar comum, trabalhar em paralelo e criar mais um tempo, um desdobramento, para poder me dedicar à arte.

A primeira delas foi o teatro e ele, por muitas vezes, precisava pedir carona para o motorista de ônibus, por não ter dinheiro para a passagem, ou não tinha

dinheiro para, por exemplo, comer um lanche nos lugares onde ensaiava. Com isso e com as suas muitas andanças pela cidade, foi ganhando malícia.

Isso me trouxe uma noção de sobrevivência que para mim tem muito valor. Ter a arte autoral como ofício é a prova de choque. *Mas teve todo um treinamento, né? [sorri].*

Ele se vê como ser social constituído também por essas experiências e, nelas, enxerga a oportunidade de um ensinamento raro, que lhe confere uma firmeza, também para poder lutar por seus ideais, especialmente pela própria questão da escolha da arte como ofício. Hoje em dia, um pouco mais velho, ele já se vê com a disponibilidade para certos desconfortos um pouco reduzida:

Já passei a vida toda ralando, quero ficar agora de boa, ter o mínimo do conforto: e, de certa forma até tenho, não estou passando fome, necessidade. Várias vezes atraso as contas, mas dali a pouco também pago as contas atrasadas [ri]. Estou aí, fazendo meus rolês, minha vida cultural está em dia. Gosto de sair, assistir coisas, prestigiar. Não preciso de muito luxo, mas acho digno poder ter acesso aos bens de consumo básicos. Acho que todo cidadão deveria ter o acesso, o direito, a poder viajar, por exemplo. E essas coisas, até, de certa forma, eu consigo.

Atualmente, sua vida se divide entre São Paulo e Rio de Janeiro, sob uma estratégia de baixo custo. Ele tem uma relação especial com a capital carioca, é algo que lhe proporciona um estado de espírito que o favorece. Diz que é como seu plano de saúde particular, que, no caso, não tem. *Ainda bem que eu não tenho nenhum problema sério de saúde.* Funciona também como seu escape, algo que compensa a sua relação com São Paulo, cidade que associa à correria, à ansiedade, ao estresse, à poluição.

O lado contemplativo vem mesmo na cidade de Deus, a qual relaciona às águas e à cultura boêmia e suas manifestações, além da ocupação das ruas, a efervescência e o caos de lá. No Rio, ele vive na praia e usa qualquer brecha no

seu dia para pôr os pés na areia. As duas cidades se complementam para ele, que sente benefícios do atual esquema de alternância.

pouco importa a chegada no chão
mas sobretudo o voo
ao infinito

- Caco Pontes, em trecho do poema “voo”, no livro “Amorfo”, publicado pela Editora 7Letras em 2022

ANTONIO PRATA

O meu sonho é, ao mesmo tempo, a minha engenharia.

Voltemos: acho sintomático que tenhamos trocado as películas pelos peludos. Filmes são uma investigação. Nos tiram do lugar. Nos fazem pensar, por uma hora e meia, com a cabeça de um mafioso italiano, um espião russo, um fantasma, um peixe viúvo à procura do filho. A gente questiona as nossas crenças e desconfia das nossas certezas.

Cachorros são o contrário. Um espelho de Narciso a abanar o rabinho, gostam de você sem nenhum mérito seu. São como saquinhos de likes, joinhas e corações para toda e qualquer ação sua. São uma rede social em que não existe trollagem e você é o Felipe Neto, o Messi, a Beyoncé.

Sempre lembro a história de um general romano: toda vez que conquistava uma cidade e punha-se a admirá-la do alto de uma montanha, chegava um subalterno e repetia: "Não te esqueças, general, tu és velho, calvo, baixo e gordo". Não deixava, assim, ser levado pela vaidade. Vi isso em algum filme, não foi o [cão] Carlos Eduardo que me contou.

- Antonio Prata, na crônica "Cães de aluguel", publicada pela Folha de S.Paulo em 16 abr. 2023

Um dos mais conhecidos cronistas da atualidade, e com 45 anos, Antonio Prata fala comigo de sua cadeira favorita, tão querida que a carrega para qualquer canto do Brasil onde vá trabalhar. Com encosto amarelo e o adendo de uma almofada listrada, moram, todos, na zona oeste de São Paulo. Antonio tem como ferramenta de trabalho o humor, que, segundo ele, nasce, normalmente, do mau-humor – apesar de ele mesmo parecer muito bem humorado.

Para ele, escolher a carreira de escritor não foi algo que o colocou diante de um sacrifício, nada que o impusesse "uma vida de austeridade em nome da arte", em suas palavras. Seus pais, Mário Prata e Marta Góes, eram também escritores. "Eu sempre soube que era possível fazer disso um ganha pão". Suas prioridades, quando escolheu seguir esse caminho, colocadas de forma bastante mundana por ele, eram "fazer o que eu gosto e pagar o aluguel" – coisas que, no começo da carreira, não andavam juntas. Onde ele visse uma oportunidade de receber pela

escrita, se *metia*. Às vezes não havia tanto espaço para autoria. Ainda no início, escreveu muitas matérias como repórter e chegou a fazer filas de publicidade. Na trilha dos trabalhos não ideais para ele, descobriu, também, suas atividades favoritas na área:

Foi a necessidade de ganhar dinheiro escrevendo que me ensinou as duas coisas mais legais que eu tenho hoje na escrita, que são a crônica e o roteiro. A crônica foi o primeiro lugar que eu vi: aqui dá para ganhar dinheiro, não muito, mas um pouco, fazendo o que eu gosto; escrevendo o que eu gosto. E o roteiro foi a segunda coisa. Começaram a aparecer pedidos de coisas e eu não sabia escrever roteiro, então fui aprender. Até hoje estou estudando. Hoje são elas que pagam meu sustento e também o que me dá prazer na escrita.

Com a naturalidade da descrição do seu percurso, imaginei que, na sua visão, a resposta seguinte seria também otimista. E como é sempre bom perguntar... “Então, do seu ponto de vista, é possível um escritor se sustentar por meio da sua própria escrita? Você vê mais pessoas que conseguem fazer isso ao seu redor?”. Apesar de ele estar, hoje, em uma posição relativamente confortável na carreira, sua resposta começou repetindo com clareza a palavra *difícil* – o escritor se sustentar pelo seu trabalho com a escrita.

Difícil, difícil. Eu tenho várias particularidades que tornam, para mim, isso mais fácil. A primeira é que tenho um tipo de texto muito acessível; escrevo de maneira abrangente. Se eu fosse poeta, seria muito mais difícil, praticamente impossível. E depois isso, escrevo roteiro, escrevo crônica. Um romancista, um contista, um poeta terão que fazer trabalhos paralelos à escrita: dar aula, organizar eventos. Assim: acho que é praticamente impossível viver de livro no Brasil. Quem vive de livro? Meia dúzia de pessoas.

Antonio Prata defende a importância de escritores de outros gêneros terem a liberdade de experimentar coisas que, na prática, serão compreendidas por poucas pessoas. Mas considera a crônica um gênero de entretenimento – cujo suporte é o jornal – e cujo objetivo é trazer prazer às pessoas, de forma que é necessário

tocá-las de alguma maneira, como pelo lirismo ou humor. Sendo a crônica um gênero muito livre, as formas para se alcançar esse objetivo são infinitas, mas tal objetivo é claro e está posto. Diz também que cumpri-lo é determinante para manter-se um emprego como cronista.

Pessoas que não têm proximidade com o mercado da editoração podem se surpreender ao descobrir que o valor recebido pelos autores na venda de cada livro é, geralmente, apenas 10% do valor de capa. A enormemente maior parte vai inicialmente para a editora, que, nesses moldes, costuma se responsabilizar pelos custos de edição, impressão, distribuição e possivelmente divulgação - os quais consomem, por sua vez, a maior parte da quantia recebida pela casa editorial. Mas existem outros regimes de publicação e mesmo de vínculo com editoras que tocaremos mais adiante. Apesar do baixo retorno provindo dos direitos autorais, não foi exatamente a isso que Antonio Prata atribuiu o grande problema da, em seu diagnóstico, insustentabilidade de se viver de livros no país.

O livro no Brasil vende muito, muito pouco. Os autores que são considerados de êxito, Michel Laub, Daniel Galera, e outros mais populares, como Tati Bernardi, ou eu... O número que vendem não é suficiente para se sustentarem.

Pergunto a ele então se a saída tem que estar em contratos fixos, como ele tem com a *Globo* e a *Folha de S.Paulo*, na primeira, pelos roteiros e, na segunda, pelas crônicas de domingo. Ele não acha que seja uma condição necessária para se ganhar dinheiro. Diz que a maioria dos escritores – e pensa no mundo de seus amigos, por exemplo – não tem contratos fixos, faz *uma coisa aqui, outra coisa ali* (narra em progressão ascendente: tom de coisa interessante, esperança), e que é possível se viver das duas formas. E mesmo assim a conta fecha no final do mês? E ele, com bom humor que persistiria por toda a conversa:

Às vezes sim e às vezes não [ri]. Quando eu não trabalhava fixo na Globo, por exemplo, por muitos e muitos anos, uma coisa que me ajudava era ter muita tranquilidade com o cheque especial, com a conta no vermelho. É saber que a conta ficaria no vermelho muitos meses... Não muitos meses seguidos!

Senão eu pagaria muitos juros. Mas várias vezes no fim do mês eu fecharia no vermelho e aí entraria um trabalho depois [faz um gesto com a mão como se alguém ultrapassasse a zona de rebentação no mar]. Então era um zigue-zague financeiro [e, para o meu pequeno prazer, faz ondinhas ilustrativas com a mão, colaborando com o quadro anterior].

Ele faz ressalvas dizendo que se acostumar com essa cadência foi possível, também, porque o padrão mínimo não era tão baixo; mesmo com essa estratégia um pouco ousada, nunca ficou *muito endividado*. Pergunto então se esse equilíbrio administrado em pequena escala temporal era transposto como uma preocupação para fases mais distantes da vida, em pensamentos de futuro, como a velhice; se a organização financeira de um futuro tinha palco na sua cabeça e se isso o preocupava.

Eu cresci vendo meu pai¹ também assim. Ele fazia uma novela, e aí a gente ia para a Disney e comia em restaurante bom. Depois, não tinha novela e ele ia trabalhar na Secretaria da Cultura, como funcionário público, ganhando super pouco, e a gente comia numas cantinas do Bixiga baratinhas, mas tudo bem. A gente tinha roupa, tinha escola. Às vezes, o negócio apertava para ele e ele pedia dinheiro para um amigo advogado rico, que ele tem até hoje. Ele emprestava, era sempre assim: cinco mil dólares. Aí meu pai vivia um tempo disso e depois pagava. Então eu via que era isso... Não é uma carreira que você escolha vendo o pote de ouro no final do arco-íris. Mas era uma carreira que eu via que tinha moedinhas ao longo do caminho.

Penso no objetivo deste trabalho e vejo as coisas se interceptarem, como num eclipse completo. O objetivo de observar escritores de perto, desvendando a viabilidade material das suas vidas, e a vivência diária de Antonio Prata com seu pai, que o foi fazendo enxergar esta carreira como uma trilha possível. Comento, com certa ternura: Legal isso de ter um exemplo próximo. Acho que esclarece muita

¹ Mario Prata, nascido em Uberaba, em 1946, é um escritor, dramaturgo, cronista e jornalista brasileiro. Conquistou reconhecimento como romancista, autor de telenovelas e de peças de teatro, sendo seus maiores sucessos a novela Estúpido Cupido (1976), as peças de teatro Fábrica de Chocolate (1979) e Besame Mucho (1987) e os livros Schifaizfavoire - Dicionário de Português (1994), Diário de um Magro (1997), Minhas Mulheres e Meus Homens (1998) e Purgatório (2007).

coisa na prática. E desembarcamos possivelmente no momento mais reflexivo da entrevista. Falou pensando e com carinho:

*Muito. Eu acho que isso foi a maior vantagem que meu pai me trouxe. Mais do que contatos e tal. Foi saber que isso era uma profissão, saber que você podia trabalhar com isso. Muita gente pergunta: 'quando você descobriu que era escritor?', como se isso fosse uma ruptura com outro caminho: o cara era engenheiro e aí resolveu ir atrás do seu sonho. **Para mim nunca foi isso, o meu sonho é, ao mesmo tempo, a minha engenharia.** Eu sempre quis isso, sabia que era possível e sabia das dificuldades também, para eu não me assustar muito com elas.*

A rotina e a divisão de tempo por tarefas

Nos últimos anos, o roteiro foi a modalidade que ocupou a maior parte das suas horas de trabalho. Criado e difundido na crônica, na prática, Antonio Prata se diz hoje *fundamentalmente roteirista*. Na verdade, já há cerca de dez anos é assim. Aproximadamente oito horas semanais costumam ficar com as crônicas, somando-se o processo de escrita e o de revisão, e todo o resto do tempo de trabalho é ocupado pelos roteiros. Pergunto se a retribuição financeira também fica distribuída da mesma forma. Ele responde que *never havia pensado nessa regra de três*, mas que sim.

A crônica não me sustenta. A crônica é um pedaço bem pequeno do ordenado. [pausa e pensa] Mas também porque a crônica é uma vez por semana. Se eu escrevesse todo dia e recebesse proporcionalmente ao que eu recebo uma vez por semana, eu ia viver bem. Não ganharia tão bem quanto um neurocirurgião, mas...

Pergunto se esse cenário é apenas *uma regra de três*, um exercício imaginativo, ou se é a realidade, mesmo que de poucos. Pensamos em algumas pessoas, Ruy Castro e Hélio Schwartzman, que escrevem mais vezes por semana, quase diariamente.

O preço da crônica

Com periodicidade semanal, pode-se ganhar de cerca de 500 a 3 mil reais por texto, sendo que receber este teto é muito raro. Fatores associados à determinação do valor são o autor, o veículo, a frequência e outros.

Se você ganhar dois mil reais por crônica, dá dez mil reais por mês. Isso é um salário muito, muito alto em relação à média do Brasil. E também é muito mais do que você vai ganhar com venda de livro. Com livros, você ganha 10% do preço de capa. Com um livro de 50 reais, são cinco por unidade vendida. Uma tiragem normal de um autor contemporâneo de romance é três mil livros. Então se ganha 15 mil reais ao longo de dois anos, 500 reais por mês. Meu livro mais vendido é o Nu de Botas, foram 40 mil exemplares. Mas ao longo de dez anos. [Nos embananamos nas contas por um momento e concluímos] Cerca de mil reais por mês. Ajuda! Mas não resolve. E esse é O LIVRO. Os outros venderam a média.

Modo de trabalho e ambientes

Seu ambiente é, segundo ele, basicamente sua cadeira. Ele trabalha, desde antes da quarentena, de modo remoto, sendo que passa pelo menos 4 horas em videochamadas de reunião com os outros autores com quem escreve os roteiros. Parte dos membros do grupo de roteiristas fica em São Paulo, e a outra, no Rio de Janeiro. Na sua vida, exceções foram as em que ele teve que ir a um estabelecimento para trabalhar.

Por outro lado, diz que costuma ir a lançamentos de livros, cerca de um a cada um ou dois meses, mas que a maior parte do seu lazer não tem necessariamente a ver com a literatura e sim com seus amigos, que têm profissões diferentes. *Não é que eu passo a vida indo a saraus e vernissages.* Além disso, diz que seu meio de circulação é como o de outras pessoas de sua classe social em

São Paulo, também considerando o fator filhos na conta. Um destaque especial entre os ambientes por onde circula na capital são as *escape rooms* – um jogo cujo objetivo é conseguir se destrancar de uma sala temática, por meio de dicas escondidas nos próprios recintos. Há alguns anos apareceram na cidade e, ao que parece, acumulam fãs. Talvez Antonio Prata e, seguramente, seus filhos.

Filhos, contas e outras rendas possíveis como escritor

Se a velhice não o preocupava em relação às finanças, os filhos são um dos fatores que o fazem agradecer hoje pelo emprego que tem na *Globo*.

Trabalhar como roteirista foi fundamental, a Globo foi uma bênção para mim, porque seria muito difícil eu pagar a escola particular, o Escape 60' e tal se eu não trabalhasse com roteiro. Eu ia ter que ter alguma outra forma mais fixa de ganhar dinheiro, ou mais eficiente.

Começamos então a pensar em opções que podem ser mais estáveis para trabalhadores do texto. Entre elas, a edição de livros em editoras, o jornalismo exercido nas redações, o ensino, por meio de cursos e aulas, ou mesmo a criação ou gestão de centros – físicos ou virtuais – que ofereçam tais cursos. Um exemplo é o centro literário *Escrevedeira*, que fica na Vila Madalena, em São Paulo, e que também opera *online*, tendo a autora Noemi Jaffe, que foi professora de Antonio Prata, como sócia.

Ele também comenta de amigos que dão aulas de escrita, como Fabrício Corsaletti, poeta que, hoje, tem o cronograma ocupado por elas basicamente toda noite. Há também trabalho na organização e produção de eventos da área literária, como a Flip (Festa Literária Internacional de Paraty), desde a curadoria do evento e dos autores convidados, até os dias de realização, passando também pela montagem, assessoria de imprensa e até mesmo o acompanhamento de escritores, administrando possíveis acontecimentos de potencial catastrófico para o evento. Antonio Prata, por sua vez, segue publicando crônicas todos os domingos na *Folha de S.Paulo* e, por acaso, numa que saiu algumas semanas após a entrevista,

aparece, por outra faceta, o fenômeno do seu sonho, que é, ao mesmo tempo, engenharia, ou do modo de operação da sua engenharia do sonho:

Há meses, passo longos minutos bisbilhotando o trabalho, sete andares abaixo. Na primeira semana foi só marreta. Em poucos dias, três caras de macacão azul e capacete amarelo derrubaram o telhado e todas as paredes do casarão. (...)

Nos primeiros dias de demolição, achei que o meu interesse brotava de algum instinto ogro, um rincão Homer Simpson do meu córtex. Aos poucos, porém, fui entendendo que era bem o contrário. O que eu invejava nos demolidores era apolíneo, não dionisíaco. Invejava a certeza daquele trabalho, o contrário do meu. Eles chegam numa obra pronta e vão desmontando. Eu paro diante da página em branco e vou construindo. Eles sabem, desde o início, aonde vão chegar e cada passo que darão para tanto. Eu passo semanas diante de dois pilares com sete janelas. Derrubo. Ergo três portas e um telhado. Apago tudo e recomeço só pela caixa d'água, uma caixa d'água gigante, de 500 mil litros, que não tenho a menor ideia de para que me servirá.

- Antonio Prata, em trecho da crônica “Três homens e uma marreta”, publicada em 21 de maio na Folha de S.Paulo

JOSÉ FALERO

Que a literatura e a roda de samba tivessem igual poder de chamar as pessoas

Começamos a trabalhar. Cavamos, carregamos, martelamos, serramos: tudo debaixo de sol forte, porque não havia uma minúscula sombra sequer no terreno inteiro. Para piorar, a água do local ainda não fora ligada, de maneira que, após o almoço, quando a tarde ia a meio, já não aguentávamos mais de sede.

— Olha lá a mulher regando as planta. Vamo lá com uma garrafinha e vamo pedir um pouco d'água.

Tivemos que abandonar o trabalho por um instante para procurar garrafinhas de refrigerante ou qualquer coisa assim que alguém eventualmente houvesse jogado fora. Em seguida, já de posse dos recipientes, nos aproximamos da vizinha da obra, que regava distraidamente suas samambaias.

— Boa tarde, tia. Será que a senhora consegue um pouco dágua? Ela nos olhou de cima a baixo, de baixo a cima, e disparou:

— Não.

Incapaz de acreditar naquela categórica negativa, imaginei que a mulher talvez tivesse entendido errado.

— Só um pouco de água nessas garrafinha aqui, ó. Claro que não queremo usar a água da senhora na obra.

— Não — repetiu ela, ainda mais categórica.

Voltamos com o rabo entre as pernas, rindo de nossa própria desgraça. E o Michel, ciente de que, entre suas palhaçadas daquele dia, eu gostara particularmente de vê-lo imitando o alemão, tornou a entrar no personagem.

— Vem cá, tchê, mas em que mundo tu vive? Tu pensa que a água é de graça, é?

Para nossa sorte, havia um supermercado na outra esquina, e o Michel tinha trazido consigo uns trocados, que deveriam bastar para comprar uma garrafinha de água mineral. Para nosso azar, os seguranças do supermercado não nos deixaram entrar alegando que constrangeríamos os clientes por estarmos muito sujos.

— Vem cá, tchê, mas em que mundo tu vive? Tu pensa que pode entrar nos lugares assim, parecendo um indigente, é?

— José Falero, no livro “Mas em que mundo tu vive?”, publicado pela editora Todavia, em 2021

Sua primeira característica, de acordo com ele mesmo: trabalhador. Altamente intelectualizado, José Falero, que foi finalista do Prêmio Jabuti de 2021, publicou seu primeiro livro antes de terminar a educação formal. Seu pensamento se alimentou, além de sua própria experiência, primeiro de fontes como o rap, o samba, os quadrinhos, os animes e, só mais tarde, da literatura – e um mundo que dela se abriu. Na escola, era incompreendido e acabou o ensino médio, por meio de supletivo para jovens e adultos, apenas um ano antes desta entrevista, em 2022, aos 35 anos. Nascido na periferia de Porto Alegre, em um bairro que ficava

praticamente na divisa com outro município, hoje tem três livros publicados, sendo o primeiro de 2019, e muito suor deixado em diferentes trabalhos antes disso, já que a escrita está longe de ter sido sua primeira profissão.

No começo da conversa, ele em Belo Horizonte, e eu, em São Paulo, parecia um pouco fechado, fumando e meio quieto; e essa primeira impressão durou cerca de 30 segundos. Logo ficamos muito interessados em construir um vínculo no campo das ideias. Muito fácil circular pelos pensamentos complexos com ele. Foi o único que falou comigo, aliás, de um local aberto, talvez porque estivesse fumando, ou, talvez, porque isso simplesmente melhore a experiência para ele, que costuma não ser o maior entusiasta de convenções sociais; um “meio rebelde”, como dirá mais para frente.

Não tive acesso à instrução formal. Eu estudei muito por conta própria. Tudo que eu aprendi foi longe na escola, inclusive a escrita e todas as ferramentas de produção de texto... Acho pedante essa palavra, mas acho que eu sou meio ‘autodidata’, aprendi as coisas de metido, insistente.

Antes, Falero trabalhou como ajudante de pedreiro, assistente de gesseiro e cozinheiro. No supermercado, começou recolhendo os carrinhos do estacionamento e chegava a invejar a posição de reposito, a que eventualmente foi promovido, descobrindo assim, que o que sonhava para si naquele novo patamar era apenas uma miragem.

Essa fase dos trabalhos precarizados acabou; por outro lado, a produção do autor já acontecia àquela época e se banhava nas suas experiências cotidianas, bem como hoje as vivências de então são parte fundamental na tessitura do seu universo narrativo. Tanto essas, quanto experiências sociais anteriores e não necessariamente profissionais que vivenciou e testemunhou ao longo da vida em contextos periféricos. Em dado momento, a escrita passou a representar sua remuneração principal, o que o levou a uma composição de renda que hoje se pauta exclusivamente por ela.

Sou um trabalhador exclusivo do texto hoje... Escrevo, publico, mas trabalho com muitas coisas relacionadas a isso também. Me chamam para palestras, rodas de conversa, feiras de livros e me chamam para escrever, por exemplo, contos e crônicas. Então tudo com que eu trabalho tem a ver com a produção de texto. Mas eu gosto mesmo é de escrever, estar ali de frente para a tela em branco. Meu sonho é um dia poder vender tanto livro que a única coisa que eu faça é escrever, publicar. Só. Um dia, quem sabe.

É comum escritores receberem convites para falarem em eventos a respeito de seus estilos de escrita, conteúdos que tocam por meio dela e temas correlatos à sua atuação. Algumas dessas participações oferecem remuneração, sendo que incluir no campo profissional do autor a parte de realizar tais participações pode fazer uma diferença significativa na sua renda – é de se pensar até para aqueles que preferem mesmo *falar* pela palavra escrita.

No ano passado [2022] eu precisava focar no romance que estou escrevendo agora, então fechei a agenda [para eventos]. Não estava aceitando trabalhos a partir de setembro, por aí. Agora, em março eu abri de novo e comecei a trabalhar um monte, porque aí começou a me fazer falta a grana. Então eu vou tentando equilibrar. Se não paga, eu nem vou mais. No início, eu até ia, porque pensava ‘ah, as pessoas precisam saber que eu existo’. É uma forma de divulgar o trabalho, mas não rola mais isso. Já foi útil para mim, mas agora não é.

O que paga?

As palestras, rodas de conversa, outros formatos de eventos, as encomendas de textos pontuais e os direitos autorais dos livros, que, aliás, estão no mercado internacional também — na França já estão sendo vendidos e serão publicados nos Estados Unidos e na Alemanha —; todos esses elementos fazem parte da composição que, desde 2019, gera seu sustento, por meio da escrita. Além deles,

Falero conta que vendeu recentemente um livro para a produção em formato audiovisual.

Quanto dinheiro é ‘dar para se sustentar’?

Na visão da classe média, normalmente o caminho profissional da arte é visto como perigoso, arriscado e, normalmente, situado em contraponto a alguma carreira mais tradicional ou até tradicionalmente mais garantida no quesito econômico, da realidade material. Talvez também porque a própria figura do escritor socialmente esteja ligada a um perfil social que não é o de uma pessoa de classe baixa – aspecto que será retomado mais adiante.

Por isso, pergunto a Falero se, antes de trabalhar com a arte, com a escrita, ele vislumbrava também, como fazem pessoas de outras classes, a vida profissional em formato de escadinha, longilínea e ascendente. Ou seja, se essa suposta opção a que se opõe a arte existiu para ele em algum momento. “Uma visão de carreira a longo prazo, algo que você se imaginasse construindo...”

Não. Eu não tinha perspectiva de vida nenhuma. (...) Eu não acreditava que eu podia ser escritor. Por um tempo eu sonhei com isso, achava possível, eu era muito ingênuo, achava que ia ser fácil e, depois, cheguei ao ponto de perder as esperanças completamente. Quando eu me imaginava um escritor, eu imaginava uma carreira para mim, mas em determinado momento da minha vida eu achei que ia ser impossível. Aí comecei a trabalhar em subempregos, todo tipo de coisa que você puder pensar. Trabalhei na construção civil, de porteiro, na cozinha. Nessas profissões eu não conseguia pensar [em futuro]. Nesses subempregos, a sua vida fica muito imediatista, porque seu dinheiro é tão pouco, que você não consegue pensar no ano que vem. Você pensa na semana que vem. ‘Como vou comer na semana que vem?’. Eu não conseguia projetar um ano, cinco anos para frente... Hoje em dia eu consigo.

Parece haver uma variação do lugar da arte no imaginário de diferentes classes sociais. Bem como pode acontecer com o futebol no Brasil, o que para pessoas de certa faixa econômica e social pode se considerar um risco, um desvio, para outra, pode ser vista como opção primeira de carreira, aposta principal, em uma situação em que tudo ao redor já está em risco – alimentação, moradia, saúde. As maiores “garantias” a que outras classes normalmente buscam se apegar, podem nunca ter sido postas na mesa para pessoas de classe mais baixa.

Se, para muitos, a arte quase parece uma anti-carreira, algo que deve se manter no lugar de hobby, para Falero, era justamente o espaço onde podia imaginar uma carreira para si, de forma que, em seu mapa mental, a escrita se localizava como contraponto à alternativa imediatista dos subempregos e bicos, opção que, para pessoas do seu perfil social corresponde, essa sim, a certo teor de “tradicionalidade”, infelizmente. Não a medicina, não o direito, não a economia.

Historicamente no Brasil, as pessoas que tradicionalmente publicam, em sua maioria, são de classe média e normalmente já têm alguma aproximação com as letras, por exemplo, jornalistas, críticos ou até livreiros. Essas pessoas, antes mesmo de entrarem na vida profissional, são, desde pequenas, acostumadas com um padrão de consumo específico da classe média. Então tem vezes que, se você perguntar, elas vão dizer ‘Não é possível viver como escritor no Brasil’. Claro, não é possível sustentar aquele padrão de consumo delas. Mas eu vivia com 500 reais por mês, entendeu? Teve época que vivíamos, minha mãe e eu, ela desempregada e com 500 reais a gente sustentava os dois. Então para mim é muito mais simples sobreviver da escrita, porque eu estou acostumado a lidar com pouco dinheiro.

Por outro lado, em um momento da entrevista, conta que, mesmo seu padrão de consumo não sendo tão alto, aumentou desde que era um trabalhador precarizado; diz que até come melhor hoje em dia, como escritor.

Outras opções profissionais que habitam o horizonte de um jovem pobre e rebelde

Investigando um pouco mais durante a conversa, enxergamos uma estrada possivelmente mais segura e longa que chegou a cruzar seu horizonte, em um momento específico, entre distintos e instáveis trabalhos, personificada por um *chefe de loja*, posição de um superior seu, na época em que trabalhava em um supermercado.

*Meu chefe era um cara de classe média baixa, tinha um carro e tal. Ele tinha entrado naquela mesma empresa, dez anos antes, no mesmo cargo que eu. Então eu flirtava com essas ideias. ‘Olha, se eu suportar este inferno por dez anos, talvez eu consiga’. Mas depois, passava um ano e eu não aguentava mais. Não aguentava mais aquilo ali! [se inquieta e começa a olhar alternadamente ao seu redor, para todos os lados]. Eu sou meio rebelde e eu via umas coisas que eram erradas, injustas. **Acabo não aguentando as coisas que eu vejo.** ‘Cara, eu não vou [suportar]!’ Aí, dali a pouco eu não aguentava, fazia merda e eles me mandavam embora. Essa é a história da minha vida profissional.*

A opção dos estudos chegou a ser considerada também pelo escritor. Ele se formou no Educação de Jovens e Adultos (EJA) apenas um ano antes desta entrevista, em 2022, como já dito, mas diz que, antes disso, havia tentado fazê-lo várias vezes. Conciliar os estudos com o trabalho era uma tarefa muito difícil. No período em que estudava e trabalhava na construção civil, conta que, após o turno no canteiro de obras, chegava na sala de aula e dormia, exausto. Às vezes, também com fome e sem banho, tendo conseguido tirar apenas a sujeira mais grossa da pele.

Sagas do mesmo José Falero em outra vida profissional

Ele fazia mais do que apenas chegar a pensar em se estabelecer na empresa, ficar muitos anos e se tornar supervisor. Se esforçava em fazer seu trabalho, um trabalho braçal, muito bem feito. Estava disposto a se empenhar pelo posto. Mas o contexto, mais uma vez, não favorecia.

Nessa fase em que eu trabalhava no mercado, abastecendo os corredores, as prateleiras, teve uma época que eu comecei a me dedicar muito. Nesse momento eu estava inspirado, eu queria fazer bem-feito meu trabalho, então eu me esforçava muito. E aí, o cara do corredor do lado era preguiçoso; eu repunha as bebidas, e ele, os salgadinhos. Aí, um dia, eu fui tão bem que na metade do turno eu já tinha deixado tudo cheio e não tinha mais o que fazer no corredor que eu abastecia. E aí, qual foi meu prêmio? Ir ajudar ele a abastecer o dele. [ri, bem humorado, como quem diz ‘nonsense’]

Escrita e subempregos: Planejamento financeiro comparado

Apesar do que foi dito em outro ponto do texto, sobre o aspecto econômico da arte representar uma melhora de padrão de vida de Falero e de os subempregos poderem representar instabilidade, sob a lente do planejamento financeiro, os contornos mudam um pouco de figura.

Você sabe que eu ganhava muito pouco nos trabalhos por que passei, mas pelo menos era mais fácil planejar as coisas. Era um planejamento mínimo, como estava explicando, mas era um dinheiro garantido todo mês. Hoje em dia, ganhando dinheiro com a escrita, é muito difícil de administrar, porque eu ganho uma bolada de dinheiro, um dinheiro que nunca achei que ia ganhar de uma vez só. Só que é perigoso, porque eu não posso pegar isso e financiar um apartamento, por exemplo, porque eu posso ficar seis meses sem receber dinheiro nenhum. A grana é incerta. Ela entra em grandes volumes, às vezes, e depois fico muito tempo sem conseguir dinheiro de nenhum outro lugar.

No mundo do trabalho contemporâneo brasileiro, muitas pessoas migraram, ou foram levadas a migrar – diante de uma redução do número de vagas com vínculo empregatício no mercado e de outros fatores – para o regime de trabalho autônomo. Em fevereiro deste ano, 2023, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de trabalhadores por conta própria somado

ao de empregados sem carteira assinada (38,7 milhões) supera o de trabalhadores com carteira assinada (36,9 milhões). Em janeiro, também de 2023, os números mostraram que em uma década, os trabalhadores por conta própria passaram de pouco mais de 20 milhões para 25,5 milhões, o que ajuda a representar as mudanças no mercado de trabalho do país. Apesar de tal regime ser mais tradicional entre escritores, é comum pessoas que passaram por essa transição da carteira assinada à autonomia apresentarem dificuldades semelhantes às relatadas por Falero:

A minha subjetividade foi modelada nesse contexto em que tinha um chefe gerenciando meu tempo. Ele dizia 'Amanhã às oito tu vai estar lá, e às seis tu vai sair'. Uma vida inteira assim, 30 anos. Agora, quem gerencia meu tempo sou eu e eu não fui preparado para isso [gesticula mostrando um sobressalto]. Então às vezes acontece muita bagunça, de eu ficar muito tempo sem fazer nada, achando que eu mereço descanso, por exemplo, e atrasar alguns trabalhos. Mas também acontece de eu exagerar no trabalho, passar dois, três meses a fio, trabalhando da hora que eu acordo até a que vou dormir, sem o mínimo de descanso e de lazer. Fico longos períodos sem vida social. Trabalhando, trabalhando, trabalhando o dia inteiro. O que também não é saudável. Para mim, de acordo com como foi modelada minha individualidade, é difícil lidar com esse contexto de viver com a escrita, estou tentando aprender a gerenciar. Era mais fácil essa noção de hierarquia, disciplina, carga horária e saber que eu tinha um valor que eu sei que vai entrar todo mês. Era uma lógica que fazia mais sentido para mim.

Muitos escritores relatam que a remuneração na sua profissão é algo inconstante e imprevisível. Mas de que forma essa renda se faz tão incerta? Partindo-se de um caso prático, narrado entre as experiências de José Falero, é possível ter um exemplo do que faz essa dinâmica, muitas vezes, ser assim.

Pagamentos da escrita e o contexto econômico-social

Quanto à periodicidade e à organização financeira, os acertos em relação aos direitos autorais de seus livros publicados no Brasil acontecem apenas uma vez a cada seis meses e, dos publicados na Europa, anualmente. Viver doze meses recebendo somente duas vezes, sendo ainda a quantia variável, parece requerer grande habilidade de organização. Já aconteceu de Falero receber dinheiro e nem se lembrar a que se referia aquele pagamento. Como autônomo, ele conta que deveria manter um registro melhor, anotando os pagamentos que tem a receber, tentar controlar melhor sua creditação, mas, por enquanto, não é o que tem acontecido.

Os eventos de que participa – aos quais se associa basicamente toda sua remuneração no ano fora as duas ditas ocasiões de pagamentos da editora –, além de serem oportunidades irregulares e imprevisíveis, nem sempre pagam de maneira razoável. Se alguns organizadores levam até um mês para pagar, algo considerado compreensível pelo escritor, outros já chegaram a levar um ano para quitar as dívidas.

Eu me reservo o direito à contradição. Por um lado, para mim é mais fácil viver da escrita, porque eu não tenho um padrão de consumo tão alto. Por outro lado, veja que doido: pense em um cara de classe média que publica um livro que traga fluxo para ele. Geralmente, o pai e a mãe dessa pessoa já estão com a vida resolvida, são aposentados, têm um bom dinheiro. O irmão também está encaminhado... O entorno dele inteiro, suas relações de afeto, amigos, vizinhos, ninguém precisa de ajuda. Esse dinheiro entra para esse cara. Mas eu venho de um contexto que tem uma galera, mãe, tio, primo... Você não consegue não ajudar as pessoas. Estava falando um dia desses com um brother meu, que também escreve, o Jeferson Tenório [autor, professor e pesquisador brasileiro também muito reconhecido] justamente sobre isso. Além de ajudar as pessoas que você ama e que precisam, às vezes, existe todo um atraso de décadas ou gerações de coisas que precisavam comprar, consumir e não tinham como... Então quando entra o dinheiro, como você vai planejar algo se o piso da sua casa está destruído? Ok, você vai arrumar o piso, tudo bem, dessa vez não deu. Da próxima vez que você pensa em planejar algo, seu telhado está destruído; também não

dá. Tem sempre coisas que estão esperando há muito tempo. (...) **Eu tenho conseguido pensar sobre isso. Considero uma grande vitória.** Cheguei a ir visitar coisas para comprar, tá ligado? Olho preços de casas. Por enquanto ainda não foi possível comprar, mas eu sinto que cheguei mais perto.

A sua mãe teve um aneurisma e quase faleceu no ano passado (2022). Desde então, Falero é seu responsável financeiramente, já que ela não consegue mais trabalhar. No momento em que ela apresentou o quadro, José estava guardando dinheiro para reconstruir a casa, desde que começou a receber como escritor, já que aquela em que viviam era insalubre, sendo ali sua moradia apenas por ser melhor que a rua, segundo ele. Nesse momento, a casa se tornou de fato perigosa para a mãe, que, sobre o piso podre, poderia acabar caindo no andar de baixo dependendo de onde pisasse. Foi quando organizou uma vaquinha contando da situação da mãe, e dizendo que, apesar de vir fazendo suas reservas, se tornara urgente a reconstrução para que ela pudesse voltar para casa. Com as suas economias e, principalmente, o dinheiro da vaquinha, ele conseguiu refazer a casa.

Sonhar-se escritor

– Você não conhecia ninguém que vivia disso ou que era escritor?
– **Eu não conhecia nem leitor.**

Ri e diz que, de onde ele vem, ninguém lê. Ele mesmo começou a se aproximar dos livros aos 21 anos, o que considera muito tardio. Mas, através da leitura, nesse momento, começou a se interessar também pela geografia, clima, contexto histórico de outros países, programação de computadores, desenho, pintura, teoria musical, Bertolt Brecht; tópicos de conversa e pensamento que eram incompatíveis com seu círculo de convivência e afeto. Conta que, apesar de hoje escrever livros, na sua vida, eles não tiveram um lugar primário, próximo desde a infância. O samba e o rap, por exemplo, foram elementos culturais mais importantes para seu *letramento*.

Quando começou a se interessar por ser escritor, diz que fez de tudo para que isso fosse um segredo, porque sabia que se tornaria motivo de chacota. E que, efetivamente, quando descobriram, onde trabalhava, no contexto da construção civil, debochavam dele o tempo todo.

'Traz o martelo, escritor'... E aí todo mundo gargalhava. Hoje eu consigo até rir disso, mas, na época, isso me atirou em uma depressão; chorava escondido. Foi foda. Hoje, depois da publicação e das matérias do jornal, as piadas continuam, 'aí, olha, chegou o escritor!', mas já não é mais pejorativo, porque eles viram que deu certo. Tem uma coisa doida que acontece. Eu ter aparecido no jornal legitimou a minha voz no meio dos meus camaradas. Eu dizia muita coisa que achavam que era besteira. Hoje em dia as pessoas têm uma tendência maior a concordar com o que eu digo, por causa disso, tá ligado? [ri]. Me levam mais a sério. O próprio texto. Essas paradas estavam ali nos meus cadernos, no meu computador, eu publicava nas redes, ninguém estava nem aí. Com as publicações e as matérias, as pessoas querem o meu livro de repente, compram, querem de presente.

Do EJA à Editora Todavia

Partindo desse contexto, de que forma então ele conseguiu ser publicado? Uma série de coincidências levaram o trabalho do rapaz sonhador, crítico e interessado, que nunca tinha recebido uma resposta das editoras, ao que se sucedeu...

Eu já tinha desistido de publicar livros, mas postei um texto nas redes sociais que viralizou. Eu descobri que, além de ingênuo, eu era alienado. Descobri uma galera como eu, que eu não sabia que existia, em um mesmo movimento de escritores da periferia, com a mesma experiência social, lutando para tentar publicar. E, na repercussão desse texto nas próprias redes sociais, eu conheci muitas pessoas, entre elas, a minha namorada [Dalva Maria Soares]. Outra pessoa, aqui de Belo Horizonte, se chama Karine Bassi, que tem uma história incrível que vou resumir muito... Ela também tinha

*tentado publicar e não tinha conseguido. Resolveu então abrir sua própria editora, chamada Venas Abiertas, para publicar seus livros e também os das pessoas que têm as mesmas dificuldades que ela para entrar no mercado editorial – galera preta, galera da periferia – com as portas abertas. Então, ela me chamou por causa desse texto. Minha namorada, que a conhecia, fez a ponte e, assim, meu primeiro livro [Vila Sapo] foi publicado aqui em Belo Horizonte. Aí foi uma série de coincidências... Isso aconteceu quando eu estava começando o EJA, no colégio de aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Para a gente publicar o livro, nem eu, nem a Karine tínhamos dinheiro, então ela pegou acho que dois mil reais emprestados com um amigo. Eu não conseguia dormir, comecei a pensar, ‘tenho que vender esses livros para pagar esse cara’. **E não é fácil vender um livro quando ninguém te conhece!** As aulas começavam numa quarta-feira, e o lançamento do meu livro era domingo, algo assim, então aproveitei que estava no colégio e ofereci para os professores, os alunos, todo mundo. Um professor meu do EJA foi ao evento e comprou um exemplar. Aí, eu não sabia, mas esse cara era amigo de uma galera do mundo da literatura de Porto Alegre e gostou do meu livro, comprou mais uns cinco para dar de presente. Um dos que ganharam foi o Luís Augusto Fischer [escritor, ensaísta e professor brasileiro], um super intelectual da literatura, escreve também, é um crítico, e fez uma resenha do meu livro na Zero Hora, porque gostou, ficou impactado. Olha que doido! Aí vendeu muito livro... E ele me chamou para trabalhar na revista digital Parêntese, de que era editor-chefe; comecei a escrever minhas crônicas lá no final de 2019. Além disso, o Fischer é professor na UFRGS e tinha sido orientador do mestrado do Leandro Sarmatz, que é editor da Todavia, uma das maiores editoras do país. Nesse meio tempo, um dia, o Sarmatz ligou para ele, fazendo trabalho de editor, perguntando se ele conhecia alguém que estava escrevendo. Aí o Fischer falou de mim, das crônicas que eu vinha escrevendo, e foi assim que eu cheguei na editora.*

Seu primeiro livro, que caiu no gosto do professor e levou o nome de Falero a circular pelo meio literário gaúcho, foi publicado em 2019, pela editora independente

Venas Abiertas, de Karine Bassi. Chama-se *Vila Sapo*, um livro de contos, e, no Google, está categorizado como do gênero de ficção urbana. As histórias se passam na periferia de Porto Alegre, mais especificamente na Vila Sapo, no bairro da Lomba do Pinheiro e, apesar de ficcionais em teoria, apresentam grande verossimilhança. O livro ganhou também relançamento pela *Todavia*, mais tarde, em 2022.

Tava um frio que parecia até dois, e não tinha nuvem nenhuma no céu. Interiormente da minha mente totalmente demente, eu comparei a lua branca e morta que brilhava no céu com uma lâmpada, dessas que se acende pra iluminar o frio, o vazio e a fome, quando a gente abre a porta da geladeira no meio da madrugada. Que viagem! Muita viagem. Eu tava muito viajando. Daí, teve uma hora que o Nego Bota Fé me resgatou do mar dos delírio, porque ele tremeu inteirinho, fazendo “brrr!”, igual um cavalo relinchando, e isso me chamou a minha atenção, tipo, isso fez eu me alertar e ficar esperto. Eu senti toda a minha viagem evaporando dentro da minha cabeça enquanto o negão se encolhia todo, abraçando ele mesmo e esfregando os ombro com as mão. Daí, ele cantou:
— “Quanto mais frio/ Mais em prol/ Um amante do dinheiro/ Pontual como o sol/ Igual eu...”

— José Falero, em trecho publicado no livro “Vila Sapo”, originalmente pela editora Venas Abiertas, em 2019

O segundo livro, um romance, chama-se *Os Supridores* e foi publicado pela editora *Todavia*, em 2020, seu primeiro livro na casa, que apresenta o autor como um dos nomes mais relevantes da nova literatura brasileira. Conta a história de dois trabalhadores de um supermercado – como ele mesmo foi –, na região central de Porto Alegre, que vivem às voltas com a desumanização de seus serviços e buscam opções para uma vida melhor. Eles insistem em se manter na legalidade, por experiências que já conheciam, mas, no processo de recusa à exploração, acabam se envolvendo com tráfico, que era, para eles, o único meio possível para tanto.

O seu próximo livro, na mesma editora, foi um livro de crônicas que haviam sido originalmente publicadas na revista digital em que trabalhou por convite de Luís Augusto Fischer. O nome do livro é *Mas em que mundo tu vive?* e foi ele que rendeu a posição de finalista no Prêmio Jabuti a José Falero em 2021.

Literatura e desenvolvimento humano

Nas próximas passagens, o autor fala da importância da literatura em âmbito maior, ou de tudo que ela alcança sem que se note. Assim, Falero coloca a literatura no lugar do que ela pode ser, expandindo suas bordas de modo geral, também as da sua própria produção literária e ainda as dos efeitos que a sua atuação como escritor pode trazer à realidade.

O Antonio Cândido² defende a literatura como um direito humano. Eu penso exatamente assim. A nossa sociedade, tal como se configurou, capitalista, racista, machista, o Brasil como ele é, desumaniza as pessoas de várias maneiras. E uma delas é apartar as pessoas da literatura. Veja a importância que eu acho que a literatura tem na vida das pessoas: acho que isso contribui para o desenvolvimento humano da pessoa. Não dá para substituir ler por ver uma série, não são coisas da mesma natureza. O impacto que a literatura cria na sua subjetividade é outra coisa. E eu sempre argumento que não é só a leitura, mas a escrita também. Uma coisa importante para a vida das pessoas, no meu modo de ver, é tu se entender, e entender o mundo ao seu redor. É entender as suas necessidades, angústias, desejos... Às vezes isso é mais difícil do que parece, a gente fica confuso, não sabe bem o que quer. O exercício de tu sentar e escrever contribui para que tu te entenda, desde as coisas pequenas, até as mais complexas. Quando tu começa a pensar e escrever sobre os teus sentimentos, relação com seus pais, amigos, companheiro, tua subjetividade de modo geral, isso tem um poder de organização interna impressionante.

Digo a ele que a sua produção literária se alimenta muito da realidade que experienciou e dos problemas sociais e pergunto se ele tem a pretensão de fazer o

² Antonio Cândido de Mello e Souza, que viveu de 1918 a 2017, foi um sociólogo, crítico literário e professor universitário brasileiro. Estudioso da literatura brasileira e estrangeira, é autor de uma obra crítica extensa, que inclui *Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos*, dono de diversos prêmios nacionais e internacionais e amplamente respeitado academicamente em diversas universidades, como a USP, sua alma mater, e outras.

caminho contrário, ou seja, por meio da sua obra mudar algo na realidade. Ele para, sorri, olha pros lados:

Ah, cara que doido isso. Caramba! Isso é complicado. Eu considero utópico pensar que eu vou transformar a sociedade por causa dos livros. Porém agora, 10 minutos antes de a entrevista começar, eu estava dizendo para a minha namorada que, em certa medida, o que me move é justamente acreditar nisso. Quando eu escrevo, eu tenho a nítida impressão de que estou escrevendo umas paradas de que as pessoas não se deram conta, apesar de ser muito óbvio; tenho esperança que elas percebam. Uma juíza de Porto Alegre uma vez deu uma sentença muito incomum. Uns rapazes tinham sido presos com uma quantidade pequena de drogas e ela liberou eles com o argumento de que o estado não deu o suporte que precisava dar para aquelas crianças; eram menores de idade. Educação, Lazer... 'Então como tu vai cobrar agora?' Essa decisão saiu em tudo que era jornal. E ela usou como base para essa argumentação o meu livro. Olha que doido. E aí isso foi uma pequena diferença.

Defendo que foi uma diferença pequena, mas gigante. Ele, por sua vez, lembra da proporção do caso em relação ao tamanho do Brasil; eu penso, então, na importância dessa sentença como produção de precedente no mundo jurídico, uma vez que decisões judiciais de casos concretos podem servir como parâmetro para julgamentos posteriores situações semelhantes. Parece que a prática, em alguma medida, encontra o sonho.

Quando estou escrevendo, falo sobre coisas que eu achava urgente a gente olhar com atenção e que, por alguma razão, ninguém olha. Lá no fundo eu tenho a esperança de que isso faça diferença, que as pessoas se dêem conta, que isso promova uma mudança em algum sentido. Embora eu ache utópico, no fundo, a esperança disso me move para escrever. (...) Gosto de pensar que mesmo através de pequenos fragmentos, eu contribuo para o progresso das paradas. E não só a literatura, mas uma série de movimentos, por exemplo na academia, estão trazendo a luz a debates importantes que 20 anos atrás não eram discutidos. Tem um monte de forças e fragmentos

contribuindo para esse progresso. E eu gosto de pensar que os meus livros são um fragmentinho ali ajudando.

Foi difícil, mas o rapaz conseguiu vencer a forte vontade de faltar ao serviço naquela segunda-feira, 2 de fevereiro de 2009. E quando finalmente dignou-se a sair de casa para ir trabalhar, sem a menor esperança de que aquele se revelasse um dia melhor do que outro qualquer, o sol vigoroso veio se alojar sobre seus ombros de cabide, como se o peso da mochila já não fosse desconforto suficiente para aborrecê-lo. A claridade fez seus olhos doerem um pouco, pelo que ele lançou uma careta inútil contra a imensidão do céu azul, à guisa de protesto, enquanto enfiava entre os beiços ressecados um de seus cigarros vagabundos.

- José Falero, em 'Os Supridores', publicado em 2020, pela editora Todavia

DALVA MARIA SOARES

O desejo da residência literária

Dez e quinze. Coloco a água no arroz. Dou uma pausa e leo um texto. Ele fala sobre grandes livros e filmes: “os personagens amam ferozmente, correm, cavalgam, inventam mentiras, planos, raciocinam e matam, que seja. Nunca, porém, eles interrompem suas grandes sagas para comer ou lavar a louça. É como se não fosse preciso. Como se essas funções vitais da humanidade não coubessem a eles, mas sim a outras pessoas, aquelas devidamente escanteadas, humanas demais no sentido prático e, portanto, – por que não dar nome aos bois? – exploradas. As vidas invisíveis existem nas narrativas da ficção e do mundo real. Muitas vezes, inclusive, se interseccionam. Quem é capaz de imaginar William Faulkner cozinhando seu próprio arroz? Pouco provável.” Danadinha essa Helena Zelic! Uma menina, ainda.

Onze em ponto. Tempero o feijão. Como Helena também me entedia com uma literatura de grandes feitos, de grandes personagens salvando o mundo. Sinto falta de uma escrita com cheiro de alho, de sabão em pó, de água sanitária e de amaciante. A caneta com cheiro de cebola, porque a ideia surgiu enquanto se preparava o almoço. O caderno sujo de óleo, porque passa os dias na mesa da cozinha. Sinto falta de personagens que lavam sua roupa, que cozinharam sua comida, que levam os filhos para a escola.

É aqui, na mesa da cozinha, que vou juntando os ingredientes da minha escrita. É nesse lugar que, devagarinho, as letras vão se formando sobre o teclado e vão marcando, pouco a pouco, as páginas em branco. Computador, livros e cadernos dividem o espaço com o pote de pimenta, a lata de pão, o vidro de azeite. As anotações e os rascunhos estão todos marcados: uma gota de gordura que caiu do prato, a marca da pata do cachorro, que de tanto esperar já ficou entediado; pingos do café entornado que apagaram o escrito; pingos da sopa que coloriu de urucum justamente a passagem onde escrevi sobre o caboclo.

- Trecho da crônica “A janta tá pronta?”, de Dalva Maria Soares, publicada em “Para diminuir a febre de sentir”, pela editora Venas Abiertas, em 2020

Dalva Maria Soares, uma mulher negra, do interior de Minas Gerais, hoje tem 57 anos e vive em Belo Horizonte. Devotou grande parte da sua vida à carreira acadêmica, com o sonho de se tornar professora universitária. Com as dificuldades que foi encontrando no seu campo original de atuação, aos poucos, a escrita literária, que começou como refúgio para quando se cansava da produção

acadêmica, foi assumindo a forma do sonho atualizado de Dalva. Ela, que reconhece que começou a escrever há cerca de nove anos, passou a publicar em 2020, apenas três anos atrás e de forma que hoje vive só da literatura.

Seus pais eram trabalhadores rurais sem terra, que viviam no interior de Minas Gerais, na cidade de Baldim, onde foi criada. Segundo ela, sua mãe era uma feminista radical e seu pai morreu sonhando com a reforma agrária na década de 1980, mesmo período em que seria criado o MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Dalva é uma entre os 6 irmãos que estudaram em universidades públicas, antes mesmo da implementação de ações afirmativas. Formou-se em Ciências Sociais na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1995, e, no ano seguinte, integrou-se à rede pública estadual como professora, porém com contratação temporária.

Na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, passou alguns anos, em sua primeira experiência com o ensino superior, mas também em contratação intermitente. A maior parte da sua vida profissional se desenrolou sob regimes provisórios, instáveis ou precarizados. A primeira vez que foram abertos concursos para uma vaga em sociologia foi apenas 22 anos após a sua formação, ou seja, em 2017. Insistiu durante todo esse período pela colocação que almejava, tornando-se mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa e doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, com estágio em Portugal. Ao longo desse tempo, ela também criava seu filho, João Pedro, como mãe solo, e ele a acompanhava em todas as mudanças que fizeram pelo mundo. Ela diz: “Criei meu filho com dinheiro de bolsa de mestrado, de doutorado. Eu ‘dou curso’ de como viver com pouco”.

Durante o governo Bolsonaro, com os crescentes ataques à educação, desde os cortes de recursos, sobretudo para as áreas das Humanidades, também com o avanço da implementação do Novo Ensino Médio, até os ataques verbais, e também a pandemia, o campo profissional de Dalva se tornou ainda mais difícil. Foi nessa fase que ela, sob o incentivo de amigos, passou a considerar publicar seus textos como livro.

Eu já escrevia e publicava meus textos no Facebook e já tinha um grupo de leitores. Já conhecia a Karine Bassi, que foi quem publicou o Vila Sapo, do José Falero [seu namorado], e ela estava criando uma coleção, chamada A Voz da Ancestralidade, com dez autores. Eu participei, com este livrinho, que se chama Para diminuir a febre de sentir. Nele estão algumas crônicas minhas que separei. Inclusive, foi o Falero que fez a revisão; a gente quase terminou o namoro [rio e ela solta uma centelha de riso, sem sair da seriedade totalmente], porque ele é muito exigente, domina as técnicas. A minha escrita é muito intuitiva. Tenho aprendido muito com ele. Esse livrinho foi um divisor de águas. Primeiro que você ter um livrinho publicado é diferente, é quase que um rito de passagem para você se assumir escritora.

Falamos sobre esse momento especial em que “pessoas que escrevem” passam a se considerar escritores, já que – mais uma vez se constata – a participação nesse grupo não tem regras totalmente definidas. O reconhecimento como um(a) escritor(a) é algo que pode acontecer de maneiras diferentes. Com base nas entrevistas feitas para este trabalho, pode-se dizer que, às vezes, uma pessoa pode se considerar escritora, mas o seu entorno não reconhecê-la deste modo. Outra possibilidade é ela, apesar de escrever, não se intitular escritora, mas ser reconhecida e possivelmente até incentivada pelo seu círculo a publicar e viver o processo de ir, pouco a pouco, se entendendo melhor com este título: “escritora”.

Dalva lembra de uma amiga sua que considera uma grande poeta, mas que vive uma dificuldade de se assumir escritora. Me pergunto se o próprio jeito que Dalva se refere a seus livros, no diminutivo, não seria indício de uma certa timidez em assumir-se escritora, ou se tem mesmo a ver com as características materiais do produto, assunto em que tocará, em outro momento da entrevista, dizendo que seus livros são “pequenininhos”, feitos para serem vendidos por um preço baixo, já que se fosse de outro jeito, provavelmente menos pessoas os comprariam. Depois de falar da amiga, passa a falar de seu próprio caso, lembrando situações vividas por ela, e usando como referência, em sua fala, o documentário *Nunca Me Sonharam*, de 2017, que discute a realidade das escolas do ensino público brasileiro.

*Eu venho de um lugar que ‘nunca me sonharam’ escritora [diz, com um sorriso]. Eu gosto de contar que outro dia, fui comprar um caderno e o atendente perguntou: ‘Para menino ou menina?’, e eu, ‘Para mim’, e ele, ‘Ah, você faz EJA?’, que é Educação de Jovens e Adultos. Porque eu tenho cara da tia do cafezinho, de diarista. As pessoas ainda se surpreendem. Vou colocar meus livros no correio, eles acham que eu trabalho num sebo, mandam recado pro meu patrão... **Não tenho cara de quem escreve.***

Alegrias, marcos e situação financeira atual da Dalva escritora

Dalva, por enquanto, não é representada por uma grande editora, e começou, como dito, a publicar livros há apenas alguns anos, mas já tem a literatura como fonte exclusiva de renda. Ela conta do ponto em que está com seus livros, tanto na questão financeira, quanto na questão da projeção do seu trabalho e das situações prazerosas que essa disseminação tem trazido a ela. São dois publicados até agora, *Para diminuir a febre de sentir*, que reúne crônicas do cotidiano sob a visão crítica e afetiva de Dalva, e *Do menino*, que, também em crônica, conta histórias desde o dia que decidiu ser mãe até o dia em que seu filho saiu de casa para trabalhar.

*Não tenho cara de quem escreve. Só que esse livrinho já me deu muitas alegrias. Eu acho que eu já vendi uns 2 mil exemplares. E é um rolê muito diferente do Falero, porque é **um rolê independente**. Então eu tenho que divulgar nas minhas redes sociais, não tenho muita paciência para fazer ‘card’ bonitinho. Tento seduzir os meus leitores pelo texto. Acontece muito de quem comprou e gostou, comprar mais para dar de presente para outras pessoas. Ele virou também material didático; alguns professores trabalham com ele, muitos deles me mandam mensagens... Tem duas crônicas sobre violência doméstica, que umas juízas que trabalham com o tema no Rio Grande do Sul usam como material didático na escola de magistratura. No último final de semana que passou, eu participei de um evento de juízes do trabalho, em Florianópolis, lendo as crônicas do segundo livrinho, chamado Do menino sobre a experiência de primeiro emprego... Indo para lá, no aeroporto, eu recebi uma mensagem de uma professora da Universidade Federal de Minas*

Gerais que trabalha com literatura com mulheres grávidas encarceradas; querem usar o livro Do menino, que é todo de crônicas sobre maternidade. Eu tenho acessado um público que, às vezes, nem tem o hábito da leitura, mas que tem me dado muitas alegrias.

Tem um detalhe importante quando você me pergunta se eu vivo da literatura. A literatura ainda não me proporciona o suficiente para eu pagar minhas contas. Em 2020, quando eu lancei o primeiro livrinho, eu tive que chamar o casal que me aluga a casa, que é um casal de amigos, e perguntar a eles: 'Vocês segurariam o aluguel durante seis meses para eu poder investir na literatura?'. Eles disseram que sim e me encorajaram. Mas aí veio a pandemia. E ficou tudo mais difícil, os preços subiram muito. Ou seja, para resumir, tem três anos que eu não pago aluguel. A venda dos livrinhos me possibilita grana para eu pagar as minhas contas, mas se eu pagar o aluguel, mesmo tendo doutorado, eu vou ficar em insegurança alimentar. Eu só consigo comer dignamente, pagar água, luz e internet, porque eu não estou pagando o aluguel. Mas não é uma situação confortável. Todos os dias eu acordo pensando 'Meu Deus, não estou pagando o aluguel' [olha para baixo]. Eu recebo uma mensagem do proprietário e penso 'Meu Deus, ele vai me pedir a casa' [leva a mão à cabeça]. Nesses anos todos, eu não consigo relaxar.

Situação financeira como professora e remuneração na literatura além do livro

Se insatisfeita com a sua condição financeira atual – e emocional, causada pela insegurança material –, Dalva reflete sobre sua ocupação anterior, como professora de sociologia, e compara as circunstâncias que vivenciou nas duas áreas, comparação essa que, em certa medida, justificou a mudança do seu foco profissional.

Amplia a discussão indo além da sua própria experiência ao levar em consideração situações de pessoas que partem de lugares sociais semelhantes ao dela, pesando as oportunidades que são oferecidas a elas e o lugar que, na literatura, mesmo com as dificuldades, podem chegar a alcançar. Com isso, cita

também formas de lhe trazem renda no campo da literatura, além da própria venda dos livros.

O cachê desse evento do sul me possibilitou pagar as contas do mês de abril. Também estou dando uns cursos: agora, no Centro Cultural Astrolabio, no mês que vem, darei um na Escrevedeira. Então, isso representa mais um dinheirinho, que vai juntando, aqui e ali. Ainda não pago todas as minhas contas, mas às vezes eu consigo mais grana do que como professora da rede pública estadual designada. Meu salário era de 1900 reais, para dar aula para 640 alunos. Porque sociologia tinha uma aula por semana; ‘tinha’, porque, agora, com a reforma do ensino médio, piorou. Então, precisava de 16 turmas para formar um cargo. Se eu desse uma avaliação, tinha que corrigir 640 provas; se fossem duas, cerca de 1300. Eram 16 diários eletrônicos para dar conta. Fora que dar aula para adolescentes, embora eu consiga uma boa interlocução com eles, não é uma coisa fácil. Então, as coisas começaram a acontecer na literatura, eu comecei a ser chamada para eventos, palestras, rodas de conversa. Eu estudo a obra da Carolina Maria de Jesus, então passaram a me chamar também para dar oficinas sobre a sua produção. Desde então, eu tenho investido nisso.

Novamente, encontramos o debate da posição da literatura, por vezes vista como “opção arriscada” para certas camadas sociais e, outras, como uma saída interessante para outras camadas, que teriam, normalmente, apenas opções precarizadas como oportunidades profissionais. Dalva joga luz justamente **aos sujeitos** que anunciam uma suposta impossibilidade de se viver por meio da literatura no Brasil, em vez de buscar veracidade ou inveracidade absoluta na mensagem por si só.

*Às vezes eu escuto as pessoas falando: ‘impossível viver de literatura neste país’. Eu penso, ‘velho, se eu vivia dando aula na rede estadual ganhando 1900 reais...’ Às vezes eu recebo, em um cachê, 2 mil. **Quem não consegue viver de literatura?**[um tom acima]. Acho que quando a gente vive com pouco, como é meu caso, o do Falero, que ainda não resolveu seu problema financeiro, mas vive com muito mais dignidade hoje do que quando era*

auxiliar de gesseiro, né? Então eu acho que para a gente, que vem de um lugar social que a gente vem, é possível, porque a gente ganha mais com a literatura do que com nossos trabalhos precarizados. Mesmo como professora do ensino médio, não era concursada – porque não faziam concursos – todo ano era um rolê, porque você tinha que fazer o processo de inscrição de novo, às vezes você não ia para a mesma escola [do ano anterior]... Você não conseguia desenvolver um trabalho, porque cada ano você estava em um lugar; às vezes você conseguia perto da sua casa, às vezes numa periferia muito longe. Eu já tive que dar aula em uma escola que era a três horas de onde eu morava, eram três ônibus. E, mesmo como professora do ensino superior, era nessa condição, de professora substituta, que, na rede federal, pode dar aula por dois anos, tendo que ficar outros dois afastada. Só depois eu voltava. Então, a maioria dos meus trabalhos foi em situação precarizada, como profissional terceirizada. Foram poucos os trabalhos que eu tive de carteira assinada mesmo, que fiquei cinco ou seis anos numa empresa.

Se, no caso de Falero, notou-se a possibilidade de um emprego que, ainda que pagasse pouco, traria uma estabilidade ao final do mês, por exemplo, no supermercado, no caso de Dalva, até mesmo seu trabalho que pagava mal não envolvia um vínculo contínuo. A garantia era, quase, inversamente a da própria instabilidade, pela forma de contratação. Mesmo sua opção de trabalho que trazia uma entrada certa de dinheiro todo mês – como professora – era temporária. Ou seja, muitas vezes, ganhar pouco hoje e, ainda, não poder estar aqui amanhã.

Como dito por ela, não considera impossível viver de literatura no Brasil; talvez, para ela, com essa experiência anterior, a questão da incerteza do dinheiro para o escritor hoje não seja uma barreira tão grande, apesar de, mesmo com tais vivências na bagagem, o estresse de buscar o pão de cada dia não dissolver.

Estratégias de venda, autopublicação, o rolê independente e grandes editoras

Para conseguir se sustentar como escritora, ela precisa estar sempre em movimento, impulsionando as vendas por meio de estratégias suas. Como dito

antes, ela ainda não é publicada por uma grande editora, o que faz com que a sua atuação seja, em suas próprias palavras, *um rolê independente*, pelo qual publica, divulga e vende seus livros de maneira autônoma.

Dependendo da quantidade de eventos que você faz, às vezes consegue ficar uns dois meses mais tranquilinha. Alguns meses atrás, eu resolvi fazer uma promoção dos meus livrinhos – é uma coisa que tem que divulgar sempre. Eu vendo cada um a 30 reais, mais o frete, que é sete. Eu fiz os dois [Do menino e Para diminuir a febre de sentir] por 50. Eu vendi três mil reais em livros. É um livro muito baratinho, então, assim, eu vendi muito livro! Só que você tem que ficar inventando, porque quem compra é minha rede; chega uma hora que todo mundo que tinha que comprar já comprou. Ainda que eu não sou famosa igual ao Falero, a minha rede é bem menorzinha, então [ela se esgota] bem mais rápido. Só que também chega gente todo dia, muito pelo próprio trabalho de escrita.

Ela diz que as participações dos cachês de eventos e das vendas de livros acabam ficando empatadas na sua renda. Também porque existe uma diferença importante na rentabilidade do valor unitário dos livros em diferentes regimes de contrato. Para escritores representados por grandes editoras, como dito, o valor que recebem é o de 10% do preço de cada livro vendido, e as tiragens costumam ser maiores. No caso de Dalva, as tiragens são menores e dependem do investimento de sua parte para acontecer, mas ela recebe o preço cheio das vendas que fizer depois; é um sistema de autopublicação pela editora *Venas Abiertas*.

Quando eu consigo um dinheiro emprestado, eu faço trezentos exemplares. Aí tenho que vender esses trezentos e separar uma grana para imprimir mais. Ou seja, eu vendi 2 mil exemplares, mas isso em 3 anos. O que o Falero faz em uma tiragem, eu levo 3 anos para vender. É no pingadinho assim mesmo, sabe? Só que tem um detalhe. A Venas Abiertas é uma editora que é quase uma cooperativa. A Karine [Bassi] não visa o lucro. Seu objetivo é publicar pessoas que não conseguiram ser publicadas pelo mercado literário. Então ela tira um número de exemplares para a editora e a gente fica com os outros, sendo que o que a gente vender fica conosco, o valor total. Se eu vendo dez

livros a 30 reais, são 300 reais para mim. Ela tem prejuízo com isso inclusive, já cansei de brigar com ela. Mas ela já colocou muita gente no mundo – o próprio Falero, ela fez o Falero escritor.

Dalva fica com o valor total da capa e é responsável por colocar um preço no livro. O autor que paga pela publicação: "Não é barato, ainda mais para mim, que não tenho reserva nenhuma nem de onde tirar". Às vezes, no entanto, ela consegue negociar algumas condições especiais, como parcelamento, as pré-vendas – por meio das quais começa uma arrecadação antes de precisar ter um montante inicial disponível para fazer as impressões.

Nas livrarias

Existem fatores além do custeio e do retorno financeiro dos livros, no entanto, que também são palco de diferenças importantes quando se publica de maneira independente. Dalva continua comparando os regimes de publicação vinculada a uma empresa representante à autônoma, dessa vez quanto a distribuição e contratos com lojas.

Só que numa grande editora você vai ganhar pela quantidade. Porque ela também te põe em todas as livrarias [faz um gesto expansivo para além do enquadramento da câmera com as mãos]. Eu suei, outro dia eu apelei, coloquei meus livrinhos na sacola e fui bater nas livrarias aqui em Belo Horizonte [diz, com os livros em mãos]. Meus livros estão em três livrarias; duas aqui e uma em Florianópolis. Só que eles cobram da gente o mesmo percentual que é cobrado das grandes editoras; 40%, em média. Chorei, chorei, deixaram por 30%. Mas perder 30% do valor desse livro para mim faz muita falta. Eu acho que não poderia ser cobrado da mesma forma de um autor independente e de uma grande editora. É uma coisa complicada. Mas a gente vai. Ou é isso, ou a gente volta a dar aula na rede estadual, 640 alunos, essas coisas.

O caminho para conseguir colocar seus livros nessas livrarias foi feito por essas visitas e tendo em consideração que já existia um contato com elas, por meio

de pessoas envolvidas com elas que a seguiam nas redes sociais. Dalva diz também que, como José Falero começou a ganhar mais visibilidade, ela acabou “pegando carona” na fama dele. Mas trata-se de uma via de mão dupla. O relacionamento começou com eles se fisiando por essa paixão pela literatura e pelo diálogo que a aproximação dos seus lugares sociais permitiu, diz Dalva.

As pessoas nos acham duas figuras interessantes. Querem me conhecer e, mais do que isso, ele me cita nos livros dele. (...) No Mais em que mundo tu vive?, eu apareço muito e inclusive as crônicas foram muito a partir de discussões que a gente teve. O Vila Sapo [primeiro livro de José Falero] eu que fiquei no pé da Karine dizendo: ‘Tem que publicar, tem que publicar, tem que publicar esse cara’. Os Supridores também eu li e ele queria jogar fora, falei ‘Você tá louco? Escrever um romance é um trem muito difícil’. Dei pitaco, sugeri mudança de nome de personagem. Tinha cena ali que eu achei extremamente machista, aí ele tirou. As pessoas criam uma curiosidade de ler o que é que eu escrevo. E eu até tenho que ficar advertindo: ‘Olha, nossas escritas são muito diferentes’. Tem uma questão geracional, uma questão de gênero, a gente vem de lugares sociais parecidos, mas eu sou da zona rural, e ele, da urbana. A pobreza da cidade é diferente da pobreza do interior. Além disso, eu sou mãe. Tem mil coisas que vão aparecer na minha escrita que são diferentes da dele. Isso, além de a minha escrita ser intuitiva e a do Falero, não. Ele domina a linguagem, as técnicas; ele estudou muito. Também porque enquanto ele estava estudando, a mãe dele estava lavando suas cuecas, colocando comida na mesa. Ele conseguiu escrever Os Supridores, porque quando ele estava desempregado, a mãe dele colocava comida na mesa. Não é o meu caso. Eu falo para ele: ‘Se eu for esperar dominar a gramática como você domina, eu não vou escrever!’. Eu vou fazer 57 anos, daqui a pouco estou com 60. Eu não posso perder mais tempo.

‘Pacto Narcísico da Masculinidade’

Em dado momento da entrevista, falando de modo geral do seu ponto de vista nas discussões, Dalva disse: “Eu não consigo não olhar com essa lente de

gênero, não tem como, eu sou mulher vou fazer o quê?”. Nesta e nas próximas seções, o tema da mulher no mundo da escrita se tornará mais claramente protagonista. Se abordará a posição feminina no mercado do livro e a importância das redes de pessoas para o sucesso. Além disso, a autora trará pontos interessantes também sob a lente de raça.

A gente que é negro, periférico, acho que é Silvio Almeida que fala isso: a gente não tem o tempo da aprendizagem. A gente não pode errar, porque a gente nem tem o direito de aprender. Tem uma galera aí que não tem como esperar dominar a norma culta para começar a escrever, senão eles não vão escrever. A gente já está atrasado, correndo atrás do prejuízo. Digo a ele [Falero], tem um recorte de gênero aqui que tem a ver com o fato de você ser homem. Até o fato da publicação. Os homens têm um pacto narcísico da masculinidade. Eles são muito ‘brothers’ um do outro, ficam se publicando, se divulgando, mas não fazem isso com as mulheres. Não fazem. Agora eu puxo a orelha dele, digo: “Divulga aí”. Ele tem 10 mil seguidores no Instagram. No dia em que ele publicou um vídeo lendo o prefácio que escreveu do meu livro, eu vendi 27 exemplares. Já deu para pagar um monte de conta!

Teve um evento acadêmico literário em homenagem à Maria Firmina dos Reis³. A mesa principal tinha quatro homens: um curador, um responsável pelo evento e dois grandes escritores. Os quatro discutindo a invisibilidade da mulher na escrita. Eu passei mal. Como é que um curador não vê o problema nisso? Minha pressão sobe só de lembrar. Eu percebo isso entre escritores consagrados também... Não vejo eles divulgando as mulheres. Nem mesmo as premiadas. Até outro dia, o Itamar [Vieira Júnior] estava em primeiro lugar como mais vendido e, em segundo, era a Carla Madeira, com o Tudo É Rio... Só agora que começaram a ir atrás dela, porque não se falava nisso. É muita invisibilização. É muita! É que nem o Falero fala: “Enquanto a gente não tiver editoras mulheres em um número suficiente para ler as mulheres, publicá-las...” É um trabalho de formiguinha

³ Maria Firmina dos Reis, maranhense, que viveu de 1822 a 1917, foi uma escritora considerada a primeira romancista negra do país. Ela publicou em 1859 o livro Úrsula, considerado o primeiro romance abolicionista do Brasil.

que a gente faz: a Conceição Evaristo⁴ fala isso, que quem divulgou o trabalho dela foram as mulheres negras. O que eu percebo é que são as mulheres que divulgam as mulheres. Com o meu trabalho é assim, e eu busco divulgar o trabalho de mulheres negras. Outro dia eu estava discutindo sobre isso; às vezes os homens dizem que cansam, porque os textos das mulheres sempre falam do trabalho doméstico e reprodutivo, do cuidado dos filhos, do cansaço; que a gente fala muito de cansaço. Eu falei: “Será por que que os homens não falam de cansaço? Será por que que os homens não falam de trabalho reprodutivo?” [em tom retórico]. Então é uma coisa inclusive que me incomoda na literatura. Eu tenho uma crônica no Para diminuir a febre de sentir, em que eu falo disso, até parafraseando uma outra poeta, que é uma menina bem jovem, Helena Zelic [é o trecho de abertura da entrevista]. Estão sempre em grandes sagas salvando mundos, enfim... Mas quem é que lava a roupa desses homens? Quem faz as comidas? Eu acho que é o Manoel de Barros que conta que ele subia para o quarto, se trancava para escrever e ninguém o incomodava. Mas quando ele saía de lá a comida estava pronta.

Na visão de Dalva, algumas vezes, homens podem acreditar viverem em *um universo masculino*, de forma que não teriam intimidade suficiente com o *universo feminino* (não conviveriam muito com mulheres; não conheceriam tanto suas histórias) para representá-lo em suas obras, de modo que não o fazem, ou reservam às mulheres papéis de participação menor – como imaginam que elas figurem nas suas próprias vidas. Ou seja, os homens, de sua parte, apresentam uma visão espelhada da situação, que acaba reiterando as supostas paredes temáticas entre as vidas e a produção escrita de homens e mulheres.

Porém, ela diz que, investigando um pouco mais de perto, por exemplo, no próprio caso de Falero, três mulheres, ou mais, foram as pessoas fundamentais para que ele se tornasse escritor – sua irmã, sua mãe e ela própria, Dalva. Me lembro também de sua primeira editora, Karine Bassi. Ou seja, na visão da escritora, a

⁴ Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em 1946, é uma linguista e escritora mineira. Agora aposentada, teve uma prolífica carreira como pesquisadora-docente universitária. É uma das mais influentes literatas do movimento pós-modernista no Brasil, escrevendo nos gêneros da poesia, romance, conto e ensaio.

ausência feminina não seria uma questão real, tanto no universo da vida dos homens, quanto no do universo da literatura no geral, mas sim resultado da invisibilização das participações das mulheres em ambas. Há ainda um outro ponto de incômodo levantado por Dalva:

As escritoras brancas não falam do cansaço. Eu amo Clarice. Amo. Estou escrevendo um romance sobre uma empregada dela. Eu estou construindo, ficcionalizando, eu estou construindo a perspectiva da empregada. Porque a Clarice tem uma crônica em que a empregada quer ler um livro seu – isso aconteceu, a Clarice escreveu isso na crônica. E ela respondeu para a empregada que não, que ela não ia entender, que os seus livros eram muito complicados. E eu, que já fui empregada doméstica, vi isso e fiquei muito brava. Decidi que ia construir a biografia dessa menina. E ela, na minha versão, fica indignada porque ela lê Guimarães Rosa. Porque eu lia Guimarães Rosa. Eu conheço empregadas, ex-diaristas que que liam os clássicos. Por que será que Clarice acha que ela não ia entender? [Na minha construção], ela trabalhava para uma escritora, mas também gostava de ler e queria escrever.

Mulheres e a independência financeira

O tema da independência financeira é algo especialmente instigante considerando-se o grupo profissional dos escritores, da mesma forma que é um tópico especialmente importante para as mulheres como grupo social. Dalva é mãe solo, além de escritora (e cientista social), por isso, pergunto a ela se, ao longo de sua vida, ela teve medo de não conseguir independência financeira e acabar se vendo presa a alguma situação ou pessoa para garantir sua sobrevivência e a de seu filho.

Não, porque a minha mãe, apesar de não ter frequentado escola, foi a primeira feminista que eu conheci. A mamãe era uma mulher que não abaixava a cabeça. Meu pai a traía muito, ela sofreu muita violência doméstica, mas a mamãe nunca aceitou. Quando os filhos cresceram, a

primeira coisa que ela fez foi se separar do meu pai (...). Mamãe teve sete filhas, ela não criou nenhuma de nós para o casamento. O discurso da mamãe é que a gente tinha que ser independente, que a gente tinha que estudar, ter uma profissão, a gente podia escolher qualquer profissão, desde que a profissão pagasse as nossas contas e que a gente tinha que ter a casa da gente, o carro gente, viajar... Eu sou a a a mais pobre das irmãs, a única que não tem casa própria e penso que tem a ver mais com o curso que eu escolhi, que foi Ciências Sociais, que é um mercado de trabalho muito difícil, do que com o fato de ser professora(...). Eu não fui criada para depender de um homem. Eu nunca tive um homem para 'encher minhas latas', nem quando era casada. Meu filho, por exemplo, é um menino muito autônomo. E eu acho que ele é autônomo porque ele conviveu com uma mulher autônoma (...). Eu sou responsável pelo meu próprio sustento desde os quatorze anos de idade. Mas é isso, é assim, na precariedade.

Um pé por vez: “Textos de Facebook”

Existem situações em que mulheres produzem literatura e mesmo ocupando um lugar como escritora, enfrentam uma invisibilização. Mas esse não é o caso que será contado aqui. Em uma parte da vida de Dalva, sobretudo no início, ela vivenciou um movimento exatamente oposto; em um momento em que ela ainda não se via como escritora, pessoas ao seu redor a viam como escritora e mostravam grande interesse pelo que ela produzia.

Há nove anos, em 2014, durante o doutorado, ela começou a escrever de modo mais recorrente, quase diariamente. Esse foi o período em que ela mais escreveu: cerca de 400 textos, sendo que são eles que compõem seus livros *Para diminuir a febre de sentir* e *Do menino* de forma majoritária – apenas algumas crônicas presentes neles são mais recentes.

Quando eu estava fazendo mestrado [2007-2009], eu criei um blog. Não sabia direito ainda o que eu queria fazer, ensaiava alguns textos ali. Depois, para não escrever a dissertação eu ficava ali brincando, às vezes colocava

poemas de outras pessoas, enfim... Depois eu consegui escrever a dissertação; o blog ficou lá jogado às traças. No doutorado [2011-2016], depois do estágio do sanduíche em Lisboa, eu voltei para Baldim (...). Fomos eu e o João [seu filho] morar lá e, de novo, para não escrever a tese, nos momentos de bloqueio com a escrita acadêmica, eu comecei a escrever as crônicas, né? Eu sou uma cronista, eu falo que eu não sou uma ficcionista, eu acho ficção uma coisa muito difícil. (...)

Então assim, eu ia caminhar todo dia ali, ou no nascer-do-sol, no pôr-do-sol – foi muito forte voltar a morar em Baldim depois de tantos anos fora. E aí quando eu voltava [das caminhadas], eu voltava muito afetada; sempre saía uma crônica e eu publicava no Facebook, e as pessoas começavam a responder positivamente. Então eu fui criando gosto com aquele incentivo. Eram contemporâneas minhas, contemporâneas da mamãe, às vezes elas batiam lá no meu portão, falavam: “Olha, eu nem tenho Facebook, entro pelo da minha irmã para ler seus textos”. Aí tinha algumas que me cobravam, falavam assim: “Ah, você ainda não escreveu sobre a bicicleta, né?”. Ficavam na expectativa de se verem, de se reconhecerem no texto. Meu irmão falava: “Olha, seu Miguel tá ali secando o feijão na porta da casa dele, eu acho que dava um texto, eu acho que dava uma foto”, porque eu gostava muito de tirar foto do pôr-do-sol e tal.

Eu inclusive, depois, escrevi uma crônica sobre essa fala do meu irmão. Ela vai sair no meu livro novo, que se chama Uma Foto e Um Texto. Ele ia para o jogo do Galo em Belo Horizonte e falava: “Foi tão interessante, se você tivesse lá, eu tenho certeza que você ia escrever um texto”. Então, assim, tudo ele falava “Dá um texto”; quando eu voltava da caminhada ele falava “Deu foto hoje?”, já na expectativa de que ia rolar um texto. Eu pensei: isso é a necessidade fabular do ser humano. O professor Antonio Cândido fala isso lindamente lá em O Direito à Literatura. Então foi formando ali um grupo de leitoras, e eu fui tomando gosto.

*Quando eu me mudei em 2018, eu vinha morar em Belo Horizonte, eu conheci a Karine Bassi, e ela falou: “Dalva, vamos publicar, vamos publicar”. Eu falei, “Mas eu não tenho nada pronto”. Ela, “Como não tem? Olha os seus textos do Facebook!”. **Mas eu, na minha cabeça, aquilo ainda era crônica de Facebook. Aquilo não era literatura.** E eu vejo muito essa discussão:*

que está todo mundo escrevendo, todo mundo quer escrever. Eu não queria dar a minha cara a tapa. Então, esse lugar de cronista de Facebook era um lugar confortável, “Mas não é literatura, isso é uma crônica de Facebook”. Porque aí eu me isentava da crítica, do medo da crítica. Só que à medida que eu publiquei e o livro foi saindo e as pessoas foram gostando, eu fui me empoderando. Pensando, “Gente, eu posso, minha história importa”. O tanto de mensagem que eu recebo de mulher que foi agredida, por causa das crônicas sobre violência doméstica... Das mais diferentes classes sociais, eu falo “Meu Deus, a gente precisa conversar sobre isso”

O que é literatura e o que deve ter espaço

Com as diferentes formas de retornos positivos que recebeu e recebe, Dalva foi perdendo o pudor de adentrar mais claramente o campo da literatura – ou percebendo que já o fazia antes mesmo de considerá-lo. E, com isso, passou também a discordar de certas críticas, que antes podiam amedrontá-la.

Eu acabei de chegar de um evento com magistrados do direito, onde eu fui levar a minha literatura; eram minhas crônicas Do menino e, olha, eu, sem falsa modéstia, (...) eu fui aplaudida de pé. Teve dois desembargadores antes de mim que falaram, eles foram aplaudidos mesmo, mas não foram aplaudidos de pé. Vários juízes e juízes foram lá me abraçar e muitos estavam com os olhos cheios de lágrimas. Eu pensei: “Gente, tem uma demanda”, sabe? Eu falo que tem demanda para todo tipo de texto. Tem demanda para o meu texto. Então quando esse povo fica criticando que todo mundo está escrevendo, eu penso que leitor para Harry Potter, tem leitor para Carla Madeira, para Itamar, para José Falero, para Dalva Maria Soares. Tem leitor para todo tipo de texto, tem lugar para todo mundo. (...) Esse país tem quantos milhões de habitantes? Um best-seller vende quanto? Trinta mil exemplares? O que é isso em um país de milhões de habitantes? É porque essa essa literatura ainda é colocada nesse lugar, de que só gente muito especial pode escrever. Como se não fosse qualquer coisa que você pudesse ler, entendeu? Eu li fotonovela, eu li história em

quadrinho. Nem que seja o seu espírito de aventura, a história em quadrinho vai despertar. A pessoa pode ler o que ela quiser, eu lia a Bíblia; li a Bíblia toda. Me encantava, eu queria entender ali as mulheres da Bíblia, essa coisa, essa perspectiva de gênero sempre esteve presente.

Um novo convite, um novo passo e o futuro

Dalva teve recentemente, pela primeira vez, um contrato assinado por um livro seu, com direito a receber adiantamento, pela editora goianiense, a *martelo*. Com essa nova perspectiva no horizonte, Dalva espera também ter esse livro nas livrarias, sem ter que trabalhar tanto sozinha para isso. A previsão é que ele seja publicado já no segundo semestre deste ano, 2023. Além dele, outro livro está programado com a editora *Venas Abiertas*, também para este ano e há ainda um romance com que Dalva diz estar *pelejando*, que já tem inclusive um editor interessado em ler. Isso tudo lembrando que ela passou a profissionalizar a sua escrita a partir da pandemia, há cerca de três anos. Até agora, o caminho como escritora parece se projetar como um rumo promissor para ela.

Para seguir apenas na literatura, ela acredita que publicar por uma grande editora ajudaria muito: gostaria de ser assistida na disponibilização dos livros em pontos de venda e receber acertos de seis em seis que permitissem a ela, não ficar rica, mas poder viver com maior tranquilidade. Acredita que, com isso, poderia se desgastar menos com essas questões e escrever mais, já que, diz que por falta de tempo, acaba não se dedicando o quanto gostaria a vários projetos seus. Mas resta ainda uma questão... A Dalva de hoje sonha com um futuro como professora universitária ou como escritora?

Eu fiz dois concursos nos últimos meses e aí eu tinha que ler dez livros, não sei quantos artigos, então o romance está parado, porque é isso, a sobrevivência chama a gente. O meu sonho de consumo era ser professora universitária. Eu fiquei quinze anos da minha vida me capacitando. Eu fiquei cinco anos no doutorado, quatro anos no mestrado, fiz uma especialização. De 2004 a 2016 eu fiquei me capacitando para passar em um concurso. E aí

foi aquilo que aconteceu, né? Primeiro o golpe, depois o governo Bolsonaro (...). Depois veio a pandemia, eu tive que fazer todo um rearranjo subjetivo para achar uma alternativa para viver. E aí, a literatura acabou se colocando como esse lugar promissor. Porque eu consigo trazer meu repertório de ciências sociais. Essa minha lente sociológica, antropológica está ali nos meus textos, não tem como [evitar], é minha formação. Então, eu consigo juntar isso, eu consigo juntar o lance de ser professora, quando eu vou dar as oficinas, quando eu vou dar os cursos, quando eu vou dar pras as palestras, rodas de conversa. Acaba que a literatura me proporciona coisas que fazem o olho brilhar, que a sala de aula me proporciona, e a literatura me proporciona.

Após esse novo rearranjo de emoções e de perspectivas, ela se vê novamente um pouco estremecida, diante da possibilidade de o novo governo federal melhorar a sua área de atuação original, porque, agora, aplicando para concursos nos últimos meses, ela já sente falta de estar mais em contato com a sua escrita, mas ao mesmo tempo, explica o porquê de não querer desistir totalmente da sua opção inicial:

Estou sofrendo de o meu romance estar parado. O Falero tem uma crônica que eu gosto muito. Ela fala que nós fazemos parte de uma de uma classe em que resignar é a morte. E desistir é suicídio. Então eu acho que eu, que ainda moro de aluguel, que não tenho um teto todo meu, não posso me dar o luxo, principalmente depois de ter investido tanto na minha formação, de não tentar esses concursos. Até porque eu estou com 57 anos; passo num concurso agora e eu tenho que trabalhar mais dez anos para me aposentar. Eu preciso pensar nisso, na aposentadoria. Então, eu não tenho direito de não fazer.

A Residência Literária

No meio das mil dificuldades de tocar o cotidiano, entre elas as atividades domésticas, as tarefas do livro que extrapolam a escrita, os concursos e os cursos,

encontra-se no espaço do sonho, a escrita, que hoje é sua profissão. E, a forma de tal sonho, por acaso, ou não, junta a ele o dito ‘*cheiro de alho, de sabão em pó, de água sanitária e de amaciante*’, do texto do início da entrevista. Eis a Residência Literária, uma casa, onde a ocupação principal é escrever.

Se eu pudesse, eu queria investir só na literatura. Eu preferia ficar o dia inteiro lendo e escrevendo. Inclusive, sem a obrigação do trabalho doméstico, do trabalho reprodutivo, sem preocupar com a marmita que o meu filho tem que levar no dia seguinte para o serviço. Mas eu ainda não consigo.

*Ontem mesmo, eu fui acompanhar uma amiga queridíssima, Capitã Pedrina, cuja trajetória é objeto da minha tese de doutorado e que, ontem, recebeu o título de Doutora Notório Saber na UFMG. Fui lá dar um abraço nela. E ela, junto com outro mestre da cultura popular que também recebeu o diploma, falava: ‘**A gente precisa cuidar do nosso território. Mas o nosso território não é só [gesticula um movimento de vastidão] sabe? É a casa da gente**’. Eu até brinquei com ela na hora que eu despedi; falei: ‘Vou embora cuidar do meu território, porque eu tenho que fazer marmita para o meu filho’. Eu até brinco que Virgínia Woolf fala que uma mulher que quer escrever ficção precisa ter um teto só para si, um quarto, de preferência com chave, e quinhentas libras para não ter que ficar se atormentando com essa coisa da sobrevivência. Mas aí eu lembro da Carolina Maria de Jesus⁵, de quem eu sou devota. **Carolina era uma catadora – na real, aprendi outro dia, ela era uma escritora, que esse país racista obrigou a ser catadora**. Ela deixou cerca de seis mil páginas manuscritas, acordava quatro horas da manhã para escrever. Penso, ‘olha, meu lugar social está muito mais próximo de uma Carolina Maria de Jesus do que uma Virginia Woolf’. Então eu falo, se Carolina escreveu eu também posso. Só que assim é difícil, sabe? É muito difícil. **Então, se eu pudesse, o meu desejo era uma residência literária, sabe? Para eu me dedicar, enquanto meu romance não estiver pronto, eu não sair de lá.***

⁵ Carolina Maria de Jesus, que viveu de 1914 a 1977, foi uma escritora, compositora e poetisa mineira, mais conhecida por seu livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, publicado em 1960. Foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e é considerada uma das mais importantes escritoras do país.

Quando o desânimo cai sobre mim, firmo o pensamento em mamãe, imaginando que conselho me daria. Sinto que seu espírito me visita. Acho que ancestralidade é isso.

Uma mulher que, na minha idade já tinha criado dez filhos, já era avó, acho que até bisavó. Fico pensando em como uma mulher que não foi alfabetizada, uma trabalhadora rural que forjou a sua subjetividade no trabalho no cabo da enxada, conseguiu junto com papai, comprar uma casinha, em Baldim. Eu, com doutorado, não tô conseguindo pagar o aluguel.

Quando papai não conseguia terra para plantar, era o empreendedorismo de mamãe que colocava comida na mesa. Do Q-Suco gelado vendido na porta do vestiário, em dias de jogos no campo de futebol no fundo da nossa casa, em Baldim; passando pelo cachorro-quente na praça nos dias de festa do padroeiro, ao café com bolo nos intervalos no colégio, foi com essas iniciativas que criou a todos nós. (...)

Quando já estávamos crescidos, mamãe teve que se virar de outras maneiras. Fazia tapetes e colchas de retalho e até improvisava bazares em nossa casa, com as roupas que não vestíamos mais.

Ontem, enquanto visitava mais uma livraria em Belo Horizonte, oferecendo meus livros, fiquei pensando que meus livrinhos são como as colchas de retalhos de mamãe, que não me deixou herança material, mas de quem herdei esse espírito empreendedor, que não se deixa abater nunca.

- Texto de Dalva Maria Soares publicado no Instagram, em 8 de fevereiro de 2023

UNIÃO BRASILEIRA DOS ESCRITORES

Entrevista com o presidente Ricardo Ramos Filho

Amante de Júlio Verne e especialista em Graciliano Ramos

Com participação do professor e editor Paulo Verano

A União Brasileira de Escritores (UBE) é uma entidade que nasceu da fusão de outras duas organizações, sendo elas a seção paulista da Associação Brasileira de Escritores e a Sociedade Paulista de Escritores, em 1958. Sucedeu, no cenário nacional, à Sociedade dos Escritores Brasileiros, primeira associação profissional de escritores do país, fundada em março de 1942, pelos intelectuais e artistas Mário de Andrade e Sérgio Milliet.

A presidência da casa foi estreada pelo próprio Sérgio Milliet e, depois, foi ocupada por nomes como Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Cândido e Lygia Fagundes Telles. Hoje, é dirigida por Ricardo Ramos Filho, escritor, cujo pai, Ricardo Ramos, também presidiu a entidade, algumas gestões antes. O atual presidente, já percorrendo hoje seu segundo mandato na posição, participou anteriormente de outras gestões: a de Joaquim Maria Botelho e Durval de Noronha Goyos Júnior.

A UBE busca zelar por alguns princípios que são de interesse da classe dos escritores, como a liberdade de expressão, a democracia e o respeito aos direitos autorais, entre outros direitos da classe. Na prática, atuam politicamente, em manifestações públicas, quando há casos que requerem a defesa de escritores, também organizam premiações importantes abertas a candidatos brasileiros de forma geral e promovem encontros literários. Fazem também projetos em parcerias internacionais, como um que está em curso agora, pela publicação de contos em conjunto com uma organização de escritores de Xangai.

Ricardo Ramos Filho diz que a função da UBE é basicamente atuar olhando o escritor, ajudando-o e se manifestando toda vez que o país estiver vivendo, por exemplo, um regime de exceção, ou algo que os afaste de seus direitos. Desse modo, além de defender os escritores, existem algumas das ações que ajudam a

viabilizá-los, como as Terças Literárias – em que entrevistam um escritor por semana, dos mais, aos menos conhecidos – e os próprios concursos.

Entre eles, o *Prêmio Juca Pato*, um dos mais importantes do país, que nasceu no início da década de 1960 e visa premiar o intelectual do ano, tendo como condição a publicação de um livro no ano anterior. Além da distinção literária, essa láurea, no geral, busca reconhecer e incentivar a participação política de figuras que estão em destaque no momento. Alguns premiados recentes foram Júlio Lancellotti, que é padre, Laerte Coutinho, cartunista, e Ailton Krenak, ambientalista e líder indígena. Há também o concurso de contos chamado *Prêmio Anna Maria Martins* e o Prêmio Nelly Novaes Coelho, de literatura infantil e juvenil. O *Prêmio de Poesia Claudio Willer* está a caminho; terá sua primeira edição este ano.

Ricardo Ramos Filho mora em São Paulo e é aposentado na área de Tecnologia da Informação (TI), sendo que chegou a avançar bastante na hierarquia de grandes empresas, como a IBM, onde foi gerente-geral de TI. Depois disso, voltou-se à literatura, quando foi fazer mestrado e doutorado na área, na USP, e chegou a atuar como professor na FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas). A escrita atualmente é sua ocupação principal e ele tem cerca de 30 livros publicados, sendo o primeiro deles *Computador Sentimental*, de 1992. Grande parte da sua obra é de literatura para crianças; há também crônicas e exemplares de literatura adulta. Paralelamente a isso, chegou a seu cargo na UBE.

Sua renda se compõe da aposentadoria, dos acertos de direitos autorais de seus livros, do seu pai, e também uma parcela relativa aos livros de Graciliano Ramos⁶, que, mesmo dividida entre parentes, é bastante representativa. Graciliano, um dos escritores brasileiros mais lidos até hoje, é seu avô, e seu pai, Ricardo Ramos, teve reconhecimento, além da área literária, na publicidade, sendo, por muitos anos, um dos publicitários mais bem pagos do país. Além dessas fontes de renda, Ricardo Ramos Filho dá palestras sobre a obra de Graciliano e atua como

⁶ Graciliano Ramos, alagoano (1892-1953), foi um romancista, cronista, contista, jornalista e político considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira. Ele é conhecido, sobretudo, por sua obra *Vidas Secas*, de 1938, que retrata uma família de retirantes do sertão nordestino diante de problemas como a seca, a miséria, a fome e a desigualdade social.

orientador literário para escritores que querem começar a publicar, aconselhando, tanto na escrita, quanto em estratégias para a inclusão do livro no mercado.

Definições: quem a UBE considera “escritor”

Nos deparamos novamente com a questão dos limites de definição do termo “escritor”. Diferentemente de outras profissões, para identificá-los não existe uma formação obrigatória, um documento a ser expedido ou uma organização que unifique derradeiramente. Dentro da própria entidade, ao longo do tempo, a noção já foi revista e adaptada. Ricardo Ramos Filho explica, do seu ponto de vista, que, em sua gestão, se estendeu aos protocolos da sociedade, quem é escritor hoje em dia.

Consideramos qualquer pessoa que escreva. Antigamente, isso era muito restrito, fui eu que mudei essa regra, alterando o estatuto da UBE. Antes, para ser considerado escritor, você tinha que ter publicado um livro e, no ato de se inscrever como associado da UBE, você entregava um livro para a entidade. Então, vamos supor que o autor tivesse dez livros escritos, bastava ele declarar um dos dez e doar um exemplar para biblioteca da UBE. Ele era escritor. Mas o que que aconteceu? O mundo mudou. Hoje você tem escritor, por exemplo, que não tem livro publicado, mas que tem um blog, é um blogueiro, é um cara conhecido pelo blog. (...) Para mim bastaria como prova de que ele é escritor o fato de existir esse blog. Existem pessoas que não tem blog, mas escrevem diariamente no Instagram, no Facebook; eu acho que dá para considerar essas pessoas escritoras também. E eu fiz isso.

Mas existe alguma análise? A pessoa tem que se candidatar? [pergunto]
Não, não. Meu pai tinha uma frase no tempo que ele estava na UBE que eu procuro seguir. Ele dizia assim: UBE não é União de Bons Escritores, UBE é União Brasileira de Escritores. Então eu acho que a gente usar esse filtro, de se o cara é bom ou não é bom, para aceitá-lo é uma coisa meio elitista, é meio sacanagem. Se o cara se considera escritor, está querendo se associar à UBE, que é uma entidade de escritores, a minha tendência é aceitar a associação dele.

A UBE atualmente conta com cerca de 600 associados, sendo que já chegou a ter alguns milhares. A integração de escritores à entidade se dá através do preenchimento de um formulário e pagamento de uma anuidade de 300 reais, que pode ser parcelada em duas vezes. Pelo procedimento atual, como dito, não existe uma análise classificatória, ou algo do tipo.

E aí eu vou até te explicar o porquê [desse novo procedimento], que também tem uma razão muito forte. A UBE, com o tempo e, principalmente, na época da pandemia, foi perdendo muitos associados. Ela foi minguando, murchando. Na época da pandemia foi muito difícil para o escritor pagar uma anuidade para ser sócio de uma entidade como a UBE. Perdemos muitos sócios. Então, a minha política hoje é no sentido de, se o cara está disposto a pagar anuidade que não é nenhuma [fortuna] (...), se ele quer se associar, seja bem-vindo. Ah, está ajudando a gente, está fazendo a entidade crescer. Então eu quero associados. Porque a UBE já foi muito maior do que ela é hoje.

Além das questões da pandemia, a entidade já vinha perdendo sócios no passar dos anos. Ricardo atribui esse fenômeno a alguns fatores como, na sua visão, uma tendência das pessoas a viverem de forma mais isolada e menos comunitária, administrações pouco cuidadosas da organização, e o fato de não terem mais uma sede, isso sim, desde a época da pandemia. Além disso, ele diz que o escritor está cada vez mais pobre e, com isso, tem mais dificuldade de pagar a anuidade.

A fase áurea e tempos de escassez da União Brasileira de Escritores

Como dito, além da perda de sócios, a perda de uma sede foi fator importante na história da união. Não só na história, como também na prática, porque, em outros tempos, o espaço era casa de encontros recorrentes e felizes entre escritores, vivência importante que fortalecia também o próprio espírito da UBE; a importância do convívio, a união física, para a União, entidade.

A UBE já teve uma sede, onde os escritores se reuniam [conta com ênfase, empolgação], iam beber. Meu pai, eu lembro, no tempo em que ele era da UBE, chegava em casa tarde, toda noite. Meu pai era muito boêmio, gostava de um uisquinho, ele saía do trabalho e ia para a UBE encontrar com os outros escritores, ficava batendo papo, bebendo; chegava em casa meia-noite, uma hora da manhã todo dia. Era um clube, vamos dizer assim. A sede ficava no centro da cidade, eu acho que era perto dos Diários Associados, naquela naquela região ali da Xavier Toledo. Quando começou a pandemia, eu devolvi a sede da UBE. ‘Por que?’, ‘Qual foi o meu pensamento?’. A gente está vivendo com uma super dificuldade, a gente não tem dinheiro para nada e estamos pagando seis mil reais de aluguel por uma entidade que está fechada; a gente não pode ir na entidade, a gente não saía de casa, e aí, eu devolvi; a gente desalugou aquela casa. Fomos para um espaço de coworking, só para ter o endereço de correspondência, que a gente pagava cento e poucos reais por mês. Hoje em dia, os advogados da UBE ofereceram o escritório deles para ser sede da entidade, então a gente está usando esse endereço na avenida Paulista. Amanhã vamos ter reunião lá, por exemplo. É um lugar confortável, tem uma sala de reunião e tudo...

Profissão Escritor

Apresento um apanhado das principais fontes de renda dos escritores contatados neste trabalho a Ricardo, desejando saber se existem mais dados ou alguma forma de mapeamento das principais remunerações das pessoas que vivem da escrita artística, em suas diferentes formas, no Brasil. A ideia era saber se as possibilidades captadas por meio das conversas com os quatro escritores anteriores são representativas em uma visão mais geral desses profissionais no país e se haveria outros modos muito difundidos de faturar que devessem ser citados também.

É, olha, classicamente o escritor precisa fazer alguma outra coisa para viver. O escrever não é atividade principal. Até algum tempo atrás a gente contava nos dedos o número de escritores que viviam do que escreviam. Hoje a gente

tem mais gente vivendo do que escreve. Porque, também, o mercado se ampliou um pouco. Antigamente viver do que escrevia era viver apenas de direito autoral. Você publicava o livro, recebia direito autoral por ele. Hoje, o escritor faz mais coisas. (...) Mas assim o que eu faço para ganhar dinheiro [com a literatura]? Eu participo muito de júri de prêmios literários. Então, por exemplo, no momento, fui chamado para fazer o Prêmio Oceanos e estou participando. É um dos prêmios mais importantes que tem no Brasil, patrocinado pelo Itaú. Oceanos, porque é um prêmio de literatura que pega Brasil, Portugal, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste; todos os países de língua portuguesa. Então é Oceanos porque é a língua portuguesa cruzando os oceanos. Devo também ser chamado, porque sou todo ano, para ser do júri do ProAC [Programa de Ação Cultural], que é o programa de apoio à cultura do estado. Então eu faço. Eu fui convidado ontem para ser curador do Prêmio São Paulo de Literatura, que é o maior prêmio de literatura do Brasil, no sentido do valor do prêmio que oferece mesmo. Ele é um prêmio que julga só romances e que dá dois prêmios de duzentos mil reais, um para o melhor romance de autor consagrado, e outro para o melhor romance de autor estreante. Então distribui quatrocentos mil reais em prêmio. Nem o Jabuti paga isso. Ninguém paga isso.

Ricardo coloca a questão dos prêmios literários no radar, muito importante também, tanto para autores, que podem ser premiados, quanto para profissionais que já podem compor o júri. Ele assume que a oportunidade de participar da banca avaliadora não se encaixa bem para autores iniciantes. Mas, para estes, os prêmios, apesar de não representarem uma possibilidade de renda recorrente, como podem para os autores mais consolidados, podem ser uma porta de entrada importante para um lugar mais consolidado, além da remuneração oferecida pelos prêmios, que pode ser interessante.

Ele comenta, por outro lado, em referência à própria pauta tradicional dos direitos autorais, que existem maneiras de multiplicar os ganhos, que são, aliás, desconhecidas por grande parte dos escritores. Ou seja, é aumentar os ganhos, para uma quantidade de trabalho basicamente equivalente. Ele mesmo aplica esses

métodos aos seus livros e consegue retornos financeiros melhores dessa forma. Fala também sobre a organização de antologias como fonte de renda.

Eu trabalho com editoras, exijo isso delas: quando a editora inscreve aquele texto nos editais eu falo: 'Olha, eu quero que prepare o livro para por no PNLD'. O que é o PNLD? Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Então, por exemplo, eu escrevo, como eu escrevi agora, um livro chamado Pataquada, que é um livro de poesia infantil meu. Eles preparam o livro pro PNLD, apresentam, propõem o livro para o PNLD. Por quê? Se o governo gosta do livro e aceita, esse livro vai ser comprado pelo governo. Então vai dar muito mais direito autoral do que um livro que o cara escreve e põe numa livraria. Porque assim, se o Pataquada for comprado pelo governo, serão, sei lá, 100 mil exemplares para distribuir nas escolas. Então, assim, eu, hoje em dia, [busco isso] para todo livro que escrevo. (...) Aí a editora fala, 'Olha, serve e a gente quer botar no PNLD do ensino médio', 'Legal, então eu faço negócio com vocês, eu vendo'. Mas estou trabalhando em um, dois, três, quatro, cinco, seis livros meus para que sejam comprados pelo PNLD. E fora que eu, por exemplo, como trabalho também, preparei uma antologia chamada Contos do Abismo, em que eu peguei autores que já estão em domínio público e preparei essa antologia para ser vendida para o governo. São treze contos de autores como Machado de Assis, Lima Barreto. Mas, como esses autores estão em domínio público, o dono desse livro sou eu; quem vai ganhar direito autoral por esse livro sou eu. Para você ter uma ideia de custo, vamos supor, o governo pode comprar 100 mil exemplares; o autor geralmente ganha 10% de direitos autorais. Significa que 10 mil livros que forem vendidos, sou eu que vou ganhar. Quando o governo compra, é por um valor relativamente baixo. Vamos dizer que o governo compre por seis reais. Então um livro vai me dar 60 mil reais. Por isso eu faço todo esse esforço, porque aí o direito autoral passa a valer a pena. Mas nem todo autor tem esse conhecimento ou vai atrás disso.

Do nível de dificuldade de emplacar no PNLD

Geralmente, os livros do PNLD são comprados para serem trabalhados em sala de aula. Por ano, normalmente há um edital, sendo selecionados mais de cem livros por vez. Ramos aponta que a parte mais difícil de conseguir ter o livro selecionado é adequá-lo aos padrões exigidos, procurando manter certa flexibilidade quanto à autoria para tentar seguir as orientações de um editor instruído quanto às exigências do programa. Se isso for feito, as chances podem ser boas e os rendimentos podem ser grandes pelas altas quantidades da compra, apesar do valor de capa baixo.

Os editais do PNLD são editais muito exigentes, muito técnicos, muito específicos. Então a primeira dificuldade é encontrar alguém, algum editor que consiga seguir a fórmula direitinho e colocar no livro tudo que eles estão pedindo. Por exemplo, um livro, para entrar em edital de governo, para ser vendido e ir para escola, não pode ter palavrão. Então é assim, o cara vai ter que ler o livrinho, tudo direitinho e se tiver algum palavrão, tirar. Também não pode ter cena de sexo. Em um livro meu, que estou preparando para o ensino médio, tem palavrão e tem cena de sexo. Então o editor já falou: ‘Vou mandar para você e você tira essas cenas’. Eu falei: ‘Tudo bem, não tem problema nenhum’. Eu, por exemplo, sou um autor flexível. Tem autor que diz ‘Não, não vou mexer, não vou tirar’. Falo: ‘Tudo bem, então não tira e deixa o livro na gaveta’. Então, desde que você faça isso muito bem feito, é mais fácil o governo se interessar e comprar.

Ele diz que, além desses tópicos de atenção, complementar o trabalho ensinando o professor a ler o livro, apontando o que ele poderá explorar em classe com o aluno a partir do livro e quais atividades podem ser feitas também são pontos importantes, que podem ajudar na hora da seleção pelos programas do governo.

Da dificuldade da publicação e o “pós-publicação”

Se alavancar as vendas de livros pode ser algo desafiador para escritores que trabalham sozinhos, sem um representante, pode-se imaginar que quando se consegue um contrato com uma grande editora, esse peso saia completamente das

costas dos escritores. Pela visão de Ramos, no entanto, não é assim que acontece. Passado o desafio da publicação em si, que é grande, o esforço dos escritores deve continuar, se eles têm a intenção de fazer dos livros sustento.

Tem uma coisa que eu diria que 90% dos escritores não sabem e não fazem. É assim, é muito difícil publicar. A grande dificuldade inicial é você conseguir que uma editora publique seu livro. Isso é muito difícil. Geralmente um autor desconhecido, se mandar um livro para uma editora, ele vai cair numa pilha de livros para o editor ler e ele vai acabar não lendo. Então, geralmente são publicados aqueles autores que são mais conhecidos. Eu, por exemplo, sou amigo dos editores, eu ligo pro editor, falo 'Acabei um livro aqui'; tem editor que liga para mim, 'Ricardo, eu estou precisando de um livro sobre um determinado assunto, você não quer escrever uma história para mim que trate desse assunto?'. Aí eu escrevo, quer dizer, às vezes já é até o processo inverso: o editor pede para eu escrever o livro para ele. Mas, suponha que foi tudo bem, que você escreveu um livro, apresentou para uma editora e a ela resolveu publicar. Se esse livro for para Livraria da Vila, para a Martins Fontes, para a Cultura, para qualquer livraria e [simplesmente] puserem na prateleira, dificilmente ele vai vender. Ele vai estar no meio de uma infinidade de livros e vai ser muito difícil alguém chegar lá, puxar aquele livro, e falar, 'poxa, achei esse interessante, vou comprar'. O escritor, para vender, tem que ter um trabalho, vamos dizer, quase de pós-venda. Entreguei o livro, o livro foi publicado. Agora, vou ter que trabalhar o livro para ele ser vendido. Então, se eu sou bom de Instagram, todo dia eu vou postar uma foto do livro, todo dia eu vou postar um comentário de alguém dizendo que leu o livro e gostou, vou colocar a foto do livro, aniversário do livro, ... Ou seja, você tem que ficar o tempo todo na mídia falando do seu livro. A Aline Bei [escritora brasileira] é uma autora que faz isso muito bem. Tinha dia que eu não aguentava mais ouvir falar em O peso do pássaro morto. Porque todo dia tinha coisa nas redes sobre O peso do pássaro morto. É verdade. Ela vendeu muito, porque ela trabalhou muito bem o livro. Se o autor faz isso, recebe mais direito autoral. A gente está falando do que o autor precisa fazer para viver, né? Precisa lembrar que o livro é uma coisa que vai ser vendida e que você é o principal vendedor do seu livro. Você tem que trabalhar o seu livro muito bem

para que ele seja vendido. Se você publicar o livro e esquecê-lo, ele não vai vender bem.

Ramos destaca que o ideal é utilizar-se dessa postura vendedora tanto em empreitadas no mundo digital, quanto fora. Ele defende que a criatividade seja ilimitada na hora de vender livros e apresentou algumas ideias interessantes, sendo parte inventada no momento, e outra fruto de observação de conhecidos seus. O objetivo que não pode sair de foco é vender livros, independentemente de ter contrato com uma editora.

Tem que ir pro Instagram, tem que ir pro Facebook, TikTok, tem que usar todas as ferramentas possíveis. Tem que [fazer coisas do tipo]: ‘Me juntei com dez escritores e nós vamos fazer uma festa, quem for vai ganhar o livro’, aí você cobra para entrar na festa, paga o livro com o valor do ingresso e dá o livro de presente para as pessoas. Você tem que bolar o que puder fazer para vendê-lo. Pouquíssimos, raríssimos escritores fazem isso e aí ficam reclamando, com uma certa razão, ‘O brasileiro não lê, o livro não vende, a gente se mata para o livro ser publicado, depois ele fica na prateleira’. Pensa em uma editora como a Companhia das Letras. Eu estava na malha de distribuição da Companhia das Letras. É assim, de verdade: todo santo dia [diz, pausadamente] eu recebia convite de um lançamento de livro pela Companhia das Letras. Às vezes eu recebia mais de um. O que me leva a crer que eles publicam, por ano, uns quatrocentos livros. Você acha que a Companhia das Letras vai fazer algum trabalho para vender os livros? Não faz. Eles publicam os quatrocentos livros, se desses quatrocentos livros, trinta caírem no gosto público e venderem bastante, eles pagam tudo que eles publicaram com o lucro desses quatrocentos livros.

O fenômeno da autopublicação e modelos possíveis de publicação

Como já citado algumas vezes, existem diferentes maneiras de autores publicarem suas obras. Com editoras renomadas, pelo processo tradicional, existem grandes entraves, normalmente até que novos autores consigam ser considerados

por elas. Nesse modelo de publicação, normalmente a editora assume todos os custos e riscos da publicação, e o autor recebe, como dito, cerca de 10% do preço de capa; há um maior prestígio literário envolvido e uma equipe de marketing, além de outros facilitadores.

Também existem contratos que buscam maior participação do autor, em algum modelo que divida, em outras proporções, os custos e riscos da publicação. Nesses casos, pode ser que os direitos autorais sejam maiores do que 10%. Há também editoras que trabalham simplesmente mais como prestadoras de serviço, cobrando uma taxa pela tiragem escolhida pelo autor, podendo haver exigência de uma tiragem mínima. A partir disso, todos os exemplares seriam do autor, bem como seus lucros.

Existem ainda modelos autopublicação mais direta e, ainda, automatizada, além de **gratuita**, como pela Amazon, com o *Kindle Direct Publishing* (KDP), para livros físicos e digitais, e pela plataforma *Uiclap*, para livros físicos, que oferecem serviços rápidos e sem critérios tanto de impressão, quanto de disponibilização dos exemplares em suas plataformas. Além disso, os autores podem escolher as dimensões, materiais e o projeto do livro online – e também escolher o preço que será cobrado pelo livro.

Na plataforma da *Uiclap*, é possível simular, por exemplo, como seria a publicação e os preços. Apresentam-se os custos do livro, adicionam-se o valor que o autor desejará receber por exemplar e obtêm-se o preço do livro na plataforma própria e em outras. Já no *Amazon KDP*, oferecem o serviço de autopublicação dizendo que o autor pode chegar a receber 70% do preço do livro em direitos autorais. Nessas opções, não há nenhuma forma de avaliação de qualidade, por exemplo, e existem preocupações quanto à dificuldade de se controlar possíveis plágios nessas plataformas.

Serviços de edição, revisão, projeto gráfico, distribuição e divulgação ainda são outros fatores que podem se combinar de diferentes formas nos modelos mencionados. Existem ainda outras opções que mesclam todos os anteriores de diferentes maneiras e, possivelmente, possibilidades que não foram citadas. Existe

uma editora, por exemplo, chamada *Labrador*, que oferece “autopublicação premium”, com diversos serviços desde a revisão, passando por tradução, ilustração, ficha catalográfica e até mesmo ghostwriting (segundo eles, “o ghost writer desenvolve a escrita e o autor da história assina o original”). Além desses, disponibiliza serviços de marketing, como lançamento em livrarias, inscrição em prêmios e até participação em festivais como a Flip e a Bienal do Livro. A distribuição do livro também está inclusa.

Paulo Verano é doutor em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e professor do curso de editoração da mesma faculdade. Leciona as disciplinas de Livros Infantis e Juvenis, Livros Escolares 1, Livros Escolares 2, Políticas Públicas de Leitura e Mercado Editorial. É editor de livros desde 1994, tendo sido gerente editorial das editoras *Ática* e *Scipione* (Somos Educação) entre 2014 e 2015. Fundou sua própria editora, a *Edições Barbatana*, em novembro de 2015. Sua análise a respeito da novidade do formato da autopublicação complementa a avaliação de Ramos, que virá após. Verano, por e-mail, opina:

Acho a autopublicação uma resposta possível, criada pelo mercado, para atender a uma equação complicadíssima: no mercado editorial brasileiro, temos mais originais escritos que editoras que possam publicá-los; e mais lançamentos que livrarias que possam vendê-los; e, finalmente, mais livros, sejam lançamentos ou não, do que leitores. Desse modo, publicar é algo muito difícil, e a autopublicação dá uma espécie de solução para isso. Vejo esse fenômeno, que é crescente, de ângulos variados:

(1) De algum modo, amplifica as possibilidades de leitura, e de certa forma democratiza o acesso e contribui para a bibliodiversidade, uma vez que são muitos novos autores surgindo, que não surgiriam se não fosse a autopublicação.

(2) A autopublicação, nas suas modalidades mais automatizadas, exclui o editor da produção editorial, o que acho ruim, mas compreensível dentro dessa dinâmica. Não há critério nenhum de qualidade, mas essa não é a proposta da autopublicação.

(3) *Muitos desses autores que se autopublicam passam, depois, a figurar nos radares das editoras. A trilogia Cinquenta Tons de Cinza, de E. L. James, surgiu por causa da autopublicação.*

(4) *É um fenômeno incontornável, porque o volume publicado é imenso. Aqui, há um alerta: a junção de ferramentas de inteligência artificial, como o ChatGPT, com plataformas automatizadas de autopublicação, como o KDP da Amazon, podem levar a uma epidemia de autores fantasmas. (E mesmo sem ser autopublicação.)*

Orientador literário opina sobre a autopublicação

A palavra volta a Ricardo Ramos Filho, que coloca em juízo a autopublicação, partindo da sua experiência como orientador literário, tendo em conta, tanto os conselhos que dá aos escritores que o procuram, quanto os desdobramentos das experiências das pessoas que assiste.

Autopublicação é muito legal e eu conheço muita gente que faz e por opção. Um dos meus trabalhos é orientação literária. Ah, que legal. Então, vamos dizer, um escritor quer publicar um livro. Então, ele me procura e eu vou ajudá-lo a escrever seu livro. De que maneira eu ajudo? Lendo o que ele escreve, fazendo sugestões... O JL Amaral, por exemplo, me procurou, quando ele nunca tinha escrito um livro. Eu fiz orientação literária com ele, e ele escreveu um livro, que depois inscreveu no Prêmio Kindle; se chama Entre Pontos. Foi finalista do [segundo] Prêmio Kindle. Agora ele conseguiu publicar o Entre Pontos na Editora Positivo, na Maralto [que surgiu a partir da venda da Editora Positivo]. Mas, durante muito tempo, ele fez autopublicação. Agora ele já é um escritor mais conhecido, publicou em uma editora grande. O que esses autores fazem, preferem fazer? É assim, se escrevo um livro e faço autopublicação e publico numa Amazon, por exemplo, não vou ganhar 15% de direito autoral; eu ganho 100% de direito autoral, o direito autoral todo é meu. O que eu preciso fazer para isso então? Eu preciso divulgar meu livro e trabalhar para que meu livro seja bem vendido. Então são autores que têm muito recurso digital, sabem trabalhar as redes digitais de uma maneira muito

eficiente e que estão dispostos. Eu tenho uma amiga que anda sempre com uma bolsa grande com os livros dela. Então ela está conversando com você e você fala ‘poxa vida, mas eu queria tanto comprar o teu livro’, ‘Está aqui, você quer?’. Cinquenta reais, ela pega o dinheiro, te dá o livro, faz um autógrafo para você. Então, aonde ela vai, ela leva os livros dela. O JL Amaral, a mesma coisa. Dentro desse cenário, tem caras assim que querem fazer diferente: ‘O livro é meu e eu quero todo o dinheiro inteiro para mim, não quero que nenhuma editora fature em cima do meu livro’. Então a autopublicação é um recurso muito legal. Eu, por exemplo, por que eu não faço isso? Primeiro, porque eu não tenho sabedoria digital para nada. Eu sou muito fraco digitalmente. Segundo, porque eu não tenho saco. Eu detesto vender, eu não sou vendedor. Não é uma coisa que eu faça tranquilamente (...). Tem gente que sabe fazer isso, né? E gosta de fazer isso. Eu não gosto. Existem escritores que, além de ser escritores, têm essa facilidade. Aí fica muito tranquilo. O ideal era que você fizesse isso, mesmo estando em uma grande editora. Você pode, não digo no sentido de andar com um livro na bolsa para vender, mas divulgar de vez em quando, fazer uma postagem que você aparece do lado do livro. De vez em quando eu faço. Isso eu faço. É, no dia que eu, por exemplo, vou fazer um lançamento do meu livro, peço para fotografarem, depois ponho as fotografias no Instagram, no Facebook, depois de algum tempo vejo se alguém fez algum comentário, Aí se alguém reage ao comentário eu publico a reação ao comentário. **A gente fica fazendo o livro ficar na mídia, porque é isso que vende livro.** Acho muito interessante a autopublicação. (...) O percurso mais normal é você escrever o livro, depois procurar uma dessas plataformas – a Amazon, qualquer coisa –, publicar o teu livro lá e, da hora que isso acontecer, começar a trabalhar, começar a prestar atenção em concursos literários. Concurso de conto, concurso de romance, concurso... Porque, assim, se você é um escritor, por exemplo, a Aline Bei, quando ganhou o Prêmio São Paulo de Literatura com *O peso do pássaro morto*, era como autor estreante. Era o primeiro livro dela. A partir daí ela deixou de ser, ela não publica mais pela Nós, ela publica pela Companhia das Letras; a Companhia das Letras quer a Aline Bei para ela. Quer dizer, então eu sempre falo: ‘Publica o teu livro por uma plataforma qualquer e inscreve o livro em concursos, porque, se você ganhar o concurso, você deixa

de ser um autor desconhecido para ser um autor que ganhou o concurso'. Aí o caminho fica mais fácil.

Independentemente do regime do autor, encarar-se como potencial ator nas próprias vendas do livro pode ajudar muito no sucesso em termos financeiros. Porém, existem grandes diferenças de conforto entre divulgar, falar sobre o livro, buscar mantê-lo em alta na mídia e literalmente vender os livros de mão em mão ou, como Dalva contou, levá-los a livrarias, negociando em primeira pessoa.

Não que o segundo método não seja possível: além de Caco e Dalva, que têm experiência com isso, foi destacado um caso pelo Estadão, Terra e Mídia Ninja entre janeiro e março deste ano, por manchetes como: “Escritor de periferia vendeu sozinho mais de 10 mil exemplares das próprias obras”. Tratava-se do autor Wesley Barbosa, também ativo nas redes sociais e que, de acordo com a reportagem do jornalista Marcos Zibordi para o portal Terra, acredita que “o livro se vende com o escritor por perto”. Agora, com quatro livros publicados, ele se prepara para abrir uma editora.

Ramos, diante da opção da autopublicação, no seu ofício, prefere publicar em trato com as editoras e receber determinada parte das vendas como direito autoral. Para quem está começando e ainda não tem muitas possibilidades de regime entre as quais escolher, no rumo da autopublicação, duas características podem facilitar muito o percurso, tanto para conseguir sustento no presente, quanto para abrir portas no futuro.

Recapitulando, são elas a habilidade e disposição para vender e para as redes sociais. Depois de publicado o livro, além das estratégias de venda autônoma e da divulgação, os concursos podem também ser um passo importante para o aumento da visibilidade e lucratividade do autor, gerando também possíveis novos convites, oportunidades e renda no futuro.

Mas esses fatores são suficientes para garantir uma profissão rentável na escrita literária? Esse e outros pontos de discussão levantados ao longo do trabalho suscitam respostas diferentes entre os entrevistados, ainda que todos estejam no

meio na escrita profissional, de modo que perspectivas postas em diálogo direto podem se complementar e formar uma melhor imagem do contexto geral.

Plenário e Costuras

Coleção de trechos em diálogo

Ao longo das entrevistas, os autores passaram por áreas parecidas na discussão da sustentabilidade financeira da carreira de escritor, ou do mercado de livros, ou temas relacionados à profissão, no geral. Algumas vezes, suas percepções eram parecidas, outras, nem tanto, ou se encontravam até certo ponto e seguiam por rumos diferentes. Registram-se aqui algumas passagens reais, obtidas nas entrevistas individuais, remontadas em um diálogo fictício a fim de somar perspectivas por tema.

Pergunta – Além da dificuldade geral de iniciar e tocar uma carreira como escritor, citada por todos os participantes, você considera que o meio é muito fechado? Ou seja, para os poucos que conseguem, foi necessário ter tido apoios especiais ou é igualmente difícil para todos?

Antonio Prata – É difícil para todo mundo, mas, evidentemente, como tudo no Brasil, é muito mais fácil para quem é branco, para quem vem de uma classe média, para quem vem do meio... Mas não é, de maneira nenhuma, um mundo fechado. Se chegar numa editora um livro bom, ele vai ser publicado. Não tem "panela", nesse sentido; os editores vivem de publicar livro bom. Eles precisam do livro bom. Então é claro que, para mim, que sou filho de escritor, é muito mais fácil, porque, quando eu comecei a escrever, já tinha contato com os editores, com as revistas, já tinha para onde mandar os textos. Mas se a pessoa batalhar um pouco e tiver um texto bom, ela chega nesses lugares, vai conseguir ser publicada e lida pelas poucas pessoas que leem no Brasil.

José Falero – Eu comecei a escrever e achava uma porcaria o que eu escrevia. Só que eu achava que era uma questão de prática, de eu me dedicar e pesquisar tudo que tivesse sobre como produzir texto, todas as ferramentas que estivessem disponíveis. Eu era ingênuo, pensava assim: "Vou me dedicar, vou me tornar um

bom escritor, aí eu vou escrever um bom livro. Quando eu escrever um bom livro, essa é a oportunidade de as editoras ganharem dinheiro com o meu trabalho. Então eu vou mostrar para eles; eles, que entendem disso, vão dizer: 'Nossa, isso é bom, vai vender', e pronto. Eles não tem como não querer." Eu achava que era simples assim. E aí, quando eu terminei de escrever o meu primeiro romance, eu mandei para todas as editoras do país. **E nunca ninguém me respondeu.** Aí eu vi que não era simples nesse sentido. Não adianta tu escrever, sabe? Precisa dar um jeito de chegar nessas pessoas [editores]. E isso tem a ver inclusive com uma rede. Geralmente quem chega, chega por estar nesse contexto. Não é nem de maldade; o editor não pensa assim: "Ah, vou favorecer esse aqui, porque ele é meu camarada". Não é assim, tão direto. É um lance mais: esse cara conhece alguém, que conhece alguém. E aí, alguém que confia chega [no editor] e fala: "Dá uma olhada nesse livro". Isso é diferente de tu receber mil e-mails por mês de gente apresentando livro. Tu nem sabe de onde veio aquela criatura. Não tem nenhuma relação, ninguém afiançando aquela parada, não tem porquê tu olhar. Aí eu percebi que para mim, que não faço parte dessa rede de classe média, que comanda as editoras e tudo mais, o trabalho de chegar nessas pessoas era como aprender tudo de novo. Eu não fazia ideia de como fazer tudo isso. Foi aí que eu perdi as esperanças.

A partir deste momento, pode-se dizer que o que facilitou o contato de Falero com os editores, rumo à publicação, foram as redes sociais; mais especificamente, um texto que escreveu e que viralizou no Facebook e que foi citado em sua entrevista. Isso está de acordo com as indicações de Ramos sobre a importância do impulso das redes sociais.

Por outro lado, pode-se considerar o que de fato aproximou Falero, já com um livro publicado, ao núcleo do mercado literário, foi o EJA – desta forma, talvez, o acaso – ou, mais indiscutivelmente, pessoas que já faziam parte do contexto do mercado literário; é a importância da “rede” citada por Falero. Do professor do EJA que deu seu livro de presente a Luís Augusto Fischer até a indicação para Leandro Sarmatz, da Todavia, há quem enxergue sorte, e há quem veja a “batalha” citada por Antonio Prata, já que, foi pelas próprias pernas, com a autopublicação, que Falero se apresentou a essas pessoas – ou seja, como Prata afirma, os passos posteriores seriam naturais para pessoas que têm um bom texto e lutam por isso. O percurso de

Falero casa também com o procedimento sugerido por Ramos. Acrescenta-se ao quadro, no entanto:

Ricardo Ramos Filho – É assim, é muito difícil publicar. A grande dificuldade inicial é você conseguir que uma editora publique seu livro. Isso é muito difícil. Geralmente um autor desconhecido, se mandar um livro para uma editora, ele vai cair numa pilha de livros para o editor ler e ele vai acabar não lendo. Então, geralmente são publicados aqueles autores que são mais conhecidos. Eu, por exemplo, sou amigo dos editores, eu ligo pro editor, falo ‘Acabei um livro aqui’; tem editor que liga para mim, ‘Ricardo, eu estou precisando de um livro sobre um determinado assunto, você não quer escrever uma história para mim que trate desse assunto?’. Aí eu escrevo, quer dizer, às vezes já é até o processo inverso: o editor pede para eu escrever o livro para ele. (...) Acho muito interessante a autopublicação... Quando esses caras que pedem orientação literária me procuram eu geralmente falo isso. Eu falo ‘Te ajudo a escrever o livro.. Se o livro for muito bom, eu posso mandar o texto para algum editor amigo meu e dizer que eu recomendo que ele publique’; aí esse livro já não vai entrar numa fila que nunca vai ser acessada, o cara vai olhar, vai ler, né?

Ou seja, para pessoas que não têm grande atuação ou influência nas redes sociais, nem vieram do meio literário, pode ser que o ponto de conseguir acessar os editores ou pessoas que têm contato com eles seja algo determinante nos frutos da carreira literária, sobretudo para quem tem o plano de ser publicado por uma grande editora e receber por direitos autorais.

Não se trata de encontrar um caminho único ou fórmula mágica para o sucesso, mas de esclarecer fatores que estão diretamente relacionados à entrada de escritores no mercado convencional de livros e que extrapolam os limites da qualidade dos textos em si. Isso pode ajudar a evitar a ingenuidade descrita por Falero, que, por sua vez, é perigosa, por fazer autores acreditarem que o crivo para o aceite de suas obras nas editoras seja apenas a sua qualidade e que, logo, diante de negativas ou silêncios das editoras, estariam de frente, na verdade, para o fracasso de seus próprios textos.

Dalva Maria Soares – O que me falta é isso... Esses livrinhos, eu penso que se, se estivessem em uma editora com capacidade de distribuição, eu teria vendido muito. Isso aqui era livro, eu acho, para estar no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), porque os professores que têm acesso usam e me dão retorno. Tem professora do Colégio Pedro II que indicou para os meninos (...), teve um professor de uma cidade que se chama São Félix do Xingu, no Pará, que trabalhou crônicas do Para diminuir a febre de sentir com os alunos de EJA. Então eu penso que tem uma demanda. Mas como é esse rolê independente, é muito mais difícil. *[Em outro momento da entrevista, ainda sobre a dificuldade de ser uma autora independente]*: Eu queria muito ter essa rotina de poder escrever todo dia, mas nos últimos tempos não tenho conseguido, ainda não consigo. *[Pergunto: você está colocando a palavra “ainda”, qual seria a mudança necessária para, algum dia, você conseguir?]*: Eu fico com inveja do Falero. Eu queria estar publicando por uma grande editora que fizesse esse trabalho de disponibilizar meus livros e de seis em seis meses receber um acerto que me permitisse viver, nem ficar rica, mas assim, que eu não precisasse desse desgaste imenso; que me possibilitasse escrever mais.

Com apontamentos que partem de uma visão aprofundada sobre recortes de gênero, classe e raça, além da sua própria experiência como autora independente, Dalva tem um pensamento que expõe a dificuldade de autores não representados por editoras. Seus esforços nas redes sociais e a pé, com seus livros nas costas, negociando diretamente com livrarias não são exatamente os alvos em que ela gostaria de estar colocando tanta energia. Com eles e os afazeres domésticos resta pouco tempo para a escrita em si.

A trajetória de Caco também conta das dificuldades dessa independência, no estilo de vida que ele próprio considera radical. As experiências de ambos se opõem, em certa medida, ao cenário mais leve e otimista colocado por Ramos na última passagem de sua entrevista, quando fala que, sabendo vender os próprios livros, a autopublicação é uma trilha tranquila e, para alguns, até preferível.

Caco Pontes – *[Sobre sua vida e o começo nas artes...]* Sempre foi uma grande luta, de muitas vezes não ter dinheiro nem para o ônibus, ter que pedir carona, passar por baixo; chegar nos lugares e, muitas vezes, não ter dinheiro para comer

um lanche. Passei por várias coisas desse tipo. Mas fui ganhando malícia também, andar muito pela cidade... Isso me trouxe uma noção de sobrevivência que tem muito valor para mim (...). Me dá essa firmeza também para poder lutar pelos meus ideais, pelo que eu acredito; especialmente por ter a arte autoral como ofício: isso é a prova de choque, mas teve todo um treinamento. Agora, um mais velho, já me sinto indisposto a ter que lidar com certas coisas. Tem horas que eu penso assim: 'Tá, beleza, já passei a vida toda ralando, brigando, quero ficar de boa agora'.

Sob outra óptica, ele, mesmo em sua irreverência, se sustentou até agora pelos caminhos autônomos e, segundo ele, hoje tem até certo conforto e uma área de atuação mais estabelecida no mundo, também por seus próprios esforços. E ela, Dalva, em cerca de três anos desde sua primeira publicação, uma autopublicação, no caso, já protagoniza diversos cursos e eventos na área e até mesmo fechou um contrato com a editora Martelo, que publicará seu próximo livro. São percursos que podem ser considerados de forma otimista.

Pergunta – É possível se sustentar como escritor?

José Falero – Uma história importante; um colega me contou que tinha um amigo que se definia como fotógrafo. Aí é doido, porque, se tu parar para pensar, ele tinha uma câmera, na real, ia nos lugares, fazia fotos, mas ele não ganhava dinheiro com isso, ele não se sustentava assim. Ele tinha ganhado um apartamento do pai, tinha uma renda que ganhava da família, mas ele se definia como fotógrafo. Um monte de gente, às vezes, se define como escritor e diz que vive disso, mas não vive. Vive de herança, no fim das contas.

Dalva Maria Soares – A literatura ainda não me proporciona o suficiente para eu pagar minhas contas. Em 2020, quando eu lancei o primeiro livrinho, eu tive que chamar o casal que me aluga a casa, que é um casal de amigos, e perguntar a eles: 'Vocês segurariam o aluguel durante seis meses para eu poder investir na literatura?'. Eles disseram que sim e me encorajaram. Mas aí veio a pandemia. E

ficou tudo mais difícil, os preços subiram muito. Ou seja, para resumir, tem três anos que eu não pago aluguel. A venda dos livrinhos me possibilita grana para eu pagar as minhas contas, mas se eu pagar o aluguel, mesmo tendo doutorado, eu vou ficar em insegurança alimentar.

Antonio Prata – Difícil, difícil. Eu tenho várias particularidades que tornam, para mim, isso mais fácil. A primeira é que tenho um tipo de texto muito acessível; escrevo de maneira abrangente. Se eu fosse poeta, seria muito mais difícil, praticamente impossível. E depois isso, escrevo roteiro, escrevo crônica. Um romancista, um contista, um poeta terão que fazer trabalhos paralelos à escrita: dar aula, organizar eventos. Assim: acho que é praticamente impossível viver de livro no Brasil. Quem vive de livro? Meia dúzia de pessoas. (...) O livro no Brasil vende muito, muito pouco. Os autores que são considerados de êxito, Michel Laub, Daniel Galera, ou outros mais populares, como Tati Bernardi, ou eu... O número que vendem não é suficiente para se sustentarem.

Ricardo Ramos Filho – É, olha, classicamente o escritor precisa fazer alguma outra coisa para viver. O escrever não é atividade principal. (...) Sempre foi difícil. Escritores e escritoras lutam com dificuldade. O Brasil lê muito pouco. Sempre houve necessidade de outras carreiras. (...) O escritor é cada vez mais pobre e tem dificuldade de pagar a anuidade.

José Falero – Historicamente no Brasil, as pessoas que tradicionalmente publicam em sua maioria são de classe média e que normalmente já tem alguma aproximação com as letras, por exemplo, jornalistas, críticos ou até livreiros. Essas pessoas, antes mesmo de entrarem na vida profissional, são, desde pequenas, acostumadas com um padrão de consumo específico da classe média. Então tem vezes que se você perguntar, elas vão dizer 'Não é possível viver como escritor no Brasil'. Claro, não é possível sustentar aquele padrão de consumo delas. Mas eu vivia com 500 reais por mês, entendeu? Teve época que vivíamos, eu e minha mãe, ela desempregada e com 500 reais a gente sustentava os dois. Então para mim é muito

mais simples sobreviver da escrita, porque eu estou acostumado a lidar com pouco dinheiro.

Ricardo Ramos Filho – Até algum tempo atrás, a gente contava nos dedos o número de escritores que viviam do que escreviam. Hoje, a gente tem mais gente vivendo do que escreve. Porque, também, o mercado se ampliou um pouco. Antigamente, viver do que escrevia era viver apenas de direito autoral. Você publicava o livro, recebia direito autoral por ele. Hoje, o escritor faz mais coisas.

Dalva Maria Soares – Às vezes eu escuto as pessoas falando: ‘impossível viver de literatura neste país’. Eu penso, ‘velho, se eu vivia dando aula na rede estadual ganhando 1900 reais...’ Às vezes eu recebo, em um cachê, 2 mil. *Quem* não consegue viver de literatura?. Acho que quando a gente vive com pouco, como é meu caso, o do Falero, que ainda não resolveu seu problema financeiro, mas vive com muito mais dignidade hoje do que quando era auxiliar de gesseiro, né? Então eu acho que para a gente, que vem de um lugar social que a gente vem, é possível, porque a gente ganha mais com a literatura do que com nossos trabalhos precarizados.

Antonio Prata – Eu acho que a maior vantagem que meu pai me trouxe, mais do que contatos e tal, foi saber que isso [a escrita] era uma profissão; saber que você podia trabalhar com isso. Muita gente pergunta: ‘quando você descobriu que era escritor?’, como se isso fosse uma ruptura com outro caminho: o cara era engenheiro e aí resolveu ir atrás do seu sonho. Para mim nunca foi isso, o meu sonho é, ao mesmo tempo, a minha engenharia. Eu sempre quis isso, sabia que era possível e sabia das dificuldades também, para eu não me assustar muito com elas.

Caco Pontes – Tem períodos em que eu sinto que está tudo fluindo, em que eu consigo me manter bem e criando perspectivas, mas tem fases bem escassas. De trabalho mesmo, de grana. Então é uma escolha – essa de viver de forma autônoma, do próprio trabalho autoral – meio radical, eu acho, e meio angustiante às

vezes. Mas quando eu penso numa fase da minha vida em que eu tinha que fazer coisas que eu não tinha o menor prazer, só por dinheiro, para me sustentar, isso me dá um certo incentivo, mesmo sabendo que tem as dificuldades. É gratificante também. É um sentimento bem contraditório.

Pergunta – Sobre atrasar o pagamento de contas, vocês...

Dalva Maria Soares – Sim.

José Falero – Estou familiarizado.

Caco Pontes – Acontece...

Antonio Prata – Com muita naturalidade, tive minhas fases.

Pergunta – A experiência de vocês responderá a esta questão.

É possível entrar no mercado da literatura e fazer da carreira de escritor a sua carreira principal?

Todos – Sim.

Outros escritores

Neste momento, algumas outras pessoas começariam a levantar a mão, pedindo a palavra. São outros escritores, também consultados no processo de execução deste trabalho. Eles, apesar de escreverem, têm outros tipos de experiência e perspectiva quanto às possibilidades de atuação na área.

María Elena Morán Atencio, autora de três livros publicados (*Volver a cuándo*, *Os Continentes de Dentro* e *Misceláneas del Desamparo*), dona de um perfil totalmente

voltado para escrita no Instagram (muito ativo, bem-pensado e administrado) e de um site muito profissional sobre suas produções e atuação (que inclui até um vídeo teaser de seu último e premiado livro):

- Por enquanto, eu estou longe de viver da escrita. Não fosse um prêmio que ganhei, **me atrevo a dizer que até agora eu investi mais do que ganhei.** (...) Trabalho com roteiro para cinema. Acho que só pessoas que estouraram mesmo [se sustentam com a escrita literária].

Mariana Salomão Carrara, uma autoras muito comentada do presente, que, com três livros publicados (*Não fossem as sílabas do sábado*, *É sempre a hora da nossa morte amém*, *Se deus me chamar não vou*), chegou duas vezes à final do Prêmio Jabuti e uma ao Prêmio São Paulo de Literatura; presente na Flip de 2023 e também presente nas redes, destacando suas participações midiáticas:

- Puxa, quem será que anda achando que eu posso viver de escrita? *[risos]* **Infelizmente, tenho um trabalho bem árduo e nada literário, sou defensora pública**, e isso ocupa todo o meu tempo, deixando a escrita para férias e finais de semana. (...) Pior que também não me lembro de nenhuma autora com essa autonomia.

Roberto Fideli, jornalista de formação, mestre em Comunicação e professor do curso de Jornalismo Geek na Faculdade Cásper Líbero, escreve fantasia e ficção científica; tem um livro publicado, *A Bicicleta*, além de participações em outras coletâneas, como em publicações do *Multiverso Pulp*, projeto que reúne narrativas épicas de aventura, mistério, fantasia e horror:

- Tudo depende do que você considera “escrita”, na minha atual situação, eu sou considerado aquilo que chamamos de “profissional do texto”. Então, eu faço diversas coisas relacionadas à escrita e que pagam minhas contas, para além da escrita criativa. No meu emprego formal, que é numa agência de publicidade, eu tenho funções de redator e, ocasionalmente, revisor e tradutor

de textos. É esse trabalho que paga as minhas coisas; estou o tempo todo trabalhando com textos, só que não literários. Além dele, eu presto serviços para uma agência literária; faço "leitura crítica". Nesse caso, eu atuo como freelancer mesmo, conforme a demanda da agência. A leitura crítica consiste em ler um manuscrito e formular um relatório com pontos pré-determinados, explicando pro autor os pontos fortes e fracos do seu trabalho, onde eu encontrei furos no enredo, se os personagens são bem desenvolvidos ou não, o que eu acho que pode ser melhorado, qual o potencial mercadológico do texto. Isso também traz um retorno financeiro, só que inconstante, porque depende mesmo da demanda da agência e não é como meu emprego formal, no qual eu trabalho das 9h às 18h. Novamente, estou lidando com escrita e, neste caso, de forma mais próxima com o texto literário, mas é um trabalho muito técnico. E aí, por fim, **eu tenho a minha própria escrita literária, da qual, em termos concretos, eu tiro próximo de nenhum sustento.**

Felipe Castilho – escritor e roteirista, possui diversas publicações, desde 2012, tendo sido indicado ao Prêmio Jabuti, em 2017, com o quadrinho *Savana de Pedra* e, em 2020, com o romance *Serpentário*, publicado pela editora *Intrínseca*. *Ordem Vermelha* é seu livro mais conhecido, um best-seller que saiu pela mesma editora, em conjunto com a CCXP (Comic Con Experience), considerado o maior festival de cultura pop/ geek do Brasil. Já viveu apenas de seus livros, mas hoje, a situação é outra. Escreve principalmente ficção, fantasia e quadrinhos:

– Até 2015-16, eu precisava escrever nas lacunas em meu trabalho CLT (eu estava editando para um selo literário, escritório, tudo aquilo). Eu também fazia filas, *ghost writing*, preparação de texto... E isso fora das minhas 8 horas diárias, depois de pegar transporte até a editora, etc. Eu já curtia o fato de viver do que o **livro** me dava e eu tinha empolgação de sobra. O que aconteceu ali em 2016 foi que fechei um acordo para escrever um livro que me daria muita projeção e senti que não conseguiria fazê-lo apenas nas lacunas de tempo. Pedi as contas, abracei este projeto e muitos outros, indo para games e audiovisual também. Tive mais tempo para meus roteiros de quadrinhos também e **passei bons anos vivendo do que a escrita me**

dava, sem a pressão do trabalho registrado. Foi tudo muito bem, me abriu mais possibilidades, o livro citado foi um sucesso e também resultou em mais possibilidades de eventos que eu pudesse comparecer, sem me preocupar com minha obrigação de escritório.

O negócio é que, no final de 2019, recebi um convite praticamente irrecusável para integrar um estúdio de uma desenvolvedora de games, como roteirista/storyteller. Isso me faria voltar a uma rotina mais dividida entre o trabalho pessoal e o do estúdio, mas, por mim, tudo bem. Produziria menos pessoalmente também, mas isso não seria um problema. Significava também parar de aceitar filas (nunca mais peguei um) e menos participações em eventos. O que eu não imaginava é que em março de 2020 ia acontecer o que aconteceu... enfim. Pandemia, completo caos sanitário, político e social. Meus acertos de direitos autorais em todo este período foram quase nulos. Programas de compra de livros e leis de incentivo desmoronaram, e as editoras enfrentaram crises. A maior parte dos meus livros começou a ficar com estoque baixo, e aí, também tivemos a crise do papel e as reimpressões foram quase todas canceladas. Te digo tudo isso porque agora, no início deste ano, comecei a receber os acertos de direitos autorais do segundo semestre de 2022... E nunca recebi tão pouco. As editoras com contratos ativos comigo não estão dando conta de imprimir e distribuir, e também acho que não há tanto espaço no mercado atual para um escritor que não lançou livro "novo". Meu último foi em 2019. No início de 2020, 2019 era "o ano passado"... mas agora passaram-se o equivalente a séculos-luz para todo o mercado que abraçou esta *persona Zelennial* e *Tik Toker*. Se eu não tivesse aceitado este trabalho [no estúdio], eu não teria como pagar contas neste semestre. Felizmente, eu sou bem pago e tenho uma posição importante nesta desenvolvedora de games...

Mas eu não me sinto fazendo nada autoral. Créditos? São do estúdio. E, não me leve a mal, é muito bom criar coisas com um time de talentos incríveis, com orçamento muito maior que meus projetos pessoais poderiam alcançar, com adiantamentos... Mas eu não consigo me "soltar" como em meus trabalhos autorais. Tem muita coisa que precisa ser simplificada e modificada para atender aos interesses executivos e estratégicos da empresa, e por isso te digo que não vivo da minha escrita "literária". De escrita, sim. Da minha

criatividade, sim. E me sinto experiente o suficiente para abraçar vários projetos ao mesmo tempo além do trabalho com games. (...) O mercado literário não tem sido muito bom comigo, e eu acabo recebendo mais de trabalhos independentes, como meu Catarse Assinaturas [plataforma online de financiamento coletivo] e financiamentos coletivos pontuais, em que eu priorizo o pagamento da equipe e dos artistas envolvidos (eu incluso). **É ridículo como eu consigo mais dinheiro publicando para um grupo pequeno de apoiadores do que recebendo direitos autorais de editoras renomadas.** Mas vamos ver o que acontece quando eu publicar um livro novo. Se tudo der certo, este ano saem no mínimo dois, e aí vou testar minha teoria sobre você "ter" que lançar livro novo o tempo todo para ficar em voga para o mercado literário, para os eventos... Eu realmente não me sinto confortável na velocidade que eles parecem pedir, mas vou tentar adequar isso ao meu cotidiano. Culturalmente falando, estamos em um recomeço aqui no Brasil, mas sofremos baixas muito grandes para serem consertadas em poucos meses. Vai levar um tempo, e enquanto isso me sinto mais seguro mantendo um trabalho menos autoral mas muito mais próspero.

Apontamentos finais

Inicio o fim, sempre provisório, retornando à uma questão matriz neste trabalho. O que é ser escritor? Embora haja chegado a um critério para o trabalho, faz-se necessário constatar que as definições que levam ao título “escritor” são muitas, além de, cada uma em si, maleáveis. É um ofício sem carteirinha ou registro profissional. O jornalista é um profissional do texto, o publicitário pode ser um trabalhador da escrita, os escritores podem ter outras profissões que paguem as contas, poucos são os que vivem diretamente da venda de livros, alguns dedicam a maior parte de suas rotinas à escrita, mas são abastados e não precisam dela viver. Como definir quem é mais escritor? As bordas dependem de muitas circunstâncias, especificidades.

O conflito não é novo. Como bem elaborado pela jornalista, pesquisadora e professora titular sênior da Escola de Comunicações e Artes da USP Cremilda Medina no livro *Notícia, Um Produto à Venda*, a dificuldade para destacar o campo ‘puro’ do escritor vem, no Brasil, pelo menos desde os anos 1900. Do período, que não faz parte do campo de estudo do trabalho, no seguinte trecho, colhem-se breves referências, sem compromisso com a historicidade do tema.

De acordo com a autora, os limites, por exemplo, entre a literatura e o jornalismo, chegam a se confundir ou confluir no corpo que dava espaço ao contista e romancista Paulo Barreto e também ao jornalista João do Rio na cidade do Rio de Janeiro, a uma época em que a imprensa nacional, ela mesma, também definia seus espaços e desenhos. Sob o último pseudônimo, este personagem inovou fortemente a prática do jornalismo brasileiro, sobretudo implementando o método de trazer a rua à reportagem.

Também nessa fase, diante da decadência da boemia literária no Rio de Janeiro, literatos recorriam a jornais-empresa buscando remuneração para suas criações. Hoje não é diferente. Afeitos à produção textual também podem trabalhar em ofícios mais técnicos que podem ser encontrados no campo da revisão, da tradução, dos roteiros, da avaliação de originais, enquanto sonham, na verdade, em dedicar-se ao seu texto artístico e poderem ser reconhecidos e remunerados por ele.

Em maior ou menor escala, pode-se pensar que é necessária a participação de outras instâncias como o governo (citados editais e o PNLD, por exemplo), instituições como o Sesc, casas culturais privadas ou editoras para que o escritor consiga se sustentar nessa profissão, sendo nunca efetivamente “independente”. Ou talvez podendo ser a produção dos escritores, a obra, independente, mas não eles mesmos, as pessoas, por necessitarem incontornavelmente de recursos para a sua sobrevivência.

Por outro lado, se alcança esta área interditada em qualquer profissão. Em última instância, é necessário que o dinheiro venha de algum lugar, o que implica uma interação, interdependência. Instituições podem colaborar também sem fornecê-lo diretamente, como, por exemplo, por meio de prêmios e distinções que trazem reconhecimento e, com isso, bonança futura. Em algum momento, segundos e terceiros estão implicados em toda ocupação.

Seguindo esta lógica, talvez a profissão do escritor seja hoje uma das mais livres, porque, além das possibilidades dos que recebem oportunidades para se unir a grandes empresas, como editoras, existe a via da autopublicação, que democratizou o acesso à produção de livros. Unida à atividade comerciante, o escritor pode, como outros trabalhadores autônomos, ir à luta por si. O autor Wesley Barbosa é um exemplo de sucesso. Dalva Soares traz também a faceta de que não é uma atuação glamurosa ou confortável, no entanto.

Ainda assim, como bem disse Antonio Prata, a realidade de ganhar dez mil reais por mês é algo muito raro no nosso país. Então onde devemos colocar a barra que denomine uma quantia com a qual é possível se sustentar mensalmente? José Falero e Dalva Soares mostraram que essas percepções são muito relativas e, talvez, a dificuldade financeira não se restrinja à profissão do escritor. Pelo contrário, para eles, é a escrita que se apresentou como antídoto às vacas magras. E se, para muitos, ser escritor e viver da escrita é visto como algo muito arriscado ou impossível, era a única opção em Falero via uma carreira para si.

Conversando com Ramos Filho, em dado momento ele disse que “o escritor está cada vez mais pobre”. Sob outra perspectiva, afirmou que “hoje tem mais gente vivendo do que escreve”, o que leva a um questionamento de ordem mais geral. Os escritores estão cada vez mais pobres ou na classe dos escritores cada vez mais cabem pessoas pobres? Ou seja, a classe empobreceu de modo amplo, ou, com a acessibilização a meios como a autopublicação, cada vez mais pessoas pobres têm conseguido se incluir como escritores e fazer parte de tal classe? Talvez ambos...

É possível que hoje em dia seja mais fácil ter uma carreira literária, pela acessibilização a meios de publicação, quando antes, eles eram muito mais centralizados, como a comunicação de massa no geral. Mas, talvez, fazer dessa carreira a sua carreira principal, com certa tranquilidade financeira, seja tão desafiador quanto ou mais do que no passado. Além disso e também pelo fato de a publicação não depender estritamente de circuitos sociais vinculados aos publicadores tradicionais – o que podia acontecer mesmo que involuntariamente, como atestado por Falero e Ramos Filho –, talvez o perfil dos escritores esteja mudando, se pluralizando.

São sinais desse movimento o fato de pessoas como o Falero fazerem parte das tendências literárias hoje, figurando entre os autores de uma das maiores casas editoriais do país e também a evidência de a UBE ter mudado seu estatuto quanto à definição de "escritor", para abranger as pessoas de forma mais abrangente. Com isso, recoloco, sob novo ponto de vista, a importância de notar que começa-se a contar também com a opinião dessa nova classe que passou a ter mais acesso à publicação recentemente quanto ao padrão financeiro de vida dos escritores. Ou seja, com a mudança ou pluralização do perfil dos sujeitos escritores, há uma mudança ou pluralização também da percepção da sustentabilidade dessa carreira.

Se antes os escritores eram quase sempre pessoas de classe média, como apontam entrevistados, a visão das realidades e possibilidades financeiras dessa carreira ficava submetida também aos padrões de vida dessa classe. Hoje, pessoas de origem mais pobre estão tendo mais espaço no mercado literário e adicionam, assim, a sua perspectiva quanto às realidades e possibilidades financeiras de se ser

escritor, mas em comparação às oportunidades que faziam parte dos seus horizontes nos contextos de que partiram.

A acessibilização da publicação atinge também pessoas de outras classes socioeconômicas que, por não terem um contatos, um sobrenome que os destaque, publicações anteriores ou mesmo publicações anteriores bem reconhecidas, talvez antes caíssem na pilha inócuas dos editores citada por Ramos e Falero. É possível que passem a conseguir ganhar visibilidade por meios alternativos e eventualmente chegar, até mesmo por eles, a editores, lembrando da autopublicação e o trabalho de autodivulgação por redes sociais, por exemplo, aconselhados por Ramos Filho.

A citada Aline Bei é uma escritora que está na exceção, de acordo com uma estatística deduzida pelos entrevistados a partir de seus contextos, contatos e experiência na área. Apesar de participar de vários eventos, em um deles, na Livraria Cabeceira, em maio de 2023, disse que hoje vive da renda dos seus livros. Voltando à lente comparativa em relação a outras profissões, se isso é possível, parece anti-intuitivo, por outro lado, que escritores grandemente reconhecidos não consigam viver apenas da sua produção. Seria estranho pedir que um reconhecido engenheiro, contador, professor de línguas tivesse paralelamente outra profissão.

Porém, ao longo do percurso do trabalho, foi curioso notar o que aconteceu: de um ciclo próximo obtive nomes de escritores; entrando em contato, me disseram que não conseguiam, infelizmente, viver da literatura. Pedia a eles, então, pessoas mais próximas desse núcleo, indicações de outros escritores que se encaixariam no perfil. Obtendo resposta dos novos indicados, esses também, em sua maior parte, diziam não se encaixar. O reconhecimento entre pares ou geral, nesta carreira, não necessariamente é determinante para remuneração proporcional. Antonio Prata não faz parte dos cronistas que recebem o teto por crônica; Mariana Carrara não pode viver da literatura; escreve aos fins de semana, por que é defensora pública.

No caso de muitos escritores, essa complementação de renda, às vezes dentro da área e, às vezes, fora, atuando em outra profissão, se faz obrigatória. Como visto, palestras, cursos, oficinas, projetos especiais, curadoria, edição de texto, produção jornalística, organização e produção de eventos literários, interações

com o audiovisual (por roteiros ou negociação da obra para a produção nesse formato) e júri artístico costumam fazer parte do campo de atuação da maior parte dos escritores que não atuam em outra profissão. Tudo isso faz valer a frase: viver de literatura não precisa ser só viver de livros.

Mais essencialmente a remuneração do escritor provém dos direitos autorais dos livros publicados, de prêmios recebidos, também de para as citadas vendas para adaptações em outros formatos, além do audiovisual, Caco mostra que há para a música uma ponte possível.

Em dado ponto, Falero comenta que, além de suas reservas, foi uma vaquinha coletiva que fez possível a necessária reforma de sua casa no passado. Felipe Castilho engrossa o coro colocando como ridículo o fato de acabar ganhando mais dinheiro com uma plataforma de financiamento coletivo do que recebendo direitos autorais de editoras renomadas.

É interessante, por outro lado, ver o inesperado acontecendo contra a estatística e a expectativa: José Falero ganhando bem com seus livros, Dalva Maria segurando as pontas e começando um novo contrato com uma editora, Caco sobrevivendo nessa estrada até hoje pelos caminhos que a sua espontaneidade inegociável escolheu, Wesley Barbosa vendendo milhares de livros sozinho e abrindo sua própria editora.

Restam muitas dúvidas, é claro. Se compreender o cenário atual dos escritores já é difícil, que dirá encerrar o passado ou supor determinado futuro. Aponto, sobre este, apenas uma linha de questionamentos ou provocações entre as diversas possíveis. A autopublicação, a médio prazo, significará uma oportunidade de ascensão a bons escritores ou simplesmente uma avalanche indistinguível de textos? E, a longo prazo, quais critérios operarão certa ordem sobre toda a massa produzida? Quanto o campo das casas tradicionais de publicação se aproximará ao dessa modalidade e de quais maneiras? Na crítica e incorporação de livros disponíveis em tais plataformas? Na conversão delas mesmas em prestadoras de serviços a qualquer um que possa pagar?

Além disso, até que ponto se dará a falta de critérios para a publicação; poderá ela ser totalmente incauta de fato? Quem será responsabilizado em caso de problemas maiores com os conteúdos publicados pelas editoras e plataformas de autopublicação?

E uma outra linha de inquietação: a dificuldade encontrada por esse trabalho ao tentar equilibrar a proporção de escritores homens à de mulheres espelha a realidade editorial fora deste trabalho?

Referências Bibliográficas

MEDINA, Cremilda. *Entrevista, o diálogo possível*, São Paulo, Editora Ática, 1986.

MEDINA, Cremilda e LEANDRO, Paulo Roberto. *A arte de tecer o presente*, São Paulo, Media, 1973.

MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer afetos, signo da relação 2, cotidianos*, São Paulo, Edições Casa da Serra, 2018.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda, Jornalismo na sociedade urbana e industrial*, São Paulo, Editora Alfa-Omega. Na década de 1980, o livro passou a ser publicado pela Summus Editorial.

MEDINA, Cremilda. *Memórias lúdicas em tempo de pandemia*. São Paulo, Portal Edições, 2022.

MEDINA, Cremilda. *Author-Journalist Storyteller's*. **Revista Cajueiro**, v.1, n.1, p. 21-43, nov. 2018.

PONTES, Caco. **Amorfo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2023.

Baião de Spokens. Ver/ Ouvir. Disponível em:

<https://baiaodespokens.wixsite.com/site/verouvir>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

PRATA, Antonio. Cães de aluguel. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 de abr de 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2023/04/caes-de-aluguel.shtml>.

Acesso em: 15 de março de 2023.

FALERO, José. **Mas em que mundo tu vive?** São Paulo: Todavia, 2021.

FALERO, José. **Os supridores**. São Paulo: Todavia, 2020.

FALERO, José. **Vila Sapo**. Belo Horizonte: Venas Abiertas, 2019.

SOARES, Dalva Maria. **Para diminuir a febre de sentir**. Belo Horizonte: Venas Abiertas, 2020.

SOARES, Dalva Maria. **do menino**. Belo Horizonte: Venas Abiertas, 2022.

CANDIDO, Antonio. *O Direito à Literatura. Vários Escritos*. 5a edição, p. 171-193. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20C3%A0%20Literatura.pdf Acesso em 3 de junho de 2023.

Antonio Candido. **Ebiografia.** Disponível em:
https://www.ebiografia.com/antonio_candido/. Acesso em 28 de maio de 2023.

HENRIQUE, Guilherme e MENDES, Vinícius. Um escritor em busca da fórmula mágica da paz. **El País.** Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-08-09/um-escritor-em-busca-da-formula-magica-da-paz.html>. Acesso em 29 de maio de 2023.

SOARES, Dalva Maria. Uma crônica de Dalva Maria Soares | "A janta tá pronta?". **Ser MulherArte**, 14 de abril de 2021. Disponível em :
<http://www.sermulherarte.com/2021/04/uma-cronica-de-dalva-maria-soares-janta.htm>. Acesso em 31 de maio de 2023

Dalva Maria Soares. **Escavador.** Disponível em:
<https://www.escavador.com/sobre/3149857/dalva-maria-soares>. Acesso em 31 de maio de 2023.

Documentário **Nunca Me Sonharam**. Direção: Cacau Rhoden; Produção: Maria Farinha Filmes ;Roteiro: Tetê Cartaxo, André Finotti e Cacau Rhoden; (90 minutos). Trailer Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aE2gOo9rW1w>. Acesso em 4 de junho de 2023.

União Brasileira de Escritores. **UBE**. Disponível em: <https://ube.org.br/>. Acesso em 6 de junho de 2023

União Brasileira de Escritores. **Wikipédia.** Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Uni%C3%A3o_Brasileira_de_Escritores. Acesso em 5 de junho de 2023

Orientação Literária e Análise de Originais. **Ricardo Ramos Filho**. Disponível em: <https://www.ricardoramosfilho.com/>. Acesso em 7 de junho de 2023.

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Nós, 2017.

FILHO, Ricardo Ramos. **Computador Sentimental**. Atual, 1990.

BARBOSA, Wesley. **Parágrafos Fúnebres**. São Paulo: Ficções Editora, 2021.

ZIBORDI, Marcos. Escritor abre editora após vender, sozinho, 10 mil livros. **Terra**, 19 de março de 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/comunidade/visao-do-corre/pega-a-visao/escritor-abre-edita-ra-apos-vender-sozinho-10-mil-livros.14f2505c89827e8574c3e4d5692c5b3bj2ftidol.html>. Acesso em 7 de junho de 2023.

Multiverso Pulp. **Duda Falcão**. Disponível em: <https://dudaescritor.wordpress.com/multiverso-pulp/>. Acesso em 9 de junho de 2023.

EMPREGADOS sem carteira assinada chegam ao maior número da série histórica, diz IBGE. **G1**, 28 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/02/28/empregados-sem-carteira-assinada-chegam-ao-maior-numero-da-serie-historica-diz-ibge.ghtml> Acesso em 9 de junho de 2023.

AUMENTA o número de brasileiros que trabalham no setor público e por conta própria em uma década. **G1**, 31 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/01/31/aumenta-o-numero-de-brasileiros-que-trabalham-no-setor-publico-e-por-conta-propria-em-uma-decada.ghtml>. Acesso em 9 de junho de 2023.

Editora Labrador. Página inicial. Disponível em: <https://editoralabrador.com.br/>. Acesso em 9 de jun de 2023.

Kindle Direct Publishing. **KDP** **Amazon.** Disponível em:
https://kdp.amazon.com/pt_BR/. Acesso em 9 de jun de 2023.

UICLAP. Página inicial. Disponível em: <https://uiclap.com/> Acesso em 9 de jun de 2023.

Mário Prata. **Wikipédia.** Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_Prata. Acesso em 16 de jun de 2023.

PRATA, ANTONIO. Três homens e uma marreta. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 21 de maio de 2023. Cotidiano. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2023/05/tres-homens-e-uma-marreta.shtml>. Acesso em 16 de jun de 2023.

Graciliano Ramos. **Wikipédia.** Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Graciliano_Ramos. Acesso em 16 de jun de 2023.

Vidas Secas. **Wikipédia.** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vidas_Secas. Acesso em 16 de jun de 2023.

Conceição Evaristo. **Wikipédia.** Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Conce%C3%A7%C3%A3o_Evaristo. Acesso em 17 de jun de 2023.

Carolina Maria de Jesus. **Wikipédia.** Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Carolina_Maria_de_Jesus. Acesso em 17 de jun de 2023.

Maria Firmina dos Reis. **Wikipédia.** Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Firmina_dos_Reis Acesso em 19 de jun de 2023.

Jeferson Tenório. **Wikipédia.** Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Jeferson_Ten%C3%B3rio. Acesso em 27 de maio de 2023.

WILLIAMS, Tennessee. **Mister Paradise and Other One Act Plays.** Londres: Penguin Books, 2005.

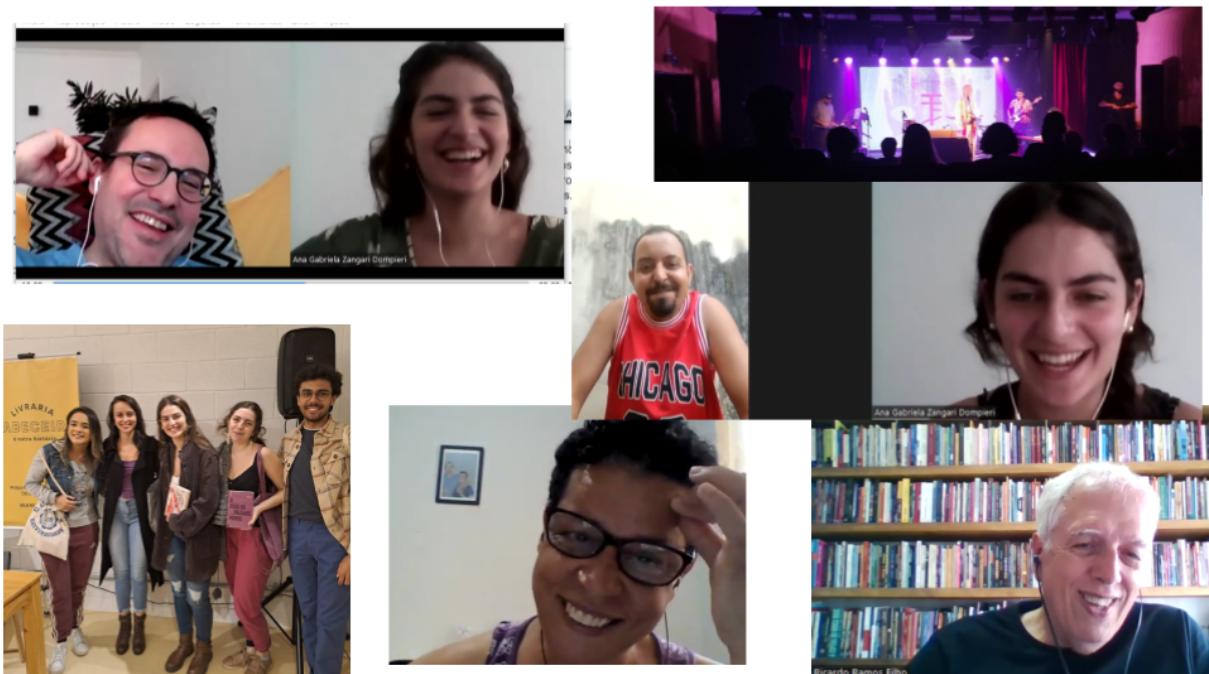
WILLIAMS, Tennessee. **Mister Paradise.** Tradução de Kadi Moreno. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4639813/mod_resource/content/1/MR%20PARADISE.pdf. Acesso em: 17 de maio de 2023.

BLANC, Aldir e BOSCO, João. **O Bêbado e a Equilibrista.** Dabliú, 2013: CD: Pirajá - Esquina Carioca - "A Cozinha do Samba" (5min)

GAGLIONI, Cesar. Este site mostra como escritores organizam suas rotinas. **Nexo Jornal.** 25 de set de 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/09/25/Este-site-mostra-como-escritores-organizam-suas-rotinas> Acesso em: 20 de março de 2023.

Anexo: Memorial

Imagen I:



Colagem de momentos ao longo do trabalho. Da esquerda para a direita, na primeira linha, aparecem Antonio Prata, Ana Gabriela Zangari Dompieri, José Falero, Caco Pontes em apresentação com o Projetonave, no Sesc Pinheiros. Na linha de baixo, Aline Bei, Ana e amigos na Livraria Cabeceira. Na foto seguinte, Dalva Maria Soares e, depois, Ricardo Ramos.

O trabalho de conclusão de curso a que se une este memorial nasceu da vontade de compreender cenários profissionais para jovens na atualidade. Diante de uma sociedade que enfrenta transformações em ritmo mais acelerado do que nunca, não tem tempo de entender consequências psicológicas do advento de novas tecnologias antes que novas cheguem e mudem tudo outra vez e da *uberização* de diversos campos profissionais, além de uma sensação ampla de instabilidade ou

dificuldade financeira, em diferentes faixas etárias, leis trabalhistas e a previdência na mira.

Essa sensação de instabilidade, insegurança ou imprevisibilidade, hoje, se estende a estudantes de grau superior, inclusive das faculdades renomadas. Com tudo isso, o cenário profissional diante de formandos e recém-formados se projeta relativamente amorfo. A ideia original do trabalho era investigar perspectivas profissionais e de vida de jovens que estão nesta etapa de transição agora. Buscaria entender o que entendem como prioridades, o que buscam e que caminhos enxergam, se enxergam, para tanto. Observar que vias esta geração, que vê o declínio de diversas profissões, entende como em ascensão. Juntando a experiência de diversos jovens, atuando em diferentes áreas, que, muitas vezes ficam isoladasumas das outras na prática, o trabalho buscaria traçar um quadro mais amplo do cenário profissional atual que os jovens têm encontrado.

No decorrer do trabalho, por ver-me pessoalmente muito envolvida em diversos níveis nessa temática, achei que poderia ser prejudicial para mim e para o trabalho seguir e acabei optando por explorar um campo profissional específico que resguarda também seus mistérios. O formato não seria muito diferente: aproximar-me da experiência de diferentes pessoas executando suas ocupações, sob seus diferentes princípios, valores e afinidades, buscar visualizar e compreender um pouco das suas vivências, rotinas e horizontes e tentar, por meio dessa pesquisa, formar um quadro maior, que reunisse pernas que cruzam o campo proposto em diferentes circunstâncias. Com isso, tentar enxergar algo da extensão de tal campo em si.

Escritores eram o centro da pesquisa, ou o filtro. Diferentes experiências atravessam tal trama em diferentes pontos, sendo que outra camada em comum entre os pontos de perfuração, casos particulares, teriam que ser a questão do sustento. Ou seja, a investigação era sobre escritores que se sustentavam com a própria escrita artística e como o faziam.

Diante desse objetivo, fui, de modo orgânico, me aproximando de ambientes literários ou canais pelos quais passasse a literatura. Em primeiro lugar, entrevistei

Caco Pontes, que foi o autor cuja experiência me levou a enxergar a viabilidade do trabalho sob a tal proposta da escrita artística como veia de sustento principal. Existe ainda sob muitas formas a ideia de que a escrita é um trabalho de fim de semana, ou algo secundário, não funcionando como flanco central.

Quando Caco Pontes, em novembro de 2022, em uma roda de conversa organizada pelo professor Antonio Vicente Seraphim Pietroforte no I Festival de Poesia da FFLCH-USP, contou a respeito dos livros que produzia à mão e vendia, ele mesmo, na rua, com o coletivo Poesia Maloqueirista, entendi que a escrita tinha uma via independente de trazer renda. Independente no sentido de não precisar do apoio de grandes escritoras, sorte ou ancestrais reconhecidos no mundo da literatura. Por ele, também, descobri que a atividade artística também pode ser o ganha-pão central não só de atores globais, por exemplo. Ele disse que já não dependia de nenhum emprego/ subemprego em outra área para ser artista. Seu sustento era essa mesma via.

A sua experiência foi um pontapé inicial e está contemplada no trabalho. Ao primeiro encontro nada vinculado ao trabalho, que nem existia sob o tema dos escritores entre as minhas ideias ainda, no festival de poesia, somaram-se outros dois. O segundo foi a dita entrevista de fato, no CineSesc da rua Augusta, sugestão dele. Tínhamos outras ideias, ao ar livre também, mas era um dia chuvoso. Eu pedi que ele escolhesse o lugar; algum que tivesse significado em sua vivência como escritor. Tendo se criado escritor entre cinemas, teatro e museus, foi lá que ele escolheu. No fim das contas, essa foi também a minha única entrevista feita pessoalmente. Com outros dois entrevistados, não adiantava nem discutir, moram em outros estados. Antonio Prata, apesar de morar no Sumaré, em São Paulo, estava atarefado demais para se locomover – e como descoberto depois, não tem por hábito fazer reuniões e trabalhar fora da tela. Com os dois especialistas, apesar de também morarem em São Paulo, um deles preferiu responder por email e outro não me lembro bem porque acabou sendo também por videochamada.

O terceiro encontro com Caco, apesar de toda a sequência de virtualidades que se seguiria no trabalho, sem que eu soubesse até então, foi também de forma presencial, já não exatamente sob o pretexto da entrevista e do trabalho

estritamente, mas de um objetivo mais geral, que colaboraria com a aura do trabalho; o objetivo de uma maior imersão nos ambientes que favorecem a circulação, diálogo e produção artística. Fui assistir ao lançamento do seu álbum Órbita, produzido em parceira com o Projetonave, também no Sesc, mas, dessa vez, na unidade Pinheiros. Nessa ocasião tive acesso a uma faceta muito diferente do homem que se sentou comigo e conversou deliciando-se em broinhas de milho e café, enquanto ponderava seus próprios pensamentos, procurava palavras. No palco, um homem muito decidido, de estilo até agressivo algumas vezes. Muito interessante a possibilidade de ver o artista atuando em diferentes contextos, aprofundar-se um pouco mais, permitir-se acompanhar um pouco mais. Ver um pouco mais o que costuma estar ao redor dos seus olhos nos seus dias. Encontrar outras vidas.

Aliás, sinal também auspicioso dessa jornada de aproximação ao contexto da literatura foi o fato de, no mesmo dia e horário, em outro espaço do mesmo Sesc Pinheiros, estava Ailton Krenak, futuramente e por acaso citado em outra entrevista, por Ricardo Ramos Filho. Krenak recebeu o Prêmio Juca Pato, concedido pela União Brasileira de Escritores, que Ramos Filho representa. Esse foi apenas um dos cruzamentos que apareceram ao longo do trabalho e que sinalizavam que a pesquisa estava encontrando núcleos, espaços ou vias interessantes em relação ao tema proposto; estava começando a entender onde se escondiam esses ambientes, quem fazia parte deles e de que maneira.

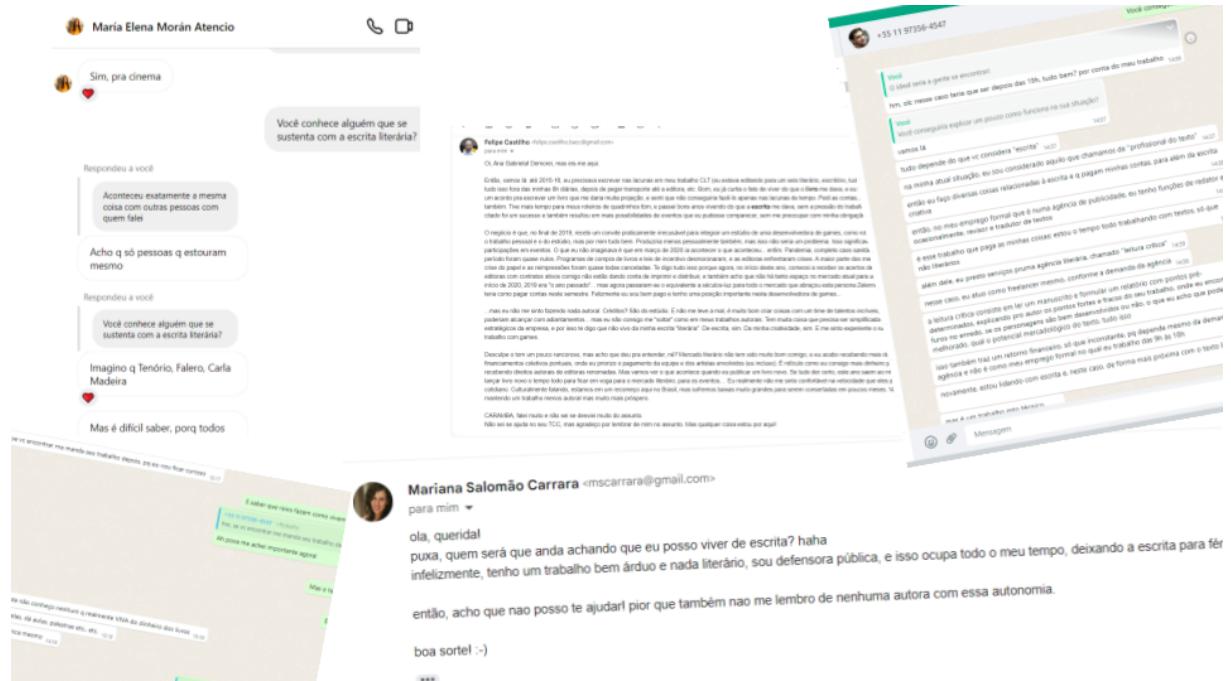
Esses cruzamentos foram acontecendo não de forma maçante e repetitiva, mas sim de forma leve, natural e imprevista. De vez em quando apareciam coisas assim: nomes que se repetiam em contextos totalmente diferentes, referências, nomes de editoras específicas, prêmios, contatos, e tudo isso vindo ou de pessoas que eu conhecia, iluminadas de maneira diferente aos meus olhos sob o tema, ou dos próprios primeiros contatos, das pesquisas feitas na internet. Informações que me deram um certo senso de adentrar um pouco mais que fosse o plasma literário atual do Brasil.

Nisso, conversei com pessoas que não sonharia ter falado. Conheci o trabalho de outras pessoas que ainda não tinha tido a oportunidade. Fui respondida

e considerada, com a proposta do trabalho, por pessoas, renomadas ou não, que não tinham obrigação alguma de compartilhar quais eram suas realidades e acrobacias financeiras. Com isso, entendo que o tema do trabalho, também aos olhos dos envolvidos que se dispuseram a contribuir, tem sentido e relevância.

Aliás, nomes de entrevistados que acabaram sendo centrais no trabalho são o resultado de uma força-tarefa de autores que muitas vezes não se encaixavam totalmente no perfil buscado, mas que se dispuseram totalmente a tentar encontrar pessoas que pudessem se encaixar. Caco veio de minha experiência própria anterior; Antonio Prata, imaginei que, por ser um dos maiores nomes da crônica hoje, poderia se encaixar – e obtive seu contato por meio de pessoas da área. Dalva chegou por meio de Falero, e Falero, por meio de María Elena Morán Atencio, indicada por outra pessoa, por sua vez. Muitos nomes passaram ao longo do caminho, vindos de uma rede que incluiu por exemplo, os outros pesquisadores ao meu redor, no grupo da Profa Dra. Cremilda Medina, colegas do curso de jornalismo e contatos meus anteriores.

Imagen II



Exemplos do mar de contatos feitos ao longo do trabalho, sobretudo para encontrar escritores que poderiam figurar como entrevistados centrais no trabalho

Em todas as entrevistas, encontrei pessoas abertas, solícitas. Às vezes, as conversas começavam com um suposto limite de tempo lançado pelos escritores que se diluía dali a pouco e se deixava fluir, adentrando a tarde sem barreiras. Com cada uma, a conversa, além dos pontos comuns que eram espinha dorsal do trabalho, se dirigia a um lado, com um clima, enfim, particularidades.

Ressalto o processo de orientação quanto a isso. Algo que deu muita confiança para estruturar e seguir um trabalho assim, menos engessado, foi a companhia e perspectiva da profa. Cremilda Medina. Durante diversas discussões em sua sala no CJE-USP e na sua casa, onde nos recebia com café e bolachinhas, ela reatestava que acredita que na pesquisa, o jornalista deve ser livre para se encontrar de maneira espontânea com a realidade e complexidade, nos seus limites como pessoa participante e não narrador onisciente, e depois, ter liberdade também para, de maneira autoral, já com maior noção do conteúdo, encontrar formas que valorizem a sua comunicação, sem compromisso de se ater a formatos gastos e conhecidos.

De acordo com sua perspectiva de pesquisa, na comunicação, em suas diferentes formas, desde a sala de aula até a televisão, não é possível dividir papéis entre um detentor do saber e um receptor, de modo que morre o signo da difusão para que nasça o signo da relação, permeado também pelos afetos. Nas entrevistas, então, desfazem-se os contornos do jornalista como um fazedor de perguntas e o entrevistado, como um fazedor de respostas e a ocasião ganha certa vida própria. Diante disso, me assegurei em persistir com meu movimento natural de deixar cada entrevista ser, de acordo com os participantes, claro, sem perder de vista pilares importantes, mas sem tentar me preocupar em encontrar a estrutura antes do conteúdo, ou seja, sem me preocupar em fazer daquele momento um questionário padronizado entre todos os entrevistados. Realizei as entrevistas dessa forma e, depois, busquei as melhores formas de dizer o que, na minha visão como autora, ou seja, interpretadora da realidade e atribuidora de sentidos a ela, tinha sentido sob a proposta.

A bibliografia oferecida pela professora também contribuiu no sentido de ajudar a quebrar paradigmas formais e concretizar algumas das inúmeras possibilidades de se construir sentido fora de formatações vazias ou supostamente imparciais. Em muitos de seus textos, alguns dos quais conheço desde 2019, quando a conheci em uma de suas aulas da pós graduação na ECA, ela brinca com os narradores, dividindo-os de maneira a valorizar a história ou a mensagem. Por exemplo, em um trecho de “Memórias lúdicas em tempo de pandemia”, citado na bibliografia do trabalho, aparecem discutindo no *Plenário da Narrativa*, os senhores *Verbo no passado*, *Senhora Autoria*, *Senhora Frase Curta*, *Senhora Exclamação*, cada um trazendo sua perspectivas e exigências acerca do que consideram justo e válido no campo do texto.

Agradeço a professora pelo encorajamento e pessoalmente vejo muito sentido em sua posição. Dar forma ao trabalho após o material coletado nas entrevistas foi, acho, a parte mais difícil de todo o processo, principalmente começar a escrever. A resistência de seguir e seguir também. Os momentos em que me senti mais livre foram também os que compuseram minhas partes favoritas do trabalho, como a seção do diálogo entre os autores, que, apesar de pequena, resulta do processo de todas as entrevistas postas em diálogo na minha própria cabeça, o que exigiu bastante das sinapses.

Como disse no próprio trabalho, foi especialmente difícil encontrar pessoas que se encaixassem no perfil procurado. Acho que essa dificuldade é parte que deve se expressar, porque não está apenas ao redor do flanco principal, mas ajuda a formar uma imagem maior do campo remunerado da escrita artística e suas possibilidades, tema do trabalho em si. Digo, nessa dificuldade, não estava atrasando a produção de conteúdo do trabalho, ela também já era parte dele.

Agradeço também aos que se dispuseram a conversar comigo e que, por questões circunstanciais e de organização acabaram não fazendo parte da estrutura deste trabalho, mas que teriam meu absoluto interesse e que seguramente colaborariam para a ampliação do tema. Jeferson Tenório foi um deles, que, também por coincidência – um daqueles cruzamentos de que falava antes –, foi citado por José Falero em sua entrevista. José Carlos Lollo e Eliandro Rocha, que escrevem

para crianças, foram outros com quem teria adorado conversar. Seus nomes apareceram de maneira muito aleatória, quando entrei por acaso em uma livraria especializada em livros infantis que conheço desde pequena do meu bairro – a Casa do Livro. Lá, uma escritora negociava o aluguel do espaço para o lançamento de um livro seu, também autopublicado. Esses temas de vez em quando só apareciam. Nesse mesmo dia, recebi a indicação de Lollo e Elizandro Rocha. No processo descobri também diversas editoras interessantes. De modo geral, acredito que consegui a aproximação que buscava para poder escrever sobre este campo.

Destaco a especial dificuldade de encontrar mulheres para participarem do trabalho. Confesso que não poderia explicar os motivos para isso, pelo menos com a pesquisa que fiz até aqui. Algumas, como alguns homens, responderam e não se encaixavam no perfil. Outras não responderam. Aline Bei disse que participaria e pelo que imagino está extremamente ocupada e não conseguiu, mas disse que falaria coisas importantes acerca disso. Fiquei muito feliz quando encontrei Dalva para participar. Eu fazia questão que houvesse mulheres escritoras contempladas no trabalho e estava trabalhando para isso, mas, na prática, quando eu olhava os retornos, os contornos como iam ficando, havia quase só homens. A notar que até mesmo os contatos que acabei não entrevistando são, também, todos homens. Dalva, em sua entrevista, levanta pontos importantes acerca da questão de gênero. Mesmo assim, gostaria ter a participação de mais alguma mulher escritora que sustentasse assim e pudesse somar sua perspectiva ao trabalho, equilibrando melhor o quadro de entrevistados. Mas, como disse a respeito da dificuldade dois parágrafos acima, talvez a má distribuição entre gêneros também tenha conteúdo em si e não falha do trabalho. Talvez seja justamente demonstração do encontro com a realidade.